



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

DENIZE DE SOUZA CARNEIRO

CONSTRUÇÕES NEGATIVAS EM SATERÉ-MAWÉ

Uberlândia
2012



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

DENIZE DE SOUZA CARNEIRO

CONSTRUÇÕES NEGATIVAS EM SATERÉ-MAWÉ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para o título de mestre em Linguística.

Área de concentração: linguística e linguística aplicada.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Dulce do Carmo Franceschini.

Uberlândia
2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

- C289c Carneiro, Denize de Souza, 1975-
2012 Construções negativas em sateré-mawé / Denize de Souza Carneiro. --
2012.
119 f. : il.
- Orientadora: Dulce do Carmo Franceschini.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.
1. Linguística - Teses. 2. Índios - Línguas - Teses. I. Franceschini,
Dulce do Carmo. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-
graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

DENIZE DE SOUZA CARNEIRO

CONSTRUÇÕES NEGATIVAS EM SATERÉ-MAWÉ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para o título de mestre em Linguística.

Área de concentração: linguística e linguística aplicada.

Uberlândia, 29 de Fevereiro de 2012

Banca Examinadora

Dulce Franceschini

Prof.^a Dr.^a Dulce do Carmo Franceschini – UFU/LALI-UnB
(Orientadora e Presidente)

Cármem H. Agustini

Prof.^a Dr.^a Cármem L. H. Agustini – UFU
(Membro Interno)

Ana Suely A. C. Cabral

Prof.^a Dr.^a Ana Suely Arruda Câmara Cabral – LALI/UnB
(Membro Externo)

Dedico este trabalho:

ao povo Sateré-Mawé;
a Aryon Dall'Igna Rodrigues;
a Dulce C. Franceschini;
a Ana Suelly A.C. Cabral.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo seu infinito amor, que me permitiu viver nesses dois anos e meio importantes experiências e conhecer muitas pessoas de bem.

À Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e ao Instituto de Letras e Linguística (ILEEL), pela oportunidade de realizar este curso, que muito contribuiu para minha formação acadêmica.

À Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), pela bolsa de estudos, sem a qual não seria possível realizar este trabalho.

À Fundação Nacional do Índio (FUNAI), pela autorização de ingresso à Terra Indígena Andirá-Marau.

À Organização dos Professores Indígenas Sateré-Mawé dos rios Andirá e Waikurapá (OPISMA), pelo total apoio durante essa pesquisa.

Aos Sateré-Mawé, por tudo: conhecimentos recebidos, amizade, respeito, gentileza, acolhida calorosa em todas as viagens à Área Indígena etc. Especialmente a José de Oliveira dos Santos da Silva, “amigo de fé e irmão camarada”, que não mediu esforços para me ensinar o que sabe sobre sua língua; agradeço também à sua família - Valmira, Jonias, Yasmim e Waham -, pela atenção e carinho.

Aos demais amigos Sateré-Mawé: Hélio dos Santos, Salém T. Miquiles e Edinelson Andrade, pelos bons momentos de discussão e estudo sobre a língua Sateré-Mawé.

À Evarista C. de Freitas e Bernardino F. Trindade, pela gentil acolhida em sua casa.

À comunidade de Simão e de São José Novo, pela recepção e estada calorosa.

À professora Dulce do Carmo Franceschini, por ter acreditado em mim deste a graduação e pela oportunidade única desse mestrado, cuja valiosa orientação contribuiu muitíssimo para minha formação acadêmica.

À professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, por sua preciosa colaboração nesta pesquisa.

À professora Cármen Agustini, com quem convivi um semestre e pude aprender um pouco sobre as teorias linguísticas, pela contribuição sincera durante as bancas de qualificação e defesa de mestrado.

À professora Eliane Silveira, pelos conhecimentos sobre Saussure.

À minha família: *mamãe Irenize*, meus *irmãos* (Deize, Deluiza, Dainessa, Diane, Dany, Ironilson, Israel e Izaac), *sobrinhos* (Enzzo, João Vitor, Igor,

Heloise, Caroline, Beatriz e Guilherme) e *cunhados* (Ana Maria, Zé Roberto e Wallace). Agradeço especialmente a Deize, minha irmã guerreira e alto astral, com quem sempre posso contar.

À minha família mineira, dona Maria José, seu Evando, Gisele, Wesley e Vali, pela acolhida calorosa, apoio e torcida.

À minha família Focolari Manauense, Barreirinhense, Parintinense e Uberlandense, pela compreensão, orações e torcida.

Ao Rogério Cardoso Mendes, “grande homem/homem grande”, com valores que sempre apreciei, meu companheiro de todas as horas, pelo apoio constante, incentivo, compreensão, carinho e paciência.

À Virgínia N. Peixoto, pela amizade, atenção, compreensão, companhia e por somar conosco nessa aventura de estudos da Língua Sateré-Mawé.

À Fernanda F. Spoladore, pela amizade, atenção e apoio em Uberlândia; também pela ajuda nos textos em inglês.

À Carolina M. Coelho e Ilene Círia, pela amizade especial.

Aos amigos Parintinenses, Izete, Fátima, Antônio, Gleide, Andréia, Kelson e Andrei, pelo apoio que sempre me deram no trabalho desenvolvido junto aos Sateré-Mawé. Também a Maria Clara e Marco Antônio, que tornaram a última estada em Parintins mais divertida.

À madrinha Ana Maria, pela lembrança e orações.

Às amigas Chiara Costa, Glória Magalhães, Claudia Souza Cutar, Patrícia Colares, Jeiviane Justiniano, Roseanny Brito, Ana Maria Guimarães e ao amigo Renato Estrela, pela especial amizade e torcida.

Aos colegas do mestrado e doutorado em Linguística da UFU, pelos bons momentos de discussões e amizades.

ÍNDIO DO BRASIL

Sou igara nessas águas,
Sou a seiva dessas matas
e o ruflar das asas de um beija-flor.
Eu vivia em plena harmonia com a natureza,
mas um triste dia o kariwa invasor
no meu solo sagrado pisou,
desbotando o verde das florestas,
garimpando o leito desses rios.
Já são cinco séculos de exploração,
mas a resistência ainda pulsa no meu coração:
Na cerâmica Marajoara, no remo Sateré;
Na plumária ka'apor, na pintura kadiwéu;
No muiraquitã da icamiaba;
Na zarabatana Makú, no arco Mundurukú;
No manto Tupinambá, na flecha kamayurá;
Na oração Dessana.

Canta índio do Brasil

Canta índio do Brasil

Anauê nhandeva, anauê hei, hei, hei!

"Dos filhos deste solo és mãe gentil pátria amada Brasil".

(Toada Boi-Bumbá Garantido, Parintins/AM, 2004)

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma descrição e análise da negação em sateré-mawé. Esta língua é falada pelos Sateré-Mawé, que somam uma população de 10.477 pessoas e vivem na Terra Indígena Andirá-Marau, situada na divisa dos estados do Amazonas e do Pará. A partir do arcabouço teórico dos estudos da Linguística Descritiva e Tipológica, sob a perspectiva teórica do Funcionalismo Estrutural, com base, principalmente, em André Martinet (1964), Claude Hagège (1982), Gilbert Lazard (1994), Denis Creissels (2006 e 2010); como também em Benveniste (1989 e 2005), Payne (1997) e Touratier (2007), buscamos compreender os mecanismos morfossintáticos da negação em sateré-mawé. A partir da análise de um *corpus* constituído pela seleção de enunciados negativos em narrativas orais, enunciadas em diferentes contextos reais de comunicação, como também em diversas narrativas escritas por falantes dessa língua, constatamos que a negação em sateré-mawé se realiza mediante o emprego de diferentes morfemas descontínuos, a saber: a) um morfema para negar enunciados assertivos; b) um morfema empregado para negar enunciados imperativos; um morfema empregado para negar enunciados optativos. Ainda no âmbito deste trabalho, apresentamos uma análise preliminar da organização do enunciado no nível enunciativo-hierárquico, a partir da qual constatamos que a negação em sateré-mawé apresenta o traço inerentemente *focal*.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas Indígenas; Língua Sateré-Mawé; Negação; Focalização.

RÉSUMÉ

Cette dissertation présente une description et une analyse de la négation en sateré-mawé. Cette langue est parlée par les Sateré-Mawé, qui comptent une population de 10.477 (FUNASA, 2010) personnes et vivent dans la Terre Indigène *Andirá-Marau*, située à la devise des états de l'Amazonie et du Pará. C'est à partir des études de la Linguistique Descriptive et Typologique, sous la perspective théorique du Fonctionnalisme Structurale, principalement, de André Martinet (1964), Claude Hagège (1982), Gilbert Lazard (1994), Denis Creissels (2006 et 2010); et de Benveniste (1989 et 2005), Payne (1997) et Touratier (2007), que nous cherchons comprendre les mécanismes morfosyntaxiques de la négation en sateré-mawé. À partir de l'analyse d'un corpus constitué d'énoncés négatifs sélectionnés dans des narratives orales, énoncées dans de différents contextes réels de communication, bien comme dans de divers textes écrits par des enseignants indigènes, nous constatons que la négation en sateré-mawé se réalise par l'emploi de différents morphèmes, à savoir: a) un morphème pour nier des déclarations assertives; b) un morphème employé pour nier des énoncés impératifs; c) un morphème employé pour nier des énoncés optatives. Encore dans le contexte de ce travail, nous présentons une analyse préliminaire de l'organisation de l'énoncé au niveau énonciatif-hiérarchique, à partir de laquelle nous constatons que la négation en sateré-mawé présente le trace inhérentement *focal*.

PALAVRAS-CHAVE: Langues Indigènes; Langue Sateré-Mawé; Négation; Focalisation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1AG	Primeira pessoa agentiva
1INAT	Primeira pessoa inativa
1INCL	Primeira pessoa inclusiva
1SG	Primeira pessoa singular
2PL	Segunda pessoa plural
1SG	Primeira pessoa singular
3SG	Terceira pessoa singular
3AG	Terceira pessoa agentiva
3PL.AG	Terceira pessoa plural agentiva
S3:1	Índice de sujeito
ASP	Aspecto
AUX	Auxiliar
AT	Voz ativa
ATEL	Aspecto Atélico
ATR.I	Atributivo I
ATR.II	Atributivo II
ACP	Acabado
CONNECT	Conector
COP	Cópula
DEM	Demonstrativo
DET	Determinante
DISJ	Disjunto
FIN	Finalidade
FVN	Forma verbal não finita
FUT	Futuro
GEN	Genitivo
IMP	Imperativo
IMPF	Imperfeito
INAC	Inacabado
INV	Voz inversa
MD	Voz média

MOD	Modal
NEG	Negação
NOMZ.	Nominalizador
OPT	Optativo
P.3	Terceira pessoa / pronome ‘ele’
PART	Partícula
PERF	Perfeito
PASS	Passivo
PL	Plural
PL. PART	Plural partitivo
POS	Possessivo
POSP	Posposição
PR	Pronome
PRES	Presente
PROG	Progressivo
PROF	Proforma
PT. ENF	Partícula enfática
PT. ENUNC	Partícula enunciativa
Rd.Nn.Gen.	Radical nominal genérico
REL	Relativo
REFL	Reflexivo
TEL	Aspecto Télico

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa do Brasil.....	17
Figura 2: Mapa do Amazonas	17
Figura 3: Mapa da região do rio Andirá	18
Figura 4: Mapa da região do rio Marau	19
Figura 5: Fotos de casas Sateré-Mawé estilo tradicional.	20
Figura 6: Fotos de casas Sateré-Mawé estilo das casas de ribeirinhos.....	21
Gráfico 1: Crescimento populacional Sateré-Mawé.....	20
Gráfico 2: Tronco Tupi.....	25
Quadro 1: Alfabeto Sateré-Mawé.....	26
Quadro 2: Consoantes Sateré-Mawé.....	27
Quadro 3: Vogais em Sateré-Mawé.....	27
Esquema 1: Relação entre os planos semântico-referencial e morfossintático.....	41
Esquema 2: Escala de topicalidade.....	44

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	i
AGRADECIMENTOS.....	ii
EPÍGRAFE.....	iv
RESUMO.....	v
RÉSUMÉ.....	vi
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	vii
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	ix
INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1: OS SATERÉ-MAWÉ.....	16
1.1 Localização.....	16
1.2 População e migração.....	19
1.3 Situação sociolinguística.....	23
1.4 A língua Sateré-Mawé.....	24
1.4.1 Estudos sobre a língua Sateré-Mawé.....	25
1.4.2 Característica da língua Sateré-Mawé.....	26
CAPÍTULO 2: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	32
CAPÍTULO 3: A NEGAÇÃO.....	47
3.1 A noção de negação.....	47
3.2 A negação de frase.....	51
3.3 Mecanismos morfossintáticos da negação nas línguas do mundo.....	54
3.3.1 Negação por partículas.....	54
3.3.2 Negação morfológica.....	56
3.3.3 Auxiliares de negação.....	58
3.3.4 Outras manifestações da negação.....	60

3.4 Palavras negativas.....	62
3.4.1 <i>Determinantes negativos</i>	63
3.4.2 <i>Proformas negativas</i>	64
3.5 Negação e focalização	64
CAPÍTULO 4: METODOLOGIA	66
4.1 A pesquisa-ação.....	67
4.1.1 <i>Engajamento junto à população participante da pesquisa</i>	68
4.1.2 <i>Contexto da pesquisa</i>	69
4.2 Procedimentos e técnicas de análise.....	70
4.2.1 <i>Pesquisa bibliográfica</i>	70
4.2.2 <i>Pesquisa de campo</i>	71
4.2.3 <i>Constituição do corpus de pesquisa</i>	75
4.2.4 <i>Procedimentos de análise</i>	77
CAPÍTULO 5: A NEGAÇÃO EM SATERÉ-MAWÉ	78
5.1 A negação de enunciados assertivos.....	79
5.1.1 <i>Negação de predicado sem modalização</i>	80
5.1.2 <i>Negação de predicado com modalização</i>	84
5.1.3 <i>Negação de constituinte em função actancial</i>	90
5.1.4 <i>Negação de circunstante</i>	91
5.2 A negação de enunciados imperativos e optativos	91
5.2.1 <i>A negação de enunciados imperativos</i>	92
5.2.2 <i>Negação de enunciados optativos</i>	94
CAPÍTULO 6: A NEGAÇÃO E FOCALIZAÇÃO DE CONSTITUINTES EM SATERÉ-MAWÉ	97
6.1 Ordem dos termos em uma construção canônica ou ‘neutra’	97

6.2 A focalização de constituintes em enunciados afirmativos	100
6.2.1 Focalização do primeiro actante ou do actante único	100
6.2.2 Focalização do segundo actante	103
6.2.3 Focalização do circunstante	104
6.3 Negação e focalização de constituintes em Sateré-Mawé	104
6.3.1 A focalização do primeiro actante ou actante único	105
6.3.2 A focalização do segundo actante	107
6.3.3 A focalização do circunstante	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	113
ANEXOS	118

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa apresenta os resultados de uma descrição e análise da negação em sateré-mawé.

A Língua Sateré-Mawé foi classificada por Aryon D. Rodrigues (2002) como único membro da família linguística de mesmo nome pertencendo ao tronco Tupi. É uma das línguas indígenas mais faladas do Brasil, usada pelos Sateré-Mawé (10.477 pessoas, *cf.* FUNASA, 2011), que vivem em sua maioria na Terra Indígena Andirá-Marau, situada entre os Estados do Amazonas e do Pará.

Diante do cenário de perda das línguas indígenas na história do Brasil, constatamos que a língua Sateré-Mawé é uma das sobreviventes das mais de 1.000 línguas indígenas que eram faladas no início da colonização. Segundo Rodrigues (1993 e 2005), atualmente existem 220 povos indígenas, mas apenas 180 línguas indígenas ainda são faladas por uma população de cerca de 160 mil pessoas, o que significa que 40 povos indígenas não falam mais suas línguas. Destas, 13% (24 línguas) têm mais de 1.000 falantes; 60% (108 línguas) têm entre 100 a 1.000 falantes; 27% (50 línguas) têm menos de 100 falantes. Considerando-se que línguas com menos de mil falantes são línguas fortemente ameaçadas de extinção, 87% das línguas indígenas brasileiras, por possuírem menos de 1.000 falantes, se encontram em processo de extinção.

Mediante esses números, a língua Sateré-Mawé, não se encontra em processo de extinção, uma vez que possui mais de 5 mil falantes; no entanto, há um processo constante de enfraquecimento, em função do uso frequente da língua majoritária e de prestígio, a *portuguesa*, principalmente, por membros do grupo que habitam nas comunidades situadas na entrada da Terra Indígena Andirá-Marau, como também pelos indígenas que viajam constantemente para cidade (*cf.* item 1.3, p.25).

No que concerne a sua documentação, a Língua Sateré-Mawé vem sendo estudada há quase 20 anos, pela linguísta Dulce do Carmo Franceschini, que fez uma descrição e análise morfossintática dessa língua e continua desenvolvendo estudos linguísticos e projetos de pesquisa-ação sobre a língua e cultura Sateré-Mawé, juntamente com um grupo de professores indígenas e alunos de mestrado. Dentre outros projetos, Franceschini desenvolve o projeto *Aspectos morfossintáticos da Língua Sateré-Mawé*, do qual esta pesquisa faz parte.

A escolha do tema deste estudo se deve, principalmente, à relação/envolvimento que já possuíamos com os Sateré-Mawé, por meio do trabalho de assessoria que realizamos à

OPISMA¹ (Organização dos Professores Indígenas Sateré-Mawé dos rios Andirá e Waikurapá), na execução e gerenciamento do projeto *Revitalização da língua e de Práticas Culturais Tradicionais Sateré-Mawé*, financiado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) desde 2006, conforme apresentamos no quarto capítulo deste trabalho.

A importância de se documentar as línguas minoritárias, do ponto de vista social, visando o fortalecimento das mesmas, é inegável e, somada à carência de pesquisas voltadas para a produção do conhecimento acerca das línguas indígenas, demonstra a relevância acadêmica desta pesquisa. Rodrigues (1999, p.4) afirma que é tarefa urgente documentar, analisar, comparar e tentar reconstruir a história filogenética das línguas sobreviventes, pois, caso contrário, muito entendimento sobre a capacidade de produzir línguas e comunicar-se ficará perdido com cada língua indígena que deixa de ser falada.

De acordo com Campbell (2011), existem atualmente cerca de 420 famílias linguísticas no mundo, destas 108 estão na América do Sul, sendo que a maioria encontra-se no Brasil (estima-se 60 famílias, com 180 línguas). Para Campbell, uma grande dificuldade para a reconstrução filogenética das línguas dessa região é a falta de descrição, pois muitas delas não apresentam nenhum registro.

Podemos dizer, então, que a importância desse tipo pesquisa consiste em vários aspectos, como: (1) Responder à carência de pesquisas voltadas para a produção do conhecimento acerca das línguas indígenas; (2) Responder à necessidade de descrever as línguas para o desenvolvimento da linguística teórica, pois a descrição é o primeiro passo para a elaboração de teorias gerais e “os dados sistematizados dessas línguas não suficientemente conhecidas poderá revelar a existência de fenômenos ainda não contemplados nas formulações teóricas e, com isso, gerar ajustes e/ou reformulações de teorias e hipóteses” (SEKI, 2003 apud CARDOSO, 2008, p.1); (3) Contribuir para o fortalecimento da língua indígena, principalmente, no contexto da educação formal, por exemplo, por meio da elaboração de material didático com a finalidade de auxiliar seu ensino na Escola.

Esse último aspecto é de grande importância para colaborar na construção da Escola contextualizada à realidade indígena, conforme previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional² (Art. 79º e Art. 80º), a qual estabeleceu que os indígenas têm direito a

¹A Organização dos professores Indígenas Sateré-Mawé dos rios Andirá e Waikurapá (OPISMA) existe desde 1999. Representa mais de 100 professores indígenas e desde 2006 é coordenada pelo professor Sateré-Mawé José de Oliveira dos Santos da Silva. Foi na sua gestão com apoio de Dulce Franceschini que a organização foi estruturada oficialmente, como também conseguiu seu primeiro projeto - “Revitalização da Língua e de Práticas Culturais Tradicionais Sateré-Mawé” -, por meio do qual comecei trabalhar com os Sateré-Mawé.

² Cf. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

uma educação específica, visando recuperar, revitalizar, fortalecer as suas memórias históricas, assim como suas línguas e conhecimentos tradicionais, reafirmando suas identidades étnicas.

Portanto, visando colaborar com o estudo científico da língua Sateré-Mawé essa pesquisa teve como objetivo geral *descrever e analisar os morfemas de negação e o funcionamento do sistema negativo em Sateré-Mawé*; este objetivo, por sua vez, desdobrou-se nos seguintes objetivos específicos: a) descrição dos morfemas de negação da Língua Sateré-Mawé e análise de seu estatuto categorial; b) descrição e análise dos diferentes parâmetros envolvidos na seleção dos morfemas de negação; c) descrição e análise da negação dos diferentes tipos de enunciados; d) descrição e análise do funcionamento da negação de constituintes.

Esta dissertação está organizada em seis capítulos, os quais estão assim distribuídos:

No primeiro capítulo, apresentamos os dados contextuais do grupo Sateré-Mawé, ou seja, denominação, localização, população, processo migratório, estudos já realizados e um panorama sobre as características da língua Sateré-Mawé, apresentando os aspectos fonológicos, a ortografia e as características morfossintáticas.

No segundo capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos que foram considerados nesse estudo sob a perspectiva teórico-metodológica do Funcionalismo Estrutural e da teoria enunciativa de Benveniste.

No terceiro capítulo, apresentamos os estudos voltados para a análise da negação nas línguas em geral, isto é: a noção de negação; a negação de frase; mecanismos morfossintáticos da negação; palavras negativas; negação e focalização.

No quarto capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos empregados nesta pesquisa (pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, constituição do *corpus*), como também, nosso engajamento junto aos Sateré-Mawé.

E, nos dois últimos capítulos, apresentamos os resultados da descrição e análise da negação em Sateré-Mawé. Ou seja, no quinto capítulo apresentamos: a) análise de enunciados que apresentam o morfema descontínuo para negar enunciados assertivos; b) análise de enunciados que apresentam o emprego do morfema descontínuo para negar enunciados imperativos; c) análise de enunciados que apresentam o emprego do morfema descontínuo para negar enunciados optativos.

No sexto capítulo, apresentamos uma análise preliminar da focalização de constituintes em enunciados negativos Sateré-Mawé, isto é: a) a focalização do primeiro actante; b) a focalização do segundo actante e c) a focalização do circunstante.

CAPÍTULO 1: OS SATERÉ-MAWÉ

O grupo Sateré-Mawé foi denominado por viajantes e etnólogos por vários nomes, a saber: Maooz, Mabué, Mangués, Manguês, Jaquezes, Maguases, Mahués, Magués, Mauris, Mawés, Maraguá, Mahué, Magueses (PEREIRA, 2005). No entanto, seus membros se autodenominam pelo nome composto *Sateré-Mawé*.

O primeiro nome, *Sateré*, significa lagarta de fogo e se refere ao principal clã dentre os vários clãs que compõem o grupo, uma vez que indica tradicionalmente a linha sucessória dos tuxauas³ (LORENZ, 1992, p. 11). O segundo nome, *Mawé*, por sua vez, não designa clã; refere-se mitologicamente ao papagaio *Awaru* que era esperto, falante, inteligente e que ajudou *Nek'i*, ser mitológico na figura de homem, a salvar os Sateré-Mawé de serem extintos pelas onças (informação verbal⁴), ou seja, *Nek'i* com a ajuda de *Awaru* conseguiu matar a onça símbolo da extinção dos Sateré-Mawé.

É importante ressaltar que além do clã Sateré, há vários outros, a saber: *gãp* (“caba”), *moi* (“cobra”), *warana* (“guaraná”), *akuri* (“cutia”), *waça'i* (“açai”), *hywi* (“gavião”), *awi'a* (“abelha”), *sāri* (“formiga”), *win* (“mosca”); *ypara* (“macaco da noite”), *ūwa* (“flecha”), *musē* (“pimenta”), *himpa* (“tamanduá bandeira”), *sahu* (“tatu”), *urīt'i* (“inambu”); *mokiu* (“ingá”), *miriti* (“buriti”), *wēri* (“peixinho”) e outros.

1.1 Localização

Os Sateré-Mawé, grupo de língua e cultura Tupi, com mais de 400 anos de contato, vive na Terra Indígena (T.I.) Andirá-Marau, situada na região do Médio rio Amazonas, na divisa dos estados do Amazonas e do Pará.

A Terra Indígena Andirá-Marau foi homologada em 6 de agosto de 1986 com uma demarcação que compreende 788.528 hectares (ha) e perímetro de 477,7 km, a qual está

³*Tuxaua* é um termo *tupi* usado pelos Sateré-Mawé para nomear o líder comunitário, o cacique. As comunidades da Terra Indígena Andirá-Marau, contam geralmente com um tuxaua para cada comunidade e um tuxaua geral para cada sub-região da Terra Indígena, a saber: a) sub-região do rio Andirá – 51 tuxauas das comunidades + 01 tuxaua geral; b) sub-região do rio Marau-Urupadi - 42 tuxauas das comunidades + 01 tuxaua geral; c) sub-região do rio Waikurapá – 06 tuxauas das comunidades + 01 tuxaua geral.

⁴ Informação fornecida por José de Oliveira, indígena Sateré-Mawé, coordenador da OPISMA, em janeiro de 2011.

distribuída em três municípios do Amazonas e dois do Pará, compreendendo os seguintes hectares por município: 148.622 ha - município de Maués/AM; 30.994 ha - município de Parintins/AM; 143.044 ha - município de Barreirinha/AM; 350.615 ha - município de Itaituba/PA; e, 115.253 ha – município de Aveiro/PA (TEIXEIRA, 2005). No entanto, mesmo abrangendo esses dois estados, a jurisprudência desta Terra está sob a responsabilidade, apenas de um, isto é, do Estado do Amazonas sob a administração dos municípios de Parintins, Barreirinha e Maués, os quais administram principalmente os recursos da saúde e da educação destinados aos Sateré-Mawé.

Os mapas abaixo ilustram a localização da Terra Indígena Andirá-Marau.

BRASIL



Figura 1: Mapa do Brasil

AMAZONAS

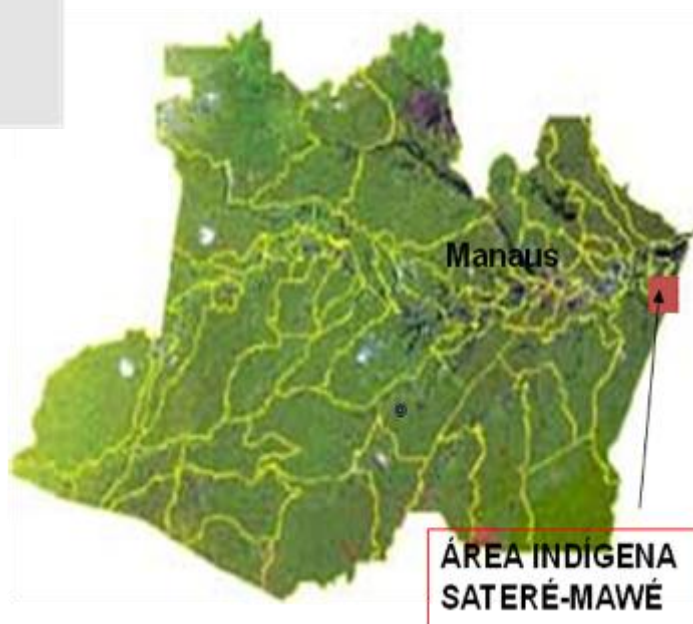


Figura 2: Mapa do Amazonas

indígena, que apresentou durante um longo período de tempo certa redução da população esse processo de crescimento é um dado significativo. O gráfico abaixo ilustra esse crescimento:

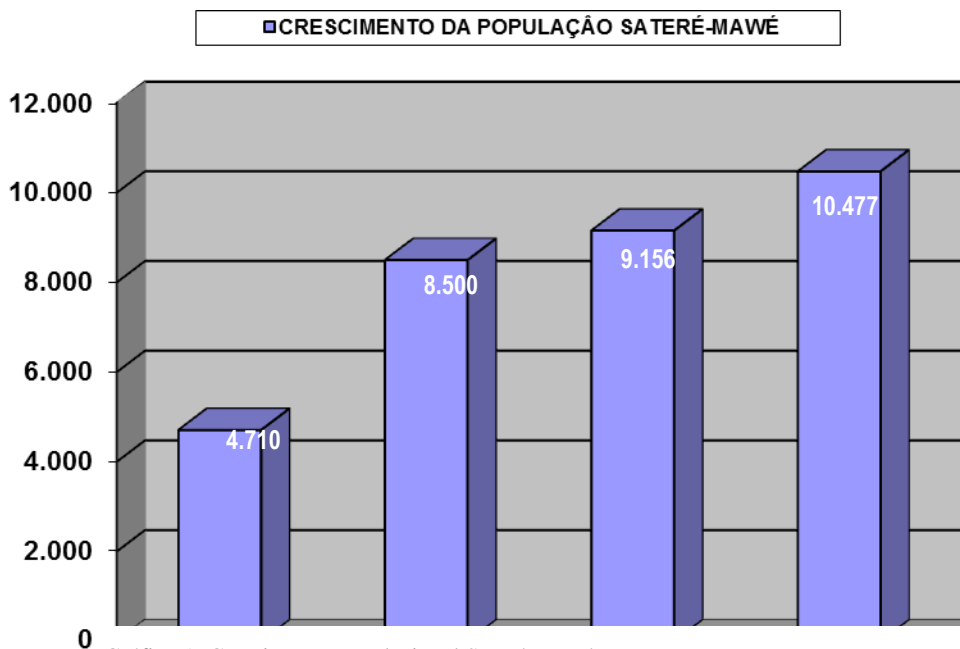


Gráfico 1: Crescimento populacional Sateré-Mawé

Fonte: LORENZ (1992, p. 11); TEIXEIRA (2005, p. 26); FUNASA (2008 e 2011).

De acordo com o diagnóstico sociodemográfico *Sateré-Mawé: retrato de um povo indígena*, organizado por Teixeira (2005), esta população tende a aumentar ainda mais, pois a taxa de natalidade deste grupo (como da maioria dos grupos indígenas) apresenta-se superior à da média nacional, isto é: enquanto a taxa de natalidade nacional está estimada em 1,6% ao ano, a indígena é de 3,5% ao ano.

Conforme já exposto, os Sateré-Mawé vivem às margens dos rios Marau (e afluentes), Andirá (e afluentes) e Waikurapá; desse modo, é na margem desses rios que assentaram suas casas, as quais são em geral construídas de madeira, palha e barro, geralmente apenas com duas paredes e chão batido, conforme mostram as fotos abaixo:



Figura 5: Fotos de casas Sateré-Mawé estilo tradicional, Andirá (OPISMA, 2009).

Além desses estilos mais tradicionais de moradia, existem também muitas casas em estilo ribeirinho, ou seja, com todas as paredes construídas de madeira (ou alvenaria), de assoalho e coberta de telha de amianto ou de palha, conforme mostram as fotos a seguir:



Figura 6: Fotos de casas Sateré-Mawé estilo das casas de ribeirinhos, Andirá (OPISMA, 2008).

Nessas regiões, os Sateré-Mawé vivem da agricultura (geralmente da agricultura tradicional com o cultivo de mandioca, tubérculos e guaraná), da caça, da pesca, da coleta de frutos da floresta como tucumã, pupunha e outros, como também de aposentadoria, dos salários de professor, de agente de saúde indígena e de alguns auxílios como: o auxílio maternidade e o auxílio doença.

Fora da Terra Indígena Andirá-Marau, encontram-se muitos Sateré-Mawé morando nas cidades de Barreirinha, Maués, Parintins (cidades mais próximas da T.I.), como também na capital do Estado do Amazonas (Manaus). Em Manaus estão organizados em comunidades e vivem da renda de trabalhos informais e, sobretudo, da renda de artesanato, do turismo geralmente de estrangeiros, que os visitam constantemente.

Além da migração para estas cidades, um grupo de Sateré-Mawé migrou para a Terra Indígena Kuata-Laranjal, Área Muduruku⁶, no município de Borba (AM), com o auxílio da FUNAI. Segundo Teixeira (2005), esses Sateré-Mawé eram originários da comunidade de Araticum Novo, situada no Baixo rio Andirá e precisaram migrar devido a conflitos internos nesta comunidade em 1975.

De fato, os indígenas da Amazônia estão em constante migração e esse processo também vem ocorrendo entre os Sateré-Mawé. A migração ocorre de comunidade para

⁶ Os Muduruku, tradicionalmente foram os principais rivais dos Sateré-Mawé. Há relatos de muitas guerras entre esses dois grupos, no entanto, hoje esse grupo de Sateré-Mawé convive pacificamente na Terra Kuata-Laranjal, que pertence aos Munduruku.

comunidade e também em direção às cidades vizinhas. As principais causas dessa migração estão associadas a visita a parentes, constituição familiar, problemas internos nas comunidades, períodos de festas tradicionais, busca por escola. Observamos uma forte tendência na migração para as cidades, o que vem implicando um enfraquecimento da língua e cultura indígena, uma vez que os costumes e os valores da cultura não indígena são facilmente assimilados pelos indígenas, em detrimento dos seus próprios.

Acreditamos que esse processo migratório se deve à incorporação de valores não indígenas, os quais levaram os indígenas a pensar como a maioria dos brasileiros das camadas sociais menos abastadas, isto é, dar ao filho a possibilidade de ir à escola com o objetivo de obter um emprego assalariado no futuro. Assim sendo, a migração para as cidades é quase constante. E a busca por escola, por assistência médica e “melhores condições de vida” são as principais causas apresentadas pelos indígenas para a ocorrência da migração.

É fato que a educação formal (mesmo que descontextualizada à realidade indígena), ainda não ocorre de forma efetiva e suficiente nas comunidades indígenas; no caso dos Sateré-Mawé do Rio Andirá, das 37 escolas existentes, nenhuma oferece Ensino Médio e apenas duas oferece a possibilidade de estudar do 6º ao 9º ano. Quanto à saúde indígena, a situação também é bastante complexa e constantemente há reivindicações, em função da precariedade nos serviços de saúde nas comunidades. Em novembro de 2010, por exemplo, cerca de 20 indígenas Sateré-Mawé e Hyxkariana⁷ ocuparam a Sede da FUNASA⁸ (Distrito de Parintins) exigindo melhoria em questões relacionadas à saúde indígena. Segundo esses indígenas, faltavam medicamentos básicos nas aldeias, pagamento aos AIS (Agente de Saúde Indígena), o qual estava com quatro meses de atraso. Além disso, há anos a CASAI (Casa de Saúde Indígena⁹) não recebe manutenção e encontra-se em condições impróprias para receber os indígenas doentes ou que estão em processo de recuperação da saúde.

Como se constata, a situação da educação e da saúde indígena é crítica. Esse quadro somado a outros problemas em função da ausência de políticas públicas eficientes contribui para a migração dos Sateré-Mawé para as cidades; essa migração, por sua vez, não é vista positivamente, uma vez que contribui para a perda e/ou enfraquecimento de aspectos

⁷Grupo indígena com uma população de menos de mil pessoas, situado às margens do Rio Nhamundá (afluente da margem direita do Rio Amazonas), município de Nhamundá/AM (Município vizinho a Parintins).

⁸Foi substituída pela SESAI (Secretária Especial de Saúde Indígena), criada ainda no governo Lula com a finalidade de “coordenar e executar o processo de gestão do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena em todo Território Nacional” (cf. < http://portal.saude.gov.br/portal/saude/Gestor/area.cfm?id_area=1708>).

⁹Essa casa, situada no centro da cidade de Parintins é uma espécie de “enfermaria”, na qual os indígenas Sateré-Mawé e Hyxkariana ficam para tratamento de saúde.

importantes da cultura indígena como: enfraquecimento da língua, não aprendizagem das práticas tradicionais – tecelagens¹⁰, técnicas de caça, (de animais da floresta e de peixes), técnicas para a produção de farinha de mandioca etc. Além disso, tem contribuído intensamente para o aumento da violência entre os indígenas tanto na cidade como dentro da Terra Indígena, uma vez que na cidade os adolescentes e os jovens, sem a presença da família, logo se tornam membros de galeras/gangs e consumidores de álcool e drogas. Assim sendo, a violência cresce e tem se configurado em um dos principais problemas sociais para os Sateré-Mawé, principalmente para muitos pais e tuxauas que se vêem impotentes diante da situação.

A migração é, também, um dos fatores que têm contribuído para a perda cultural e linguística dos povos indígenas, já que nas cidades aos poucos vão perdendo sua língua, sem a qual já não têm acesso a muitos aspectos da cultura, os quais somente poderiam ser adquiridos por meio da língua materna.

1.3 Situação sociolinguística

A língua Sateré-Mawé é falada atualmente por cerca de 80% da população Sateré-Mawé que vive na Terra Indígena Andirá-Marau. É usada no dia a dia das comunidades: no seio familiar, em reuniões, em trabalhos comunitários, em encontros e assembleias.

Observamos que são as mães e as avós que mais conservam a língua materna, pois a utilizam constantemente, passando de geração em geração, durante os afazeres domésticos e comunitários.

Muitas dessas mulheres, particularmente as senhoras idosas são bilíngues ativas¹¹ em Sateré-Mawé e passivas em Português, essa constatação é mais recorrente nas comunidades situadas mais dentro da Área Indígena, ou seja, nas mais distantes das cidades.

Entretanto, várias comunidades apresentam um alto grau de perda linguística. São comunidades situadas na entrada da Área Indígena, no caso das sub-regiões do Marau (Maués) e do Andirá (Barreirinha), e, de todas as comunidades situadas na sub-região do rio

¹⁰ Os Sateré-Mawé possuem uma rica cultura material que é expressa, principalmente, por meio dos *teçumes*: peneiras, cestos, chapéus, tupé (uma espécie de tapete construído de cipó), jamachi (uma espécie de mochila), bolsas, coberturas de casa etc.

¹¹ De Heredia (1989) classifica o bilinguismo individual em: *bilinguismo ativo e bilinguismo passivo*. Numa situação de bilinguismo ativo, os indivíduos não só compreendem as duas línguas de seu repertório linguístico, como as falam. Já na situação de bilinguismo passivo, os indivíduos compreendem as duas línguas de seu repertório linguístico, mas falam apenas uma, seja por não saber falar (só compreender) ou por se recusar a falar, como é o caso de muitos indígenas, que devido à supervalorização da língua majoritária e de prestígio, recusam-se a falar a sua língua de origem, considerada inferior.

Waikurapá, município de Parintins. Estas últimas são, dentre as comunidades da Terra Indígena Andirá-Marau, as que ficam mais próximas da cidade, neste caso, da cidade de Parintins. Logo, os indígenas têm mais contato com os não indígenas, e, como consequência, ocorre um intenso uso da língua Portuguesa em detrimento do uso da língua Sateré-Mawé, inclusive no dia a dia das comunidades e na escola, como também ocorre um maior número de casamentos entre Sateré-Mawé e não indígenas; assim a maioria das crianças já tem o Português como primeira língua.

Para Franceschini (2011, p.35) o processo de perda da língua Sateré-Mawé nas comunidades situadas na entrada das sub-regiões Andirá/ Marau e em todas as comunidades do Waikurapá está bastante acentuado em função principalmente do intenso contato com não indígenas; contato esse que não só contribui para a perda da língua materna como também para um maior preconceito com relação à língua indígena, o qual pode ser evidenciado nas relações entre indígenas e não indígenas. Segundo esta autora, os indígenas assimilaram esse preconceito apresentado pela sociedade envolvente e apresentam comportamentos preconceituosos com relação a si mesmos e à sua própria língua e cultura. Assim sendo, julgam-se constantemente de forma negativa, considerando a língua e tudo o que diz respeito ao grupo como inferiores.

A assimilação desse preconceito parece ser a principal causa para que os Sateré-Mawé dessas localidades deixem de falar a língua materna e de transmiti-la aos filhos.

1.4 A língua Sateré-Mawé

A Língua Sateré-Mawé foi classificada por Aryon D. Rodrigues (2002, p.41-46) como único membro da família linguística de mesmo nome pertencente ao Tronco Tupi. Este tronco constitui-se de *10 famílias* (Tupi-Guarani, Arikém, Awetí, Juruna, Mawé, Mondé, Purubora, Munduruku, Ramarama, Tupari); *40 línguas* e *15 dialetos*, conforme ilustra o gráfico¹² abaixo.

¹² Este gráfico foi elaborado pelo ISA (Instituto Socioambiental) com base na Classificação de Rodrigues, a qual foi revisada (por este autor) em 1997.

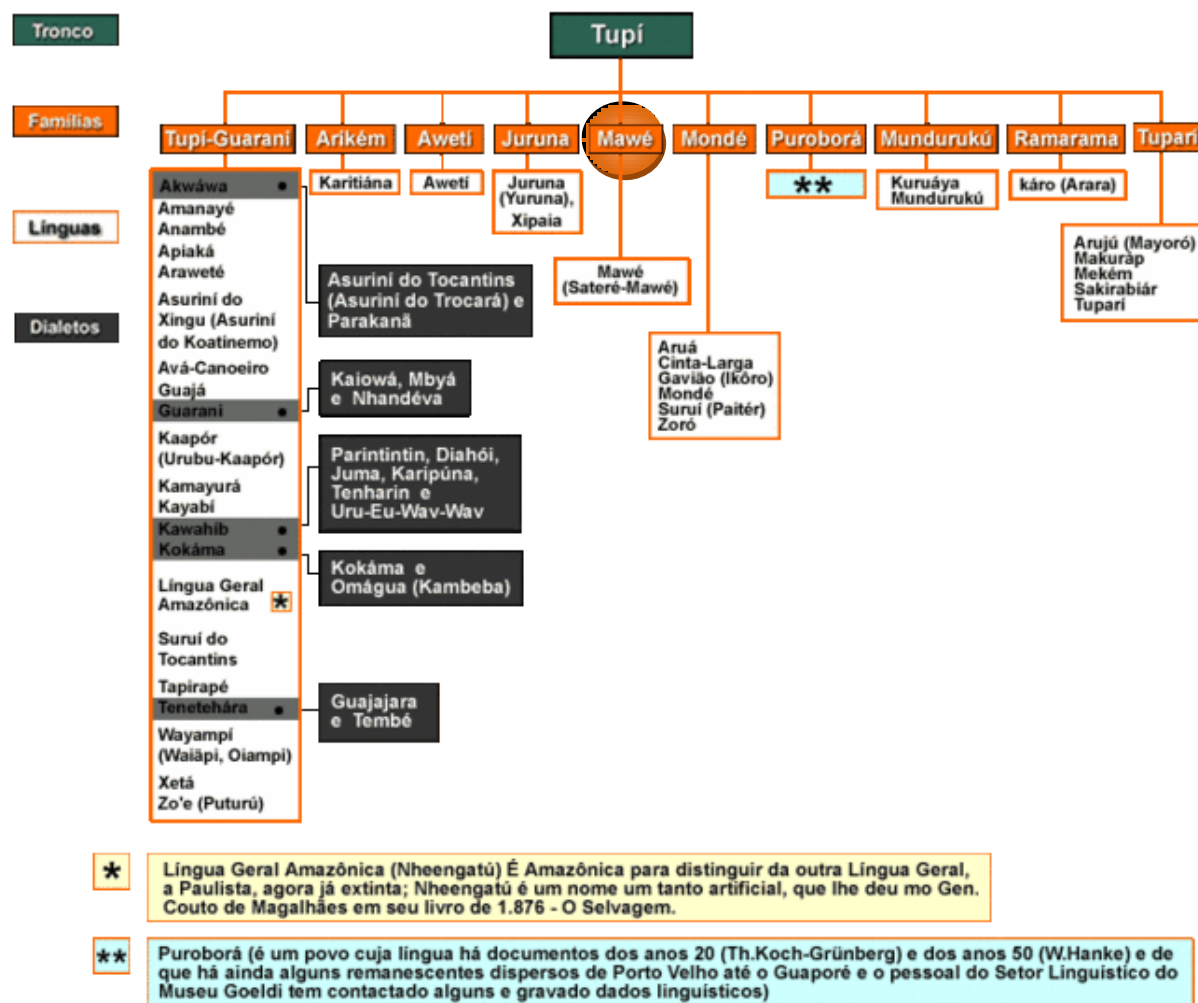


Gráfico 2: Tronco Tupi (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 1997).

1.4.1 Estudos sobre a língua Sateré-Mawé

Conforme já exposto, a língua Sateré-Mawé frente às línguas indígenas brasileiras ainda é uma das mais faladas, no entanto, o processo de perda linguística é constante em função do intenso contato com não indígenas. Assim sendo, há quase 20 anos, Franceschini tem desenvolvido diversos estudos que não visam apenas o conhecimento científico, mas também o fortalecimento da língua e da cultura indígena deste grupo.

Nesse período, esta linguista fez uma descrição e análise morfossintática da língua Sateré-Mawé e continua desenvolvendo estudos linguísticos e projetos de pesquisa-ação, juntamente com um grupo de professores¹³ Sateré-Mawé. Este trabalho tem resultado em

¹³ Membros da OPISMA (Organização dos Professores Indígenas Sateré-Mawé dos rios Andirá e Waikurapá), que representa 117 professores indígenas e da WOMUPE (Organização dos professores dos rios Marau e Urupadi), que representa 116 professores indígenas, conforme informações orais de José de Oliveira, (coordenador da OPISMA), em Fevereiro de 2011.

vários artigos¹⁴ e várias publicações, dentre as quais a de uma gramática pedagógica (*Satere-Mawe pusu aḡ kukag̃*) e a de um dicionário (*Satere-Mawe pusu ahyt'a*), ambos monolíngues em Sateré-Mawé, bem como livros de leitura e outras publicações, para trabalhar a língua materna no contexto escolar.

Antes da tese de Franceschini, estudos morfossintáticos sobre a língua Sateré-Mawé são quase que inexistentes. O único documento de análise linguística encontrado foi um artigo de Sue e Albert Graham (Missionários do Instituto Linguístico de Verão - S.I.L) sobre os prefixos pessoais em Sateré-Mawé; eles também traduziram o Novo Testamento em Língua Sateré-Mawé e elaboraram um dicionário bilíngue Sateré-Mawé/Português, Português/Sateré-Mawé. E um estudo sobre o sistema dêitico da língua Sateré-Mawé (dissertação de mestrado), realizado por Suzuki (1997)¹⁵. Mais tarde, em 2005, Silva apresenta uma análise fonológica do Sateré-Mawé (dissertação de mestrado).

1.4.2 Característica da língua Sateré-Mawé

a) Aspectos fonológicos e ortografia

De acordo com Franceschini (1999, p. 22 e 2005, p.15-20), a língua Sateré-Mawé apresenta um sistema de 12 consoantes e 6 vogais, as quais constituem um alfabeto de 18 grafemas¹⁶, conforme mostra o quadro a seguir:

Alfabeto Sateré-Mawé	
Grafemas minúsculos	a, e, ḡ, h, i, j, k, m, n, o, p, r, s, t, u, w, y, ' ,
Grafemas maiúsculos	A, E, Ḡ, H, I, J, K, M, N, O, P, R, S, T, U, W, Y, ?

Quadro 1: Alfabeto Sateré-Mawé (FRANCESCHINI, 1999; 2005).

¹⁴ Ver “Referências”.

¹⁵ Além disso, existem algumas listas de palavras coletadas em diferentes períodos: 1) Henri Coudreau (1896) – lista de 250 a 300 palavras; 2) Curt Nimuendajú (1923) – duas listas de aproximadamente 360 palavras cada; 3) Koch-Grunberg (1924) – lista de 630 palavras; 4) Nunes Pereira (1939) – lista de 350 palavras; 5) Teófilo Tiuba – lista de 250 palavras (FRANCESCHINI, 1999, p. 16).

¹⁶Esses grafemas foram amplamente discutidos durante vários anos com os professores, tuxauas e membros mais velhos do grupo Sateré-Mawé, representantes de toda a Área Indígena, por ocasião do projeto de pesquisa-ação *Elaboração de uma Gramática Pedagógica* coordenado por Dulce do Carmo Franceschini e financiado pela FAPEAM (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas) por meio do programa “Jovem Cientista Amazônica”. Este projeto teve como objetivo favorecer a valorização e o fortalecimento da língua Sateré-Mawé no contexto escolar. Dele participaram como autores 12 professores e mais 12 como colaboradores, os quais pesquisaram a sua língua por um período de 2 anos.

As consoantes representadas por esses grafemas se classificam quanto ao modo de articulação em oclusivas (nasais e orais), fricativas e *flap*; e quanto ao ponto de articulação em bilabiais, dentais, alveolar, velares, palatal e glotais, conforme ilustra o quadro abaixo:

CONSOANTES SATERÉ-MAWÉ							
Modo de Articulação		Ponto de Articulação					
		Bilabial	Dental	Alveolar	Velar	Palatal	Glotal
Oclusivas	Orais	p	t		k		ʔ
	Nasais	m	n		ŋ	ɲ	
Fricativas		w	s				h
Flap				r			

Quadro 2: Consoantes Sateré-Mawé (FRANCESCHINI, 1999; 2005).

As vogais, por sua vez, podem se realizar como breves, longas, nasais e longas nasais, conforme mostra o quadro abaixo:

		Anteriores	Centrais	Posteriores
Fechadas	Breves	i	y	u
	Longas	ī	ȳ	ū
	Nasais	ĩ	ỹ	ũ
	Nasais e longas	ĩ̃	ỹ̃	ũ̃
Abertas	Breves	e	a	o
	Longas	ē	ā	ō
	Nasais	ẽ	ã	õ
	Nasais e longas	ẽ̃	ã̃	õ̃

Quadro 3: Vogais em Sateré-Mawé (FRANCESCHINI, 1999; 2005).

b) Aspectos morfossintáticos

De acordo com os estudos de Franceschini¹⁷, em Sateré-Mawé, as palavras podem ser classificadas, de acordo com a possibilidade ou não de se flexionar, em dois grandes grupos. As classes que se flexionam são: nomes, verbos, pronomes possessivos e posposições; já os pronomes pessoais, pronomes demonstrativos, pronomes interrogativos, conectores e

¹⁷ Conforme informação verbal.

partículas não se flexionam¹⁸. Abaixo apresentaremos as características das classes de palavras que se flexionam nesta língua.

Os *nomes* (cf. FRANCESCHINI, 1999) se flexionam por prefixos pessoais e por morfemas que indicam o tipo de posse, chamados índices de relação. É com base nesses índices que os nomes são classificados em dois grandes grupos: (1) o dos *nomes alienáveis* e (2) o dos *nomes inalienáveis*. Os nomes alienáveis são aqueles em que a relação entre possuidor - possuído não é vital; são os nomes de seres e de coisas que podem existir sem um possuidor e todos os nomes emprestados do Português. Faz parte dessa classe de nomes um grande número de palavras. Já os nomes inalienáveis são aqueles que expressam uma relação vital e de dependência entre possuidor - possuído.

Assim, os nomes flexionados apresentam em sua estrutura, além do radical, afixos indicadores de pessoa e de posse, conforme ilustram os exemplos (1) e (2) citados por Franceschini (1999).

(1) u – he – sokpe
1Inat.+ Atr. I + “roupa”
“Minha roupa”

(2) u – i – mempit
1Inat.+ Atr. II + “filho/filha”
“Meu/minha filho/filha”

Em (1) o morfema {-*he*-}¹⁹ é um índice de relação que indica a posse alienável, chamado de Atributivo I; já o morfema {-*i*-}²⁰, em (2), é o índice de posse inalienável, chamado Atributivo II.

Os *verbos* (FRANCESCHINI, 1999 e 2010) também se flexionam por prefixos pessoais e índices de relação, sendo que esses índices indicam a orientação e o aspecto lexical. De acordo com os prefixos pessoais, subdividem-se em dois grandes grupos: (1) o dos *verbos de estado*; e (2) o dos *verbos de processo*. Estes últimos se subdividem, de acordo com a orientação (voz), em *verbos ativos* e *verbos médios*.

¹⁸ Quanto aos estudos sobre essas classes de palavras, ainda não foram sistematizados os conhecimentos sobre os conectores e as partículas. Já o estudo dos pronomes interrogativos foi realizado por Fernanda Spoladore no âmbito de seus estudos de pós-graduação – mestrado - no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação de Dulce Franceschini.

¹⁹ O índice [-*he*-] apresenta variação com [-*e*-] no paradigma pessoal.

²⁰ O índice [-*i*-] apresenta como variante [- \emptyset -] no paradigma pessoal.

Os verbos de estado apresentam a mesma estrutura que os nomes, porém funcionam como predicados verbais e não como actantes no enunciado, função essa típica dos nomes. De acordo com Franceschini (2010; 2011), os verbos de estado são uniactanciais e apresentam uma estrutura inativa; já os verbos de processo podem ser empregados tanto com uma construção ativa como com uma inativa. O que distingue esses dois tipos de construção, a ativa da inativa, é o emprego de diferentes séries de índices pessoais, sendo que os índices ativos (Série A²¹) são empregados apenas com os verbos de processo; já os inativos (Série I²²), são empregados tanto com os verbos de estado quanto com verbos de processo, conforme mostram os exemplos abaixo:

(a) Construção Inativa – verbos de estado

(3) u - he - siʔat
1Inat.+Atr.I + ‘estar com fome’

“Eu estou com fome.”

(4) e - i - taŋ
2pl.Inat.+ Atr.II + ‘estar/ser grande’

“Vocês estão grandes.”

(b) Construção Ativa – verbos de processo

(5) a - ti - tek-tek pira
1At. + At.I + ‘cortar’ ‘peixe’

“Eu tiquei²³ / cortei o peixe.”

Quanto aos índices de relação, os verbos de estado, apresentam dois paradigmas flexionais, um com o Atributivo I e o outro com o Atributivo II, conforme os exemplos (3) e (4) acima, respectivamente.

Os verbos de processo ativos e médios se subdividem também em dois subgrupos de acordo com o aspecto lexical das bases verbais: télicos e atélicos²⁴; estes são marcados nos

²¹Índices pessoais da Série Ativa (A): 1ªsg: **a-**; 2ªsg: **e-**; 3ª não-correferente sg: **Ø-**; 3ª referente sg: **to-**; 1ªExcl: **uru-**; 1ª Incl: **wa-**; 2ª pl.: **ewe ~ ewei-**; 3ª não-correferente pl: **Ø-** ~ **i’atue-**; 3ª referente pl.: **ta’atu-** ~ **te’ero** (cf. FRANCESCHINI, 1999 e 2002).

²²Índices pessoais da Série Inativa (I): 1ªsg: **u-**; 2ªsg: **e-**; 3ª não-correferente sg: **i-**; 3ª referente sg: **to-**; 1ªExcl: **uru-**; 1ª Incl: **a-**; 2ª pl.: **e-**; 3ª não-correferente pl: **i’atu-**; 3ª referente pl.: **ta’atu-** (cf. FRANCESCHINI, 1999 e 2002).

²³ Este verbo é usado na região Amazônica para se referir à técnica de fazer cortes superficiais do lombo ao rabo dos peixes com a finalidade de quebrar e esmiuçar as espinhas para que estas não engatem na garganta de quem os comer. Essa técnica tem origem indígena e está relacionada à limpeza e ao tratamento do peixe antes de ir para o fogo.

verbos ativos por diferentes índices relacionais e nos verbos médios por diferentes construções, conforme mostram os exemplos abaixo:

(a) Verbos ativos

(6) a - **ti** - tek yty
1At.+ At.I + ‘cortar’ ‘veado’
“Eu corto o veado.”

(7) a - **he** - waiŋ kurum
1At.+ At.II + ‘aconselhar’ ‘menino’
“Eu aconselho o menino.”

(b) Verbos médios

(8) min a - **re** - ʔe
mergulhar 1At. + Md.+ Aux.
“Eu mergulho.”

(9) a - **re** - ket
1At. + Md.+ dormir
“Eu durmo.”

Pode-se observar, em (6) e (7) verbos de processo ativos, apresentando aspecto télico e atélico respectivamente; já em (8) e (9) temos verbos de processo médios apresentando uma construção télica, no primeiro, e atélica, no segundo exemplo.

Além dos nomes e verbos, também se flexionam em pessoa as *posposições*. Conforme Franceschini (2009), quando flexionadas, apresentam os mesmos prefixos que os nomes e verbos de estado, ou seja: prefixo pessoal da série inativa + prefixo relacional (Atributivo I ou II) + base, conforme mostram os exemplos abaixo, apresentados pela autora:

(10) mizi Ø - **to** - to u - **i** - **wiwo**
‘ele’ 3At.+ Md.+ ‘ir’ 1Inat.+ Atr.II + ‘com’
“Ele vai comigo.”

(11) mizi Ø - te - ehaʔāt u - **he** - **pe**
‘ele’ 3At.+ Md. + ‘olhar’ 1Inat. + Atr.I + ‘para’
“Ele olhou para mim.”

²⁴ Sobre aspecto lexical télico e atélico em Sateré-Mawé, ver Franceschini (2010).

Os exemplos acima apresentam posposições flexionadas na primeira pessoa. Em (10), há a posposição *wiwo* (“com”), prefixada pelo índice Atributivo II {-i-} e índice de primeira pessoa, e, em (11), a posposição *pe* prefixada pelo índice Atributivo I {-he-} e índice de primeira pessoa.

Já os *pronomes possessivos* são formados a partir do radical nominal genérico *wat*, o qual é flexionado em pessoa e pelo índice de relação Atributivo II, apresentando, assim, somente um paradigma de flexão, o que o distingue morfológicamente dos nomes, verbos de estado e posposições que apresentam dois paradigmas flexionais. Vejamos o exemplo abaixo (FRANCESCHINI, 1999, p. 70-73):

(12) mio - wat u - i - wat i it - a - ti - tek - ʔi
 pr.dem.V 1Inat.+ Atr.II + rd. nm. Asp. neg. + 1At. + At.Te + ‘cortar’ + neg.

“Essa, a minha [língua], eu não corto (> não deixo de falar).”

Neste exemplo, temos o pronome possessivo *uiwat* “a minha/o meu”, flexionado na primeira pessoa do singular; já o gênero não é marcado morfológicamente em Sateré-Mawé.

Após esta breve apresentação de alguns aspectos da língua Sateré-Mawé, apresentaremos o quadro teórico que serviu de base à nossa pesquisa.

CAPÍTULO 2: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A descrição e análise das construções negativas em Sateré-Mawé está vinculada ao arcabouço dos estudos de Linguística Descritiva e Tipológica, com base na perspectiva teórica do Funcionalismo Estrutural de linha francesa, complementada pelos estudos de Benveniste sobre a enunciação.

Para Martinet (1978), a linguagem como objeto da linguística, somente existe em forma de línguas, sendo assim, é tarefa primordial do linguista estudar cada língua do mundo, pesquisando-a na sua qualidade primeira, isto é, a de ser instrumento de comunicação. Para tanto, convém observá-las e descrevê-las em seu funcionamento, indicando a maneira particular que cada uma analisa a experiência humana em unidades significativas e formais.

Segundo Martinet (1978, p. 17-18), uma língua é

(...) um instrumento de comunicação segundo o qual, de modo variável de comunidade para comunidade, se analisa a experiência humana em unidades providas de conteúdo semântico e de expressão fônica – os monemas; esta expressão fônica articula-se por sua vez em unidades distintivas e sucessivas – os fonemas –, de número fixo em cada língua e cuja natureza e relações mútuas também diferem de língua para língua.

De acordo com essa concepção, *língua* designa um instrumento de comunicação duplamente articulado e de manifestação vocal, sendo que essa dupla articulação deve ser estudada em cada língua sob a condição de que não existe nada de propriamente linguístico que não possa diferir de uma língua para outra.

As descrições das línguas feitas até hoje mostram que as línguas apresentam um tipo de organização comum dessas unidades linguísticas. A essa organização, Martinet (1978, p.14-19) chamou de *dupla articulação da linguagem*. Na *primeira articulação*, as experiências e necessidades de expressão humanas são transmitidas por uma série de unidades constituídas de uma forma e de um sentido (monemas), revelando o modo como se organiza a experiência comum a todos os membros de uma dada comunidade linguística, uma vez que cada língua articula a seu modo significados e significantes. Já a *segunda articulação* é constituída por formas fônicas (fonemas) não dotadas de um sentido, no entanto, a combinação de um conjunto dessas formas analisáveis sucessivamente é que permite constituir as unidades de primeira articulação; como também, contribuem para a distinção de significados diferentes entre essas unidades da primeira articulação, como por exemplo: *cabeça de cabaça*.

Quanto ao estudo descritivo da primeira articulação, esse deve se basear na observação e análise dos fatos linguísticos como de fato o “são”, explicitando a relação entre os *monemas*, isto é, entre as unidades linguísticas básicas, que por sua vez, são constituídas de duas faces: significante e significado em relação mútua. A primeira face é dotada de sentido ou de valor e corresponde ao *significado*; e a outra, sobre a qual se manifesta o signo fonicamente corresponde ao *significante* (MARTINET, 1978, p.12).

Para esse autor, a análise dos fatos linguísticos deve ser baseada em um *corpus* constituído de materiais linguísticos obtidos em contextos naturais de comunicação, ou seja, em diferentes situações de uso e envolvendo diversos falantes da língua estudada.

Perini (2008), assim como Martinet, argumenta a favor dos estudos descritivos com base na observação da língua em seu uso real, ou seja, em materiais linguísticos reais e contextuais; assim, a descrição tem maior probabilidade de explicitar a estrutura de uma língua e seus principais padrões gramaticais; e o resultado poderá servir de base para elaboração de teorias gerais; de outro modo, isto é, quando não há uma descrição adequada dos fatos linguísticos, corre-se o risco de apresentar uma imagem deformada do fato em estudo; deformação essa, muito comum nos estudos linguísticos, principalmente quando

O pesquisador, na preocupação de encontrar evidência que corrobore sua teoria, seleciona dados favoráveis com muito mais energia do que a que utiliza na procura de dados desfavoráveis (...). O resultado é muitas vezes o paradoxo de análises que, ao serem lidas, parecem solidamente fundamentadas, mas que ao enfrentar oposição real mostram uma fragilidade inesperada. Os contra-exemplos pipocam de todo lado, em alguns casos levando ao embaraço de se ter que responder “no meu idioleto é assim” (PERINI, 2008, p. 33, grifo do autor).

A descrição, portanto, para oferecer resultados que possam dar conta dos fatos da língua na realidade, não deve ser realizada com base em materiais linguísticos artificiais, pois desse modo o fato não refletirá seu “real” funcionamento, sendo que é o dado natural e contextual que permite analisá-lo de acordo com o seu sistema linguístico.

Por sua vez, os estudos de Benveniste, sem desconsiderar os estudos anteriores, em especial os de Saussure e de Martinet, possibilitam uma nova maneira de pensar a língua, tratando-a como um sistema, mas também como o lugar onde o indivíduo se constitui como locutor e como sujeito. Benveniste propõe o estudo da língua no seio da sociedade e da cultura, através de dois planos de sentido: o semiótico e o semântico. No primeiro plano, está o signo significando no sistema e, no segundo, está a expressão do sentido resultante da relação do signo com o contexto (WERNER, 2009).

Esses planos são duas maneiras de se considerar a língua, ou seja: a língua como *sistema semiótico* (intra-linguístico), cuja função é significar, e a língua como *sistema semântico* cuja função é comunicar, ou seja, conforme Benveniste é a língua em ação, com “sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo” (BENVENISTE, 1989, p. 229).

Nesse sentido, os domínios semiótico e semântico representam dois sistemas que

“se superpõem assim na língua tal como a utilizamos. Na base está o sistema semiótico, organizado em signos, segundo o critério da significação, tendo cada um destes signos uma denotação conceptual e incluindo numa sub-unidade o conjunto de seus substitutos paradigmáticos. Sobre este fundamento semiótico, a língua-discurso constrói uma semântica própria, uma significação intencionada, produzida pela sintagmatização das palavras em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo. Uma descrição distinta é então necessária para cada elemento segundo o domínio no qual está encaixado, conforme é tomado como signo ou como palavra (BENVENISTE, 1989, p. 233-234).

Para o autor, esse duplo sistema está constantemente em ação na língua, funcionando “tão velozmente, de um modo tão sutil, que exige um longo esforço” para depreendê-lo quando a intenção é compreender o domínio de um ou de outro (ibid., p. 234).

No plano semiótico, Benveniste (ibid., p. 225-230) postula que o “signo semiótico existe em si”, faz parte da realidade intrínseca da língua e não admite aplicações particulares (conforme a frase que se liga a coisas fora da língua). É uma unidade bilateral por natureza (significante e significado), sendo o significante (a forma sonora que condiciona e determina o significado) o seu aspecto formal.

Para Benveniste (ibid., p. 225-226), a decomposição da *forma* linguística, ou seja, a análise semiótica, diferentemente da fonética, exige que entre o nível do signo e o dos fonemas seja introduzido o *nível da estrutura fonemática do significante*, no qual encontramos unidades simples ou combinadas que caracterizam a estrutura formal do significante e preenchem função distintiva no interior da estrutura. A análise da estrutura formal do significante pertence, assim, a um plano distinto daquele dos fonemas, cujo exame atento permitirá a obtenção de uma série de características de uma dada língua, revelando sua estrutura própria (classes particulares; semio-lexemas: signos lexicais livres; semio-categoremas: prefixos, sufixos etc.).

Quanto ao *significado* no plano semiótico, Benveniste (ibid., p. 227) postula que o signo como unidade semiótica “é dotado de uma significação na comunidade daqueles que fazem uso de uma língua, e a totalidade destes signos forma a totalidade da língua”. No entanto, essa significação não se refere ao sentido dos signos em função da ordem semiótica,

mas ao que realmente significa numa dada língua e é reconhecida pelos falantes, conforme explica o autor:

O que o signo significa não dá para ser definido. Para que um signo exista, é suficiente e necessário que ele seja aceito e que se relacione de uma maneira ou de outra com os demais signos. A entidade considerada significa? A resposta é sim, ou não. Se é sim, tudo está dito e registre-se; se é não, rejeitemo-la e tudo esta dito também. “Chapéu” existe? Sim. “Chaméu” existe? Não
A questão não é definir o sentido, enquanto o que releva da ordem semiótica. No plano do significado, o critério é: isto significa ou não? Significar é ter sentido, nada mais. E este *sim* ou *não* só pode ser pronunciado por aqueles que manuseiam a língua, aqueles para os quais esta língua é a *língua* e nada mais (BENVENISTE, 1989, p. 227, grifo do autor).

Benveniste erige a noção do *uso e de compreensão da língua como critério*, onde o critério é ter um sentido. É no uso da língua que o signo se funda e passa a existir; fora do uso o signo não existe e não há “estágio intermediário, ou está na língua, ou está fora da língua”.

Portanto,

tudo o que é do domínio do semiótico tem por critério necessário e suficiente que se possa identificá-lo no interior do uso da língua. Cada signo entra numa rede de relações e oposições com os outros signos que o definem, que o delimitam no interior da língua. Quem diz “semiótico” diz intralinguístico. Cada signo tem de próprio o que o distingue dos outros signos. Ser distintivo é ser significativo. (BENVENISTE, p. 227-228, grifo do autor).

Do semiótico ao semântico, há uma mudança radical de perspectiva. Na perspectiva da língua como semântica, as noções de *forma* e *sentido* são outras e com outras relações. Neste domínio, não se trata mais do significado do signo, mas de outra função da linguagem que é a de comunicar, função que se manifesta pela ação do locutor que põe a língua em ação. É a função mediadora da linguagem que organiza a vida dos homens na sua relação com o mundo e com as coisas do mundo (ibid., p.229).

A expressão semântica por excelência nessa modalidade de ser língua no *sentido* e na *forma* é a *frase* que se liga não mais ao intrínseco da língua como o signo, mas às coisas fora da língua, isto é, a frase implica uma *referência* à situação do discurso e à intencionalidade do locutor.

Quanto à *forma* nesta acepção semântica, Benveniste (ibid., p. 230) expõe: “A forma se obtém pela dissociação analítica do enunciado processada até as unidades semânticas, as palavras”, ou seja, nesse plano, a *palavra* é unidade formal de análise. É a unidade mínima da mensagem e necessária da codificação do pensamento.

Já quanto ao *sentido* em Semântica, Benveniste (1989, p. 231) distingue o sentido das palavras do sentido da frase. Para este autor, o sentido da frase é a sua ideia e o da palavra é o seu emprego. Enquanto no plano semiótico o sentido se dá numa relação paradigmática por

propriedades linguísticas do signo no sistema; no semântico, o sentido é construído pelo locutor que emprega sua língua por meio do agenciamento de palavras em relação sintagmática, ou seja, o sentido da frase "se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras".

Benveniste (1989, p. 231) introduz a noção de *referência*, desnecessária na análise semiótica, mas de grande importância na semântica, pois o referente "é o objeto particular a que a palavra corresponde no caso concreto da circunstância ou do uso". Essa noção é essencial para situar as possibilidades de sentidos diferentes que a palavra pode apresentar (polissemia), conforme explica o autor:

Ainda que se compreenda o sentido individual das palavras, pode-se muito bem fora da circunstância, não compreender o sentido que resulta da junção; esta é uma experiência corrente, que mostra ser a noção de referência essencial. É desta confusão extremamente frequente entre sentido e referência, ou entre referente e signo, que nascem tantas discussões vãs sobre o que se chama princípio da arbitrariedade do signo. Esta distinção, que se verifica facilmente na semântica lexical, deve ser introduzida também na semântica da frase? Pensemos que sim. Se o "sentido" da frase é a ideia que ela exprime, a "referência" da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de fato a que ela se reporta e que nós não podemos jamais prever ou fixar (op. cit., p. 231).

A noção de "referência está vinculada à noção de ato enunciativo; ao emprego da língua com a necessidade de referir pelo discurso, o qual condiciona o sentido da frase, fazendo com que cada frase seja uma realização única, um acontecimento diferente, no aqui e agora, e que não existe "senão no instante em que é proferida e se apaga nesse instante; é um acontecimento que desaparece". Dessa forma, a frase não comporta emprego, ao contrário das palavras, "cujo sentido resulta precisamente da maneira como são combinadas" no emprego (BENVENISTE, 1989, p. 232).

Sobre esse emprego das palavras, enquanto instrumentos da expressão semântica, Benveniste (ibid., p.231) ratifica a distinção entre o semiótico e o semântico. As palavras são materialmente signos do repertório semiótico; são em si mesmos genéricos e conceituais, não circunstanciais, devem ser utilizadas como *palavras*, para noções particulares, circunstanciais nas acepções contingentes do discurso.

No entanto, "a conversão do pensamento em discurso se assujeita à estrutura formal do idioma considerado", ou seja, à sua organização tipológica; contudo, há espaço para a "independência relativa do pensamento ao mesmo tempo de sua modelagem estreita na estrutura linguística", o que, *grosso modo*, prova isso, é o fato de que o "mesmo pensamento" pode ser expresso em diferentes idiomas (BENVENISTE, 1989, p. 233).

Embora havendo distinção entre esses planos (semiótico e semântico), eles não se opõem, mas se complementam, pois ambos convergem para a construção do sentido na linguagem. No entanto, por serem diferentes, impõem métodos distintos de análise.

Assim, para uma descrição coerente e organizada da língua, seguindo conceitos e critérios condizentes com a sua natureza, Benveniste (2005, p. 127) apresenta a noção de nível como essencial na determinação do procedimento de análise, pois somente “ela é própria para fazer justiça à natureza *articulada* da linguagem e ao caráter *discreto* dos seus elementos; [somente essa noção] pode fazer-nos reconhecer, na complexidade das formas, a arquitetura singular das partes e do todo”.

Considerando a língua como um “sistema orgânico de signos linguísticos”, Benveniste (2005, p. 127) propõe procedimentos de análise que vão do nível inferior, constituído por *merismas*, seguido pelos níveis dos *fonemas* (2º), dos signos (3º) e, finalmente, o nível da *frase*.

Para o autor, o nível não é um dado fora da análise, ao contrário, está nela e funciona como um operador, isto é, o sentido das unidades dos diferentes níveis se origina das relações estabelecidas entre eles.

Para a análise do nível do signo, Benveniste (2005, p. 131) utiliza o termo *palavra* identificando-o com uma forma livre ou com o morfema, conforme o caso. A palavra, por sua dupla natureza, tem uma posição funcional intermediária, isto é, ela se decompõe em unidades fonemáticas (nível inferior) ou, como unidade significante, pode integrar com outras unidades significantes um nível superior: o da frase.

A relação da palavra com o nível superior é complexa, porque o sentido da frase se dá como um todo e não pela soma das palavras que a constitui, ou seja, a palavra constitui a frase e lhe confere significação, mas não necessariamente o sentido que tem como unidade autônoma, porque o sentido de cada constituinte resulta das relações integrativas que se estabelecem na frase, isto é, da função integrativa do constituinte.

Para Benveniste, a linguagem ao mesmo tempo em que significa também designa, sendo que o enunciado e cada um dos seus termos fazem referência às coisas do mundo, à uma situação determinada, conforme o uso e o conhecimento advindo dele. Significar e designar são aspectos distintos, mas que se manifestam associados na frase. A análise da frase implica, portanto, ir para além do intralinguístico, por também referir-se ao mundo dos objetos e às situações concretas de uso (BENVENISTE, 2005, p.137).

É a partir desses pressupostos teóricos que Claude Hagège (1982) apresenta uma proposta metodológica para a análise dos enunciados de uma língua. Para esse autor, o

enunciado é “uma produção linguística aceita pelos locutores nativos como completa e possuidora de uma entonação reconhecida [por estes como] ligada a esse fato” (HAGÈGE, 1982, tradução nossa). Para sua análise, deve-se levar em consideração três pontos de vista, a saber: 1) *morfossintático*; 2) *semântico-referencial* e 3) *enunciativo-hierárquico*. Esta proposta de análise do enunciado também é defendida por Gilbert Lazard (1994) em sua *Teoria da Actância*, como veremos adiante.

Conforme Hagège (1982), estes pontos de vista (ou níveis de análise linguística), possuem o mesmo grau de importância e não derivam uns dos outros. Nas línguas eles estão estreitamente ligados e atuam simultaneamente, projetando diferentes olhares sobre os fatos linguísticos: o primeiro enfoca o *sistema* sob o estudo da forma (Morfossintático); o segundo enfoca o *significado*, sob o estudo dos vários componentes de sentido (Semântico-referencial), e o terceiro enfoca a *relação entre o enunciado e o locutor-interlocutor em um dado contexto enunciativo* (Enunciativo-hierárquico). Porém, uma distinção entre esses níveis é necessária quando se pretende analisar os enunciados de uma língua, pois a partir da compreensão particular de cada um desses níveis é possível se chegar à compreensão do sistema (e subsistemas) que a compõe.

O ponto de vista *morfossintático* compreende a análise das formas (*morfo-*) e das funções (*-sintáticas*) das unidades de um determinado sistema linguístico. É constituído conjuntamente por *morfologia* e *sintaxe*, dimensões que estão bastante interrelacionadas; mas, essa interrelação não impede a realização de análises morfológicas e sintáticas distintamente. Porém, é necessário não confundir as

catégories: noms, verbes, etc. et les *fonctions*, types particuliers de relations entre les grandes unités de l'énoncé: fonctions prédicat, sujet, complément, et entre les membres d'un groupe comme partie d'énoncé: fonctions déterminant et déterminé (HAGÈGE, 1982, p. 27, grifo do autor)²⁵.

Em outras palavras, a morfologia compreende o estudo das formas linguísticas a fim de estabelecer seu agrupamento em *classes* (nomes, verbos), a partir de suas relações sintagmáticas e paradigmáticas com as outras formas do sistema da língua.

Já a *função* que se dá pela *relação sintagmática* entre as *formas* em um dado contexto intralinguístico corresponde à dimensão sintática; podendo a relação ser estabelecida entre as

²⁵ “*categorias*: nomes, verbos etc. e as *funções*, tipos particulares de relações entre as grandes unidades do enunciado: funções predicado, sujeito, complemento, e entre os membros de um grupo como parte do enunciado: funções determinante e determinado” (tradução nossa).

grandes unidades do enunciado, isto é, entre o predicado e os constituintes actanciais e circunstanciais; ou entre as unidades de um constituinte ou de um circunstante do enunciado, isto é, entre um núcleo (determinado) e seus determinantes.

Nesse sentido, é útil destacar a noção de predicado segundo Hagège e Lazard, uma vez que esta se distingue da concepção tradicional oriunda da lógica Aristotélica, que define *sujeito* e *predicado* a partir de um modelo bipartido do enunciado; neste modelo o predicado é aquilo que se diz do sujeito ou tudo o que não é sujeito (HAGÈGE, 1982 apud Logique de Port-Royal, 1662)²⁶. Já para esses autores, no entanto, o enunciado não apresenta uma estrutura bipartida e o **predicado** é analisado como sendo centro de *determinação*, conseqüentemente *centro de conexões*. Segundo Hagège, o predicado é, portanto, concebido como uma noção relacional e definido pela sua co-ocorrência com um segundo elemento; é *o nome de uma função* e *não de uma classe* de palavras. Assim, toda palavra que assume a função de predicado se define pelos seguintes traços de base:

1. Le prédicat, quel que soit le référent, confère à l'énoncé, qu'il fonde comme complet du fait même qu'il est proféré, une réalité en discours;
2. Le prédicat est nécessairement (déterminable ou) détermine, tout le reste fonctionnant comme non-prédicat ou déterminat (HAGÈGE, 1982, p. 33).²⁷

Para Hagège, portanto: a) o predicado confere ao enunciado uma realidade em discurso - funda um enunciado; b) o predicado é o centro de determinação de um enunciado, todos os demais termos do enunciado funcionam como seus determinantes.

Nos enunciados verbais, o verbo funciona como centro de determinação, portanto como predicado. Em muitas línguas, o verbo traz em si todas as informações necessárias para fundar um enunciado, como por exemplo, *kimasita* (“ele, ou você, ou x veio”) em Japonês ou *uhsy'at* (“eu estou com fome”) em Sateré-Mawé, verbos que sem complementos constituem um enunciado completo. Nessas línguas, o verbo concentra a indicação da relação de determinação estabelecida, ou seja, do actante único que funciona como determinante do verbo. Por outro lado, há línguas, nas quais o verbo não comporta todas as informações necessárias e exige o emprego de constituinte(s) actancial(is).

²⁶Para Hagège, essa concepção tradicionalmente desenvolvida e utilizada nas análises como morfossintática é na realidade o *tema* e o *rema*, que corresponde frequentemente, mas não sistematicamente, que é de abrangência do terceiro ponto de vista - *enunciativo-hierárquico* (cf. 2.2.3 abaixo) – não do morfossintático, uma vez que não é concebido a partir do enfoque nas formas (morfológicas) e nas relações (sintáticas) dessas formas em um determinado sistema linguístico.

²⁷ “1. O predicado, qualquer que seja o referente, confere ao enunciado, que o funda como completo do fato mesmo que é proferido, uma realidade em discurso; 2. O predicado é necessariamente (determinável ou) determinado, todo o resto funciona como não-predicado ou determinante”. (tradução nossa)

Assim como Hagège, Lazard (1994) define o predicado como o centro do enunciado, aquele que ‘comanda’ as relações entre os complementos dependentes (obrigatórios) – os *actantes* – e independentes (facultativos) – *os circunstantes*.

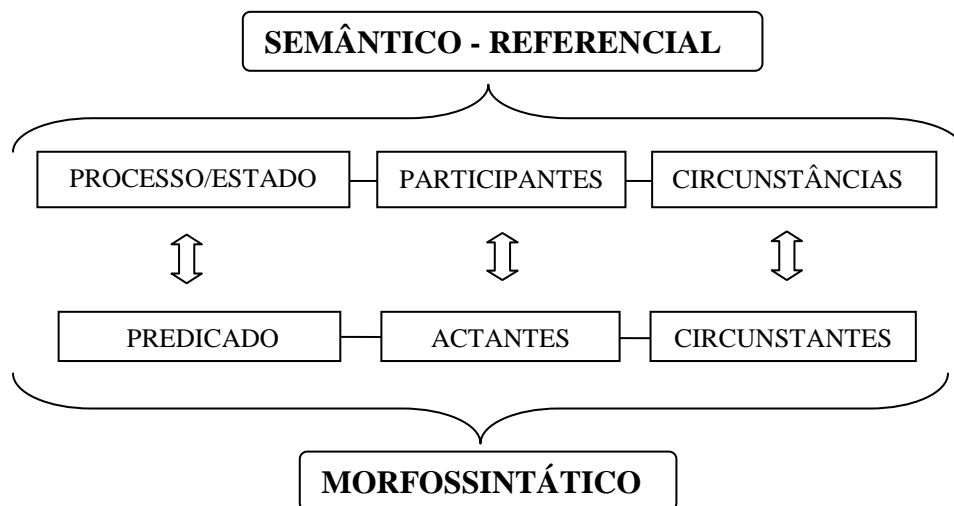
Esses complementos, segundo Lazard, referem-se aos seres e às coisas do mundo bio-social e podem manter diferentes relações com o processo expresso pelo verbo, assumindo diferentes funções semânticas. Nesse sentido, há uma forte relação entre o primeiro e o segundo ponto de vista, ou seja, o morfossintático e o semântico-referencial.

Segundo Hagège, do ponto de vista *semântico-referencial*, a análise deve dar conta da “relação entre o enunciado e aquilo sobre o qual ele fala”. Uma teoria da linguagem não reducionista deve levar em conta os seguintes componentes de sentido: (1) o domínio dos referentes; (2) o significado de cada signo; (3) a semântica da sintaxe: o sentido ligado ao fato de ser um nome, um verbo etc. e ao fato de funcionar como sujeito etc.; (4) a organização contextual; (5) a posição das unidades linguísticas; (6) a modalidade (oral ou escrita) ou tipo de texto, dentre outros.

Segundo Lazard (1994, p. 65), como a percepção das entidades do mundo bio-social pelos membros de uma dada sociedade se baseia em concepções culturais, não há uma correspondência termo a termo das relações do mundo com as relações gramaticais, pois “Chaque grammaire résulte d’une élaboration particulière des relations perçus entre les êtres, les choses et les procès, si bien que la syntaxe de la phase, dans chaque langue, ne le reflète que médiatement, à travers une interprétation complexe”²⁸.

A partir da análise de uma língua, pode-se observar um paralelismo entre o ponto de vista semântico-referencial e o morfossintático. Conforme explica Hagège (1982), aos actantes e circunstantes (ponto de vista morfossintático) correspondem no ponto de vista semântico-referencial, os participantes, os quais podem desempenhar diferentes papéis semânticos (= papéis temáticos) no enunciado, ou as circunstâncias em que se desenvolve o processo, ou seja, o quadro espacial, temporal ou conceitual. Essa correspondência pode ser evidenciada no esquema abaixo:

²⁸ “Cada gramática resulta de uma elaboração particular das relações percebidas entre os seres, as coisas e os processos, de modo que a sintaxe da frase, em cada língua, reflète isso apenas indiretamente, através de uma interpretação complexa” (tradução nossa).



Esquema 1: Relação entre os planos semântico-referencial e morfossintático, com base em Hagège (1982) e Lazard (1994).

As funções morfossintáticas de *predicado*, *actante* e *circunstante* são desempenhadas por termos que fazem referência ao *processo/estado*, aos *participantes* e às *circunstâncias*, respectivamente.

Quanto aos papéis semânticos que podem ser assumidos pelos participantes, tem-se, entre outros:

- a) o de *agente* – participante que efetua o processo (ex.: **José varre a casa**);
- b) o de *paciente* – participante que é afetado pelo processo (ex.: **José come peixe**);
- c) o de *instrumento* - participante por meio do qual o processo se realiza (ex.: **a chave abriu a porta**);
- d) o de *experienciador* – participante centro de uma percepção ou sentimento (ex.: **José ama Maria**, no qual José vive a experiência de amar);
- e) o de *beneficiário* – participante que recebe um benefício (ex.: **José deu um livro para Maria**);
- f) o de *estímulo* – participante que provoca uma percepção ou sentimento (ex.: João ama **Joana**, neste exemplo, *Joana* estimula *João* a um sentimento de amor).

Segundo Lazard, não há uma correspondência entre os papéis semânticos e as funções actanciais, pois *a priori* é impossível que a sintaxe reflita fielmente as relações percebidas no mundo exterior. Essa impossibilidade ocorre porque as relações de percepções do mundo

exterior são infinitamente variáveis (passa pela diversidade cultural), enquanto que as relações actanciais “sont inévitablement en nombre fini, et généralement en petit nombre”²⁹.

Quanto à análise do enunciado sob o ponto de vista *enunciativo-hierárquico*, segundo Hagège (1982), visa compreender a organização *informacional do enunciado*, distinguindo o menos informativo (informação já conhecida), o *tema*, do mais informativo (informação nova), o *rema*, sendo que a informação não é nova em si mesma, é considerada nova em determinada situação comunicativa.

Creissels (2006, p. 109-116) emprega os termos *tópico* e *foco* para fazer referência ao *tema* e ao *rema*, respectivamente³⁰. O tópico é definido como ‘um elemento do enunciado a partir do qual o enunciador desenvolve um comentário’ e o foco como um elemento que ‘é apresentado como particularmente carregado de um valor informacional elevado’³¹. Segundo este autor, as línguas podem apresentar enunciados sem tópico, mas não sem foco e também podem topicalizar vários termos em um mesmo enunciado (encadeamento de tópicos), porém não é possível focalizar dois termos de um mesmo enunciado.

As noções de *topicalização* e *focalização* fazem referência a “opérations ayant pour effet d'expliciter la structure discursive de la phrase, quels que soient les procédés formels mis en œuvre”³². Em outras palavras, a topicalização é uma estratégia empregada para assinalar explicitamente o(s) tópico(s); já a focalização é uma estratégia empregada para assinalar explicitamente no enunciado o foco (conforme veremos mais adiante).

Hagège e Creissels chamam a atenção para a não equivalência entre papéis discursivos (tópico-foco) e papéis sintáticos (sujeito-predicado) nas línguas do mundo (já estudadas), conforme apresentam as análises baseadas na tradição aristotélica, que trata o sujeito como equivalente ao tópico e predicado como equivalente ao foco. Para Creissels e Hagège, essa equivalência não ocorre de forma sistemática, pois os diversos constituintes do enunciado podem assumir diferentes papéis discursivos, de acordo com os sistemas linguísticos e a intenção comunicativa do enunciador.

²⁹ “são inevitavelmente em número finito e geralmente em pequeno número”.

³⁰ No entanto, este autor alerta para o fato de que a terminologia usada pelos pesquisadores para se referir aos papéis discursivos que os constituintes poderão assumir em um enunciado é muito variada e nem sempre designam os mesmos conceitos.

³¹ Tradução nossa.

³² “operações que tem por objetivo explicitar a estrutura discursiva da frase, quaisquer que sejam os procedimentos formais empregados” (tradução nossa).

Creissels (2006) explica que as línguas regulam de maneira muito variável a relação entre funções sintáticas e discursivas, ou seja, há línguas nas quais os sistemas permitem (mas não totalmente) que os papéis sintáticos coincidam com os discursivos (sujeito=tópico e predicado=foco); mas há outras em que não ocorre nenhuma equivalência, pois o sistema linguístico faz distinção entre essas duas noções, como, por exemplo, em húngaro e em basco.

Assim, a determinação de ser tópico (tema) ou de ser foco (rema), para esses autores, está subordinada ao contexto enunciativo e à intenção comunicativa do enunciador, pois o já *conhecido* e o *novo*, “não são conceitos absolutos, cabe ao falante analisar o interlocutor e a situação para decidir o que será tema e o que será rema. Isto explica por que uma mesma oração pode ter diferentes articulações” (CASTILHO *apud* ILARI, 1992). Segundo Creissels (2006), o sistema de uma língua permite construir frases diferentes a partir de um mesmo conjunto de constituintes nominais e de um mesmo verbo em função predicativa, com as mesmas implicações referentes aos papéis semânticos atribuídos aos termos da construção do verbo, porém apresentando discursivamente *diferentes organizações da informação*, conforme ilustram os exemplos abaixo:

- (1) Tópico Foco
{ Virgínia // { comeu galinhada ontem.
- (2) Foco Tópico
{ Foi GALINHADA³³ // { que Virgínia comeu ontem.
- (3) Foco Tópico
{ Foi ONTEM // { que Virgínia comeu galinhada.

Do ponto de vista enunciativo-hierárquico, todo enunciado possui um *tópico* e um *foco*, conforme ilustra o exemplo (1) acima, cujo tópico é assumido pelo nome próprio “Virgínia” e o foco pelos termos “comeu galinhada ontem”; esta pode ser considerada, em português, uma estrutura ‘neutra’ do ponto de vista enunciativo. No entanto, de acordo com a intenção comunicativa do enunciador, outros termos dessa construção podem passar a

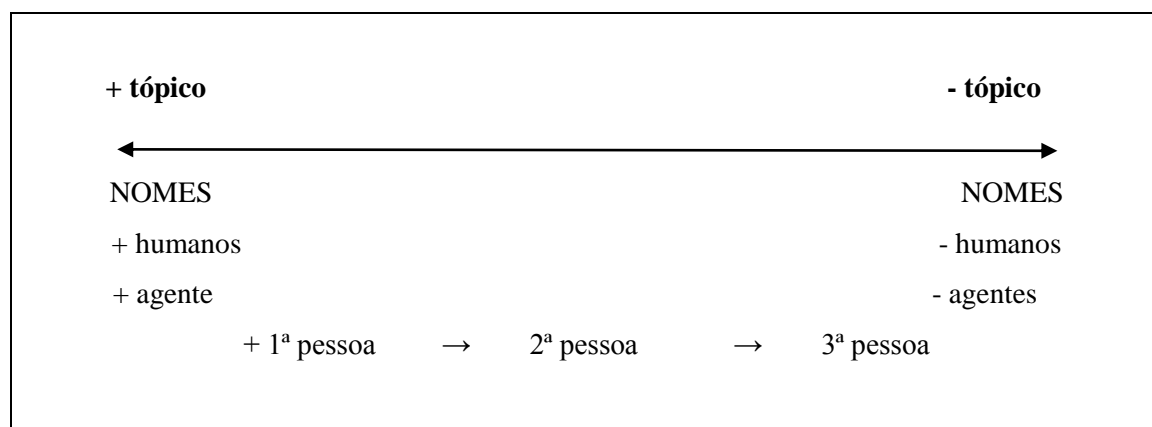
³³Na apresentação dos exemplos, a grafia em caixa alta de um dos termos do enunciado indica que este é o termo focalizado pelo enunciador, conforme os termos “GALINHADA” e “ONTEM” nos exemplos (2) e (3) desta página, como também vários termos dos exemplos que ilustram estratégias de focalização em Sateré-Mawé, apresentados no capítulo 6.

funcionar como tópico ou foco mediante o emprego de estratégias de *topicalização* e/ou *focalização*. Nos exemplos (2) e (3) acima, observa-se que o complemento de objeto direto “galinhada” e o circunstancial “ontem” são focalizados por meio do emprego de uma construção clivada³⁴, que implica uma mudança de posição do termo focalizado (de pós-verbal para pré-verbal).

De fato, diversas estratégias estão presentes nas línguas e são usadas, de acordo com a finalidade comunicativa, para topicalizar ou focalizar determinado termo (ou termos) do enunciado. Segundo Creissels, quatro são as estratégias mais comuns empregadas nas línguas com esse objetivo, a saber: 1) *entonação*; 2) *adição de formas morfológicas*; 3) *ordem das palavras* (posição); 4) *combinação da entonação e ordem das palavras e/ou adição de formas morfológicas*.

Quanto à *topicalização*, o autor apresenta três fatores que podem condicionar a escolha de um tópico, a saber:

- 1) Os *conhecimentos compartilhados pelo enunciador e co-enunciador(es)*;
- 2) O *contexto enunciativo*;
- 3) As *propriedades de topicalidade*, ou seja, elementos da língua que numa escala tendem a ser mais tópico, como por exemplo os nomes³⁵, conforme esquema abaixo:



Esquema 2: Escala de topicalidade, com base em Creissels (2006).

³⁴Chama-se estrutura clivada uma construção na qual a unidade posta em valor é inserida entre dois monemas especializados (frequentemente um auxiliar de predicação e uma ‘RELATIVA’” (COSTAOUEC & GUÉRIN, 2007, p. 243, grifo dos autores, tradução nossa). Segundo Costouec & Guérin (2007), as estruturas de uma construção clivada mais comuns em Francês e Inglês, são respectivamente: *C’est ...qui / Il y a...qui / Voilà...qui; It was...that / It was...who*.

³⁵Creissels observa que embora os nomes possuam um alto grau de topicalidade, isso não os impede de serem utilizados em outro papel discursivo.

Os humanos têm traço intrínseco de topicalidade em detrimento dos não-humanos; já os agentes dependem do referente do nome no acontecimento (humano ou não-humano). Além disso, a escala de topicalidade pode depender da pessoa, ou seja, a primeira pessoa tende a apresentar um maior grau de topicalidade que a segunda e a terceira pessoas e a segunda pessoa tende a apresentar um maior grau de topicalidade que a terceira, como ocorre em diversas línguas do Tronco Tupi.

Quanto à *focalização*, Creissels distingue a *focalização simples* (ou informativa) da *focalização contrastiva*. Na *focalização simples*, o foco chama a atenção para uma *informação* julgada importante. Essa noção está estreitamente ligada à noção de interrogação, sendo, então, foco a informação que falta em uma interrogação parcial, ou, na asserção, o que é apresentado como a informação que preenche uma lacuna.

Por sua vez, a *focalização contrastiva* abrange vários tipos de estruturas comunicativas, as quais implicam um contraste entre a informação em foco e uma informação alternativa, que pode aparecer explicitamente ou pressuposta, conforme apresentamos a seguir (CREISSELS, 2006):

1) *Focalização de rejeição*

A: - João foi ao teatro com a Ana.

B: - Não, não foi com a Ana que ele foi ao teatro.

2) *Focalização de substituição*

A: - João foi ao teatro com a Ana.

B: - Não, foi com a Carla que ele foi ao teatro.

Creissels observa que a focalização de substituição aparece frequentemente combinada na mesma frase com uma focalização de rejeição, conforme exemplo abaixo:

A: - João foi ao teatro com a Ana.

B: - Não, não foi com a Ana que ele foi ao teatro, foi com a Carla.

3) *Focalização de expansão:*

A: - João foi ao teatro com a Ana.

B: - Não só foi ao teatro com a Ana, ele também a levou em casa.

4) *Focalização de restrição*

A: - João saiu com a Ana e a Carla.

B: - Não, ele saiu somente com a Carla.

5) Focalização de seleção

A: - *Eu me pergunto se* João saiu com a Ana ou com a Carla.

B: - Posso te dizer que foi com a Carla que ele saiu.

Quanto à posição focal, segundo Creissels (2010), esta se apresenta nas línguas de maneira variável, pois alguns sistemas linguísticos apresentam certa rigidez e outras certa flexibilidade na utilização de uma posição de foco.

Um sistema com uma posição de foco rígida, o termo que a entonação assinala como foco é fixo em uma posição especial bem precisa e não pode aparecer em outro lugar. Já em um sistema com posição de foco flexível, a colocação dos termos que sua entonação assinala como foco numa posição especial é apenas uma tendência; não é fixo e pode variar.

Desse modo, segundo este autor, uma posição de foco é determinada em relação ou aos limites da frase ou aos limites do verbo, o que *a priori* dá 4 possibilidades de posição, a saber: a) no início da frase; b) no fim de frase; c) antes do verbo; d) após o verbo.

Foram esses os pressupostos teóricos que fundamentaram a descrição e que foram considerados na análise da negação em Sateré-Mawé.

CAPÍTULO 3: A NEGAÇÃO

3.1 A noção de negação

Todas as línguas apresentam estratégias próprias para expressar verbalmente a negação de acordo com a intenção comunicativa dos falantes de uma dada comunidade linguística.

Dentre os diferentes enfoques sobre os quais a negação é tratada, constatamos que muitos dos estudos nas diferentes línguas do mundo têm sido feitos a partir de uma definição lógica da negação. Nesta perspectiva, a negação é definida como

un opérateur propositionnel, c'est-à-dire qu'elle opère sur une proposition p , et forme avec cette proposition p une nouvelle proposition notée par \bar{p} ou $\sim p$, c'est-à-dire *non- p* , dont la valeur logique (ou valeur de vérité) est l'inverse de celle de p : si p est vrai, \bar{p} est faux, et si p est faux, \bar{p} est vrai.³⁶ (TOURATIER, 2007, p. 13, grifo do autor).

Nesse sentido, a negação é um operador que inverte as condições de verdade do conteúdo proposicional ao qual se aplica. Quando este operador é aplicado a um conteúdo proposicional que é objeto de uma asserção³⁷, ele se manifesta por uma inversão sistemática do valor de verdade dessa asserção; por exemplo, em uma determinada situação enunciativa quando se diz, referindo-se a mesma: *chove*, este enunciado pode ser julgado verdadeiro e *não chove*, falso, ou reciprocamente (CREISSELS, 2006, p. 129).

Para Bergson, enquanto a proposição afirmativa traduz um julgamento feito sobre um objeto, a *proposição negativa* traduz um julgamento feito sobre um outro julgamento. Assim sendo, a negação difere da afirmação propriamente dita, uma vez que é uma afirmação de segundo grau, ou seja, diz algo de uma afirmação, que diz alguma coisa de um objeto, conforme explica Bergson (*apud* TOURATIER, 2007, p.13):

La négation n'est qu'une attitude prise par l'esprit vis-à-vis d'une affirmation éventuelle. Quand je dis: "cette table est noire", c'est bien de la table que je parle: je l'ai vue noire, et mon jugement traduit ce que j'ai vu. Mais si je dis: "cette table n'est pas blanche", je n'exprime sûrement pas quelque chose que j'aie perçu, car j'ai vu du noir, et non pas une absence de blanc. Ce n'est donc pas, au fond, sur la table elle-

³⁶um operador proposicional, quer dizer que ela [a negação] opera sobre uma proposição p , e forma com essa proposição p uma nova proposição cuja notação é \bar{p} ou $\sim p$, isto é, *não- p* , cujo o valor lógico (ou valor de verdade) é o inverso daquele de p : se p é verdadeiro, \bar{p} é falso e se p é falso, \bar{p} é verdadeiro” (tradução nossa; grifo nosso).

³⁷Creissels emprega alternadamente, com o mesmo valor, os termos: *asserção*; *enunciado assertivo* e *frase assertiva* em seu texto. Neste capítulo, manteremos os termos empregados pelos próprios autores, daí a ocorrência da alteração terminológica ao apresentarmos suas teorias.

même que je porte un jugement, mais plutôt sur le jugement qui la déclarerait blanche. Je juge un jugement, et non pas la table (grifo do autor)³⁸.

Dessa forma, sendo a negação um julgamento sobre um outro julgamento, é considerada pelos lógicos como uma modalidade; análise essa aceita por muitos linguistas. Assim, um enunciado negativo é algo como uma notação de segundo grau, que pressupõe como intermediário um enunciado afirmativo não expresso (TOURATIER, 2007, p.13). Portanto, as asserções negativas ocorrem usualmente com a função de negar ou de apurar alguma asserção afirmativa. Por exemplo, ao dizer: *João não limpou a cozinha*, supõe-se que João deveria ter limpado. Isso implica dizer que uma asserção negativa pressupõe uma asserção afirmativa anterior (PAYNE, 1997, p. 282).

De um ponto de vista linguístico, Ducrot (1973 apud TOURATIER, 2007, p. 13-14) assinalou a necessidade de distinguir três tipos de empregos pragmáticos³⁹ da negação, de acordo com os atos de fala: a *negação descritiva*, a *negação polêmica* e a *negação metalinguística (ou negação eco)*.

Ducrot (1973, p. 124) chama *negação descritiva*⁴⁰, “aquela que é a afirmação de um conteúdo negativo sem referência a uma afirmação antitética”. Pode-se ter, então, aí, tanto uma negação de frase quanto uma negação de predicado.

Vejamos o exemplo e explicação dados por Ducrot (1973 apud TOURATIER, 2007, p.14-15):

Pierre ne doit pas fumer.

on apporte une information, qui se trouve être de type négatif. Il y a là un acte d'affirmation, mais qui porte sur un contenu ou, plus précisément, sur un prédicat négatif. Et dans ce cas, lorsque l'expression *ne pas devoir* est située à l'intérieur du contenu, il est de règle qu'elle prenne une signification non pas contradictoire, mais contraire à *devoir* (grifo do autor)⁴¹.

³⁸“A negação é apenas uma atitude tomada pelo espírito em face de uma afirmação eventual. Quando eu digo: “essa mesa é preta”, é da mesa que eu falo: eu a vi preta e o meu julgamento traduz o que vi. Mas se digo: “essa mesa não é branca”, eu não expresso certamente algo que eu percebi, pois eu vi [algo] preto e não uma ausência de branco. Portanto no fundo, não é sobre a mesa em si mesma que faço um julgamento, mas sobretudo, sobre o julgamento que a declararia branca. Julgo um julgamento e não a mesa” (tradução nossa, grifo nosso).

³⁹Jacques Moeschler (apud TOURATIER, 2007) em seus estudos apresentou oito empregos pragmáticos principais da negação, os quais foram organizados *em quatro configurações*, a saber: 1) inferência convidativa; 2) contexto de retificação; 3) contexto ilocucionário; e, 4) contexto polêmico.

⁴⁰ Este tipo de negação corresponde à primeira configuração proposta por Moeschler, ou seja, à inferência convidativa.

⁴¹“*Pedro não deve fumar*. Trazemos uma informação, que é do tipo negativo. Tem-se aí um ato de afirmação, mas que incide sobre um conteúdo ou, mais precisamente, sobre um predicado negativo. E, neste caso, quando a expressão *não dever* está situada no interior do conteúdo, frequentemente ela ganha uma significação não contraditória, mas contrária a *dever*” (tradução nossa).

Segundo Ducrot, a frase *Pierre ne doit pas fumer* traz uma informação que é do tipo negativo e corresponde a um ato de afirmação, que incide sobre um predicado negativo, o qual ganha uma significação *não contraditória*, mas *contrária a dever*.

Na *negação polêmica*⁴², por sua vez, o ato de fala corresponde a uma denegação, isto é, a uma frase negativa que significa “Eu refuto que p”. Corresponde, segundo Ducrot (op. cit., p. 14), “à un acte de parole de négation, et qui se présente donc comme réfutation de l'énoncé positif correspondant (il s'agit toujours, dans ce cas, d'une négation de phrase)”⁴³.

Segundo Neves (1999, p. 330), na negação polêmica entra em cena não um locutor, mas um enunciador responsável por uma afirmativa virtual implícita, o qual polemiza um enunciado já afirmado, podendo assim, refutar, retificar, ratificar conforme mostram os exemplos abaixo:

Refutando:

(1a) - Chega até ser engraçado...

(1b) - **Não** vejo graça nenhuma...

Retificando:

(2a) - É por causa do quarto (...).

(2b) - **Não** é quarto, não. É vaga.

Ratificando (após outro enunciado negativo):

(3a) - Doutor, qualquer coisa que aconteça, **não** vou esquecer!

(3b) - **Não** esquecerá...

Além desses dois empregos pragmáticos da negação, Ducrot acrescentou um terceiro tipo, a *negação metalinguística ou eco*⁴⁴. Esse tipo de negação se refere ao próprio enunciado, configurando uma metalinguagem.

⁴² Jacques Moeschler (1992 apud TOURATIER, 2007) apresentou três empregos correspondentes à *negação polêmica*: negação de retificação; negação de concessão; negação de refutação.

⁴³ “a um ato de fala de negação, e que se apresenta, então, como refutação do enunciado positivo correspondente (trata-se sempre, neste caso, de uma negação de frase)” (tradução nossa).

⁴⁴ Jacques Moeschler (1992 apud TOURATIER, 2007) apresentou três empregos correspondentes à *negação metalinguística*: a negação de rejeição de uma implicação; a rejeição da negação de uma enunciação e a negação pressuposicional.

De acordo com Neves (1999, p. 330-331), a negação metalinguística pode apresentar vários empregos com a finalidade de: a) valorizar ou desvalorizar; b) rejeitar uma implicação; c) rejeitar um enunciado, conforme ilustram os exemplos abaixo:

Valorizando ou desvalorizando:

(4) Pedro é meio lelé, mas **não** é tanto.

Rejeitando uma implicação:

(5) Pode ser destemperada, mas **não** é burra.

Rejeitando um enunciado:

(6) Não pense você que ele veio **ao** Brasil (e **não para o** Brasil) por medo de Buonaparte, o covarde.

Neves, assim como Ducrot, apresenta uma definição pragmática da negação. Para essa autora, o processo da negação é uma operação que atua em vários níveis: no nível sintático-semântico, bem como no nível pragmático. Negar, para Neves (1999, p. 285), “é um processo formador de sentido, agindo como instrumento de interação dotado de intencionalidade. A negação é, além disso, um recurso argumentativo (ou contra-argumentativo)”.

Embora o emprego de asserções negativas tenha fortes implicações discursivas, Creissels (2006, p. 130) propõe que a descrição da negação de uma língua seja feita a partir da definição lógica da negação, o que não implica negar os diferentes efeitos de sentido produzidos pela negação nas diferentes línguas do mundo; esse autor considera que quaisquer que sejam as especificidades da asserção negativa como ato de linguagem distinto da asserção afirmativa, e quaisquer que sejam os efeitos de sentido produzidos pela combinação da negação e de modalidades enunciativas outras que a asserção, trata-se aí da exploração enunciativa de uma noção (a negação), cuja definição provém da lógica, isto é, do estudo das condições de verdade dos conteúdos proposicionais, e não de uma teoria da enunciação.

Sendo assim, a *negação de frase* é para Creissels (ibid., p. 137-138), dentre os fenômenos de linguagem que implicam a noção lógica de negação, um mecanismo morfossintático que, aplicado a uma frase assertiva, resulta em uma frase que se distingue da primeira tanto pela inversão do valor de verdade, como por um conjunto de propriedades sintáticas que não estão presentes em frases que não apresentam nenhuma espécie de negação.

3.2 A negação de frase

A definição de frase negativa não é consensual entre os linguistas. Muitos tendem a considerar como sendo negação de frase, apenas as frases em que a negação incidir sobre o predicado ou grupo verbal, sendo que nos demais casos teríamos uma negação de constituinte.

Creissels, no entanto, considera *frase negativa* todo enunciado que apresentar uma negação, podendo esta apresentar uma incidência variável, não limitada ao grupo verbal, isto é, a negação pode incidir na frase negativa sobre qualquer elemento do enunciado. Uma vez que a negação é ordenada e determinada por cada sistema linguístico em particular, as variações da incidência da negação podem ser condicionadas tanto pela natureza morfossintática dos indicadores de negação (por exemplo, a mobilidade de partículas negativas), quanto pela forma como cada língua organiza a focalização, conforme explica Creissels:

Les contraintes sur l'explicitation de la portée de la négation sont très variables selon le système des langues particulières, ainsi que les procédés disponibles pour lever en cas de besoin les ambiguïtés qu'autorise le système. Les variations sont conditionnées à la fois par la nature morphosyntaxique des marques de négation (et notamment par la plus ou moins grande mobilité des particules de négation, pour les langues qui ont recours à ce type de marque (...)), et par la façon dont chaque langue organise la focalisation. En effet, focaliser un terme d'une phrase assertive, c'est marquer une restriction sur la portée de l'assertion. Il n'est donc pas étonnant que l'explicitation de la portée de la négation puisse faire appel, non seulement à des constructions clivées (...), mais de manière plus générale aux procédés utilisés dans les phrases assertives positives pour marquer une focalisation, notamment l'intonation (CREISSELS, 2006, p.133-137)⁴⁵.

Nesse sentido, Creissels afirma que, levando em conta a variedade e possível complexidade das manifestações linguísticas da negação, a estratégia que se impõe para a descrição do sistema de negação de uma dada língua, como também para os estudos tipológicos da negação, é aquela de se considerar inicialmente apenas a negação de frases simples, isto é, aquelas que não comportam predicação segunda implícita, nem modalização, nem quantificação; como por exemplo, em português, o processo morfossintático da língua que permite negar asserções simples como: *chove; João partiu; o bebê bebeu o leite*, apenas pela adição de **não** (exemplo: *não chove, João não partiu, o bebê não bebeu o leite*), o qual

⁴⁵ “As coerções sobre a explicitação da incidência da negação são muito variáveis segundo o sistema das línguas particulares, bem como os procedimentos disponíveis para tirar, se necessário, as ambiguidades que autorize o sistema. As variações são condicionadas ao mesmo tempo pela natureza morfossintática das marcas de negação (e particularmente pela maior ou menor mobilidade das partículas de negação, pelas línguas que recorrem a esse tipo de marca (...)), e pela maneira pela qual cada língua organiza a focalização. De fato, focalizar um termo de uma frase assertiva é marcar uma restrição sobre a incidência da asserção. Não é, então, surpreendente que a explicitação da incidência da negação possa recorrer, não somente à construções clivadas (...), mas de maneira mais geral aos procedimentos utilizados nas frases assertivas positivas para marcar uma focalização, particularmente a entonação” (tradução nossa).

poderá ser designado de “negação padrão de frase” ou simplesmente “negação padrão”. Segundo Creissels, uma vez descrito este tipo de negação será mais fácil analisar a variedade e complexidade das manifestações linguísticas da negação.

Payne (1997, p. 282) considera negação de frase aquela que incide apenas sobre o grupo verbal. E, a partir da noção de *escopo*⁴⁶, classifica, principalmente, dois tipos de estratégias de negação nas línguas do mundo: 1) a *negação de enunciado*⁴⁷; 2) a *negação de constituinte*.

De acordo com este autor a *negação de enunciado* é a mais comum, e se caracteriza por ter como escopo todo o enunciado e incidir sintaticamente sobre o grupo verbal; já a *negação de constituinte* é menos frequente e tem como escopo apenas um dos constituintes do enunciado, conforme mostram os exemplos (7) e (8) apresentados por Payne:

(7) “*I didnt’t do it*”

(8) “*I have no bananas*”

Em (7) a negação abrange todo enunciado e em (8) incide apenas sobre um constituinte do enunciado, *bananas*.

Já Touratier (2007, p. 22-25), em seu artigo *La négation: essai de définition et portée* apresenta uma nova definição de frase negativa. Para esse autor, dentre as frases que comportam um morfema de negação, são negativas:

1. As frases **cuja negação é sintaticamente um constituinte do verbo**, isto é, incide sobre o grupo verbal, conforme mostra o exemplo abaixo:

(9) *Je ne puis pas jouer avec toi, dit le renard. Je ne suis pas apprivoisé.* (Saint-Exupéry, *Le Petit Prince* XXI)

2. As frases **cujo sujeito apresenta um sentido negativo**, como em (10):

(10) *et de tous les amants qu'elle avait eus, aucun n'avait pu seulement lui causer, dans ses oraisons, un moment de distraction.* (Voltaire, *Zadig*)

⁴⁶Payne parece considerar em sua análise o escopo sintático da negação e não o semântico. No entanto, outros autores empregam o termo escopo para se referir à incidência semântica da negação na frase. Para Nølke (1993 apud TOURATIER, 2007, p.26), o escopo é o domínio da frase, no qual as UPS (*Unidades Portadoras de scope*), que são os quantificadores, certos advérbios e a negação, exercem uma influência sobre a ocorrência da significação dos morfemas e sintagmas. E para Neves (1999, p. 285) escopo é “o segmento do enunciado em que a negação exerce o seu efeito, ou seja, como um conjunto de conteúdos afetados pelo operador de negação”.

⁴⁷ Ou negação de frase (frásica/frasal), ou negação sentencial.

3. As frases **que apresentam um constituinte deslocado à esquerda cujo sentido é negativo**, conforme exemplo (11):

(11) *Il lui donna son cœur: elle le méritait bien. **Jamais** la fleur de la jeunesse ne fut si brillante. **Jamais** les charmes de la beauté ne furent si enchanteurs.* (Voltaire, *Zadig*.)

Segundo Touratier,

Dans la mesure où le constituant extraposé antéposé (ou disloqué à gauche) apporte le support informatif de l'énoncé, et en l'occurrence le cadre dans lequel l'énoncé est asserté, tout comme le sujet lorsque la phrase ne contient pas de constituant extraposé, on comprend qu'une phrase dont ce constituant extraposé est sémantiquement négatif soit une phrase négative (TOURATIER, 2007, p. 24)⁴⁸.

Deve-se notar que, para Touratier, tem-se uma frase negativa apenas se o constituinte circunstancial que apresenta um sentido negativo for deslocado à esquerda, análise esta válida para línguas como o Francês, em que a posição à esquerda não é a padrão. Esse constituinte, assim como o sujeito, funcionaria como suporte informacional do enunciado, mais precisamente como o quadro no qual o enunciado é assertado. E, por essa razão, esse tipo de enunciado deve ser considerado negativo.

4. As frases em que **a negação é uma expansão de toda a frase**, como ocorre em latim, na qual a negação pode estar próxima do verbo ou no início da frase, incidindo sobre toda a frase, conforme exemplo (12) abaixo.

[12] *non* si Opimium defendisti, Carbo, ideirco te isti bonum ciuem putabunt (Cic, *de orat.* 2,170)
“Não é porque você defendeu Opimius que eles, por esta razão, acreditarão ser você, Carbo, um bom cidadão.”

Nessa frase do latim, a partícula negativa **non** ocorre no início da frase e incide sobre todo o enunciado (TOURATIER, 2007, p.25), o que não ocorre na tradução em português.

Pode-se, portanto, observar que para Touratier é uma frase negativa toda frase que apresentar a negação incidindo sobre o grupo verbal, como considera Payne, mas também aquelas em que (1) o sujeito apresentar um sentido negativo, ou (2) apresentar um

⁴⁸“Na medida em que o constituinte extraposto anteposto (ou deslocado à esquerda) traz o suporte informativo do enunciado, e neste caso o quadro no qual o enunciado é assertado, assim como o sujeito, quando a frase não contém constituinte extraposto, compreende-se que uma frase cujo constituinte extraposto é semanticamente negativo seja uma frase negativa” (tradução nossa).

circunstante com sentido negativo deslocado à esquerda, bem como aquelas (3) em que a negação é uma expansão de toda frase.

Essa definição de frase negativa de Touratier se aproxima da de Creissels, mas diverge da mesma, uma vez que para Creissels é negativa toda frase que apresenta um de seus constituintes negado, esteja ele em sua posição sintática padrão ou deslocado.

3.3 Mecanismos morfossintáticos da negação nas línguas do mundo

Diferentes mecanismos linguísticos, sejam estes lexicais ou gramaticais, são empregados pelas línguas para expressar a negação.

Para Creissels (2006, p.131), a negação pode ocorrer no nível da sintaxe ou no nível da formação de palavras, ou seja, da morfologia lexical. No nível de formação de palavras, a negação ocorre em uma língua, quando esta apresenta um processo sistemático de derivação de antônimos com sentido negativo. No entanto, há línguas que não possuem mecanismo de derivação que permita formar antônimos, é o caso de muitas línguas africanas subsaarianas, as quais a expressão da negação apenas ocorre por meio de mecanismos morfossintáticos. Porém, todas as línguas parecem possuir em seu léxico pares de antônimos, geralmente de verbos (como por exemplo: continuar/cessar; aceitar/recusar) com sentido negativo. Para Creissels, há entre os valores de verdade de duas frases construídas por um par de predicados antônimos a mesma relação que entre uma frase positiva e sua contrapartida negativa.

Lexicalmente, segundo Payne (1997, p. 282), a negação descreve uma situação em que o conceito de negação faz parte da semântica lexical de um termo do léxico, particularmente do verbo como, por exemplo, o verbo *faltar* ocorrendo como negação do verbo *ter*.

Creissels considera que a *negação de frase* é a única necessária ao funcionamento da negação em uma dada língua, e, portanto, a análise desse tipo de negação (de frase) é que permitirá chegar aos diferentes mecanismos morfossintáticos, isto é, às diversas *formas linguísticas* que têm a função de negar em uma determinada língua.

São esses mecanismos morfossintáticos empregados pelas línguas para a negação de uma frase, observados e sistematizados a partir de estudos tipológicos, que apresentaremos a seguir.

3.3.1 Negação por partículas

A negação por meio de *partículas negativas* é bastante recorrente nas línguas. De acordo com Creissels (2006, p. 140), partículas negativas “sont des formes non fléchies qui caractérisent comme négatives les phrases où elles figurent, qui souvent n'ont qu'une mobilité

réduite, mais qui en tout cas ne peuvent pas s'analyser comme affixes du verbe⁴⁹", ou seja, são formas que ocorrem, segundo a classificação das unidades linguísticas proposta por Mattoso Câmara Jr. (1999, p. 22-29), não como *formas presas (afixadas a uma base)*, mas como *formas dependentes*.

Payne (1997, p. 282) classifica esse tipo de negação como “analítica”, a qual se expressa por meio de partículas negativas, mas também por verbos negativos finitos. Essas partículas são normalmente associadas ao verbo principal de um enunciado. E, podem ser invariáveis, como o *ne* do Russo, ou variáveis, como em Árabe Iraquiano, no qual a negação dos predicados verbais é marcada pela partícula *ma* e a dos predicados nominais pela partícula *mu*, isto é, predicados verbais e nominais recebem diferentes partículas de negação.

Segundo Creissels (2006, p. 140), o caso mais evidente de partículas negativas não ligadas ao verbo ocorre quando as partículas negativas apresentam uma posição fixa ou no *início* ou no *fim* da frase. Nas línguas que se organizam dessa maneira a ordem dos termos é, geralmente, a seguinte: *sujeito + verbo + outros termos*.

Entretanto, não é muito comum a ocorrência de partículas negativas posicionadas distantes do verbo. Nas línguas que apresentam o verbo em posição inicial, observa-se a ocorrência de uma marcação simples da negação por meio de uma partícula (de negação) posicionada no início da frase. Nas línguas que apresentam o verbo na posição final, constata-se a ocorrência de uma marca de negação por meio de uma partícula posicionada no fim da frase. Já nas línguas que independentemente da posição do verbo têm uma partícula de negação sistematicamente colocada no início ou no final de frase, a tendência é ocorrer uma dupla marcação da negação, pois outra marca da negação aparece unida ao verbo, conforme mostram os exemplos (13a; 13b; 13c) na língua Mina⁵⁰ (CREISSELS, 2006, p. 140):

(13a) kòkú **mú** - lá - pò é - bé sɔ ò
Kokou NEG - FUT - bater 3sg. - GEN mulher NEG

“Kokou não bate na sua mulher.”

⁴⁹“são formas não flexionadas que caracterizam como negativa as frases onde figuram, e que, frequentemente, têm uma mobilidade reduzida, mas que em todo caso não podem ser analisadas como afixos do verbo” (tradução nossa).

⁵⁰Língua também conhecida como **Gen**, é uma língua africana falada principalmente no Sudeste do Togo (região marítima) com 200 mil e 900 falantes e no departamento de Mono do Benim com 126 mil falantes (cf. SIL/Ethnologue). É uma língua tonal e faz parte do ramo *Volta-Níger* da maior família linguística africana *Níger-Congo* (Cf. <http://pt.wikipedia.org>).

(13b) kòkú **mú** - sà - nà sîgâ ò
Kokou NEG - vender - PRES cigarro NEG

“Kokou não vende cigarros.”

(13c) **ṣùgbà**- dǔ wè ò
NEG - dançar dança NEG

“Não dança.”

Nos exemplos acima, além da partícula negativa ò, que aparece no final do enunciado, o verbo é prefixado por um morfema negativo; **mú** em (13a e 13b) e **ṣùgbà** em (13c).

Segundo Creissels, também o Afrikaans⁵¹ apresenta uma *dupla marcação da negação*. Essa língua tem a particularidade de apresentar a mesma partícula de negação **nie** em dois pontos diferentes da frase. Nessa língua, a negação padrão é em todos os casos marcada por **nie** posposta ao verbo ou ao auxiliar, no caso de formas verbais analíticas; e, se esta primeira regra faz aparecer **nie** em outro lugar que não seja no fim de frase, **nie** é obrigatoriamente repetida na posição final, conforme mostram (14a e 14b) a seguir:

(14a) Ek praat Afrikaans

“Falo Afrikaans”

(14b) Ek praat **nie** Afrikaans **nie**

“Não falo Afrikaans

3.3.2 Negação morfológica

A expressão da negação através da morfologia verbal é outra estratégia bastante comum nas línguas do mundo. Segundo Creissels (2006, p.142-143), seu desenvolvimento é geralmente resultado da morfologização de uma forma verbal analítica, que comportava um auxiliar negativo, ou da aglutinação de uma partícula negativa ligada ao verbo.

Para Payne (1997, p. 283), esse tipo de negação ocorre por meio de morfemas presos que expressam negação de enunciado, os quais são quase sempre afixados ao verbo. Há

⁵¹ O **Afrikaans** (ou Africâner, Africânder) é uma língua do ramo germânico do grupo indo-europeu falada na África do Sul e na Namíbia (Cf. <http://pt.wikipedia.org>).

línguas, como a Farsi⁵², que empregam um prefixo verbal simples, conforme mostra o exemplo (15) abaixo:

- (15) **na** - xar - am
NEG. - comprar - 1sg.
“Eu não comprei.”

Segundo Creissels (2006, p.142), outras línguas, como o Turco, apresentam um sufixo negativo. Em Turco, as formas verbais negativas comportam um sufixo negativo que é o mesmo para todos os paradigmas de conjugação, apresentando variações da sua vogal condicionadas pelo contexto linguístico, conforme ilustrado nos pares de exemplos (16a - 16b) e (17a - 17b):

- | | |
|--|---|
| (16a) gel - di - niz
venir - ACP - 2pl.
“Vocês vieram.” | (16b) gel - me - di - niz
venir - NEG - ACP - 2pl.
“Vocês não vieram.” |
| (17a) anli - yor - um
comprender - PROG - 1sg.
“Compreendo.” | (17b) anla - mi - yor - um
comprender - NEG - PROG - 1sg.
“Não compreendo” |

Contudo, para este autor, nem sempre a passagem de uma forma positiva para uma forma negativa correspondente ocorre por meio de uma operação morfológica simples, ou seja, apenas pela adição de um afixo de negação. Há línguas que expressam a negação através de uma morfologia verbal que apresenta uma operação mais complexa. Em Tswana⁵³, por exemplo, pode-se reconhecer certos segmentos das formas verbais negativas como sendo especificamente marcas de negação; no entanto, estas marcas interagem com os outros formativos de tal maneira que aí não exista, em todo o sistema verbal do Tswana, duas entradas verbais para as quais a passagem da *forma positiva* à *forma negativa* se faria exatamente da mesma maneira, conforme ilustram os exemplos (18a e 18b; 19a e 19b) abaixo:

⁵² A língua **Farsi** ou persa moderno, parse, pársi ou fársi pertence ao grupo indo-iraniano da família das línguas indo-europeias. É falada por 65 milhões de pessoas no Irã, Afeganistão, Tadjiquistão, Uzbequistão, Bahrein, Iraque, Azerbaijão, Armênia, Geórgia, sul da Rússia e em regiões vizinhas (cf. <http://pt.wikipedia.org>)

⁵³ Língua pertencente à família linguística nigero-congolesa. Está diretamente relacionada com outras duas línguas do grupo linguístico soto: o soto do sul (*Sesotho*) e o soto do norte (*Sesotho sa Leboa*). É a Língua materna dos tsuanas (*batswana*; singular *motswana*), sendo falada por 4 milhões de pessoas, que vivem na África do Sul, Zimbábue e Namíbia (cf. <http://pt.wikipedia.org>).

(18a) o a lema “ele/ela cultiva”	ú- s3:1	á- DISJ	lìm- cultivar	à FIN	
(18b) ga a leme ele/ela não cultiva	χà- NEG	á- s3:1	lìm- cultivar	í FIN	
(19a) o lemile ele/ela tem cultivado	ú- s3:1	lím- cultivar	ìl- PARF	è FIN	
(19b) ga a a lema ele/ela não tem cultivado	χà- NEG	á- s3:1	á- PARF	lìm- cultivar	á FIN

Esses exemplos, no presente (18) e no perfeito do indicativo (19), mostram que a presença de um indicador negativo tem uma incidência sobre os outros formativos (categorias do verbo) que não estão necessariamente em contato imediato com o indicador de negação, isto é, sobre o índice de sujeito, que passa de [ú-], na frase afirmativa positiva, para [-á-], na frase negativa; e sobre as marcas de finalidade, que passam de [-à ~ - è], nas frases afirmativas positivas, para [-í ~ -á], nas frases negativas; além desses formativos, também sofrem variações na língua Tswana, as marcas de tempo, aspecto e modo, sem que seja possível generalizar seu funcionamento de uma ocorrência à outra; além disso, a presença de um indicador negativo altera o tom do verbo de tal forma que também não é possível generalização alguma (CREISSELS, 2006, p.142).

3.3.3 Auxiliares de negação

Outra estratégia comum para expressar a negação nas línguas do mundo, segundo Creissels (2006, p.138-140), consiste em utilizar por marca de negação padrão uma palavra que se flexiona como o verbo, mas cujo significado lexical é a negação, sendo que o verbo da frase positiva correspondente aparece na *forma integrativa*, ou seja, finita ou flexionada.

Em Finlandês, por exemplo, a frase negativa apresenta um verbo principal na forma não finita e um auxiliar de negação que se flexiona em pessoa, sendo que, na frase afirmativa, a marca de pessoa é afixada ao verbo principal ou a um auxiliar aspectual. No entanto, o auxiliar de negação em Finlandês não expressa na sua flexão significado de tempo, aspecto e modo; estes são expressos na frase negativa pela escolha entre as formas não finitas do verbo, conforme ilustram os exemplos abaixo (CREISSELS, 2006, p.138):

(20a) menen ir-1sg. “Eu vou”	(20b) en NEG-1sg. “Eu não vou.”	mene ir- FVN
------------------------------------	--	-----------------

(21a) <i>menet</i> ir-2sg. “Tu vais”	(21b) et <i>mene</i> NEG-2sg. ir- FVN “Tu não vais”
(22a) <i>menee</i> ir-3sg “Ele vai”	(22b) ei <i>mene</i> NEG-3sg ir- FVN “Ele não vai”
(23a) <i>menin</i> ir- IMPF-1sg “Eu ia”	(23b) en <i>mennyt</i> NEG-1sg ir- FVN “Eu não ia”

Como se pode verificar nos exemplos acima, as formas *mene* e *mennyt* apresentam variações condicionadas pelo tempo, aspecto e modo. Em finlandês, portanto, somente a flexão em pessoa é expressa pelo auxiliar verbal negativo.

Há línguas, entretanto, em que o auxiliar de negação pode assumir a totalidade da flexão verbal e o verbo principal apresentar uma forma invariável.

O desenvolvimento de verbos cujo sentido lexical implica uma ideia de negação tornando-se auxiliares que exprimem “puro valor de negação” é constatado em muitas línguas.

Há línguas em que o desenvolvimento de um auxiliar de negação pode atingir a totalidade do paradigma verbal, e em outras línguas, apenas atingir certas entradas verbais, particularmente o imperativo, como ocorre em Galês. Nessa língua, as formas do imperativo negativo provêm do verbo que significa “parar”: a partir de um significado original “**pare de fazer isso!**”, chegou-se a “**Não faça isso!**”, conforme mostram os exemplos abaixo: (CREISSELS, 2006, p.139).

(24a) Araf - wch nawr ‘ralentir’ - IMPER.PL agora “Diminuem [a marcha] agora!”	(24b) Peidi - wch ag arafu nawr parar - IMPER.PL com ‘ralentir’ agora “Não diminuem [a marcha] agora!” ⁵⁴
--	---

⁵⁴ As frases (24a) e (24b) são utilizadas em painéis de regulamentação de trânsito em rodovias para indicar: “parada obrigatória!” e “não pare - sentido obrigatório”, respectivamente.

Pode-se observar que o morfema “*peidi*” (“parar”), na frase imperativa em (24b), funciona como verbo auxiliar de negação; esse morfema adquire ali um sentido negativo, enquanto o verbo principal *ralentir* apresenta uma forma não finita.

Pode ocorrer também que um auxiliar de negação se desenvolva não a partir de um verbo cujo sentido lexical implica de alguma forma a ideia de negação, mas a partir da forma negativa de um verbo comum, como em Latim. Nesta língua, o imperativo negativo podia ser expresso por *noli(te)* + *infinitivo*, sendo que *noli(te)* é a forma do imperativo da forma negativa do verbo *nolo* “não querer”, antônimo de *uolo* “querer” (CREISSELS, 2006, p.140).

Os auxiliares de negação podem também ter sua origem em partículas negativas. O fato, por exemplo, dos pronomes fracos se unirem a partículas de negação, pode formar uma nova palavra flexionada em pessoa e esta pode adquirir, posteriormente, outras características morfológicas aparentando-se aos verbos; por exemplo, muitas línguas ouralianas têm, como o Finlandês, um auxiliar negativo que é certamente antigo na história desta família de línguas, mas que apresenta particularidades que põem em dúvida a possibilidade de reconhecer sua origem verbal (op.cit.).

3.3.4 Outras manifestações da negação

Além das estratégias da negação de frase apresentadas acima, em que ocorre a adição de material morfológico à frase positiva, outras estratégias podem ser observadas nas línguas. É o caso, por exemplo, da língua Bambara⁵⁵, cuja negação padrão se manifesta pela comutação de indicadores predicativos específicos das frases positivas com aqueles das frases negativas. Os indicadores que comutam irão variar de acordo com os tipos de predicados (verbais, adjetivais ou nominais), e nas frases com predicado verbal, de acordo com o tempo, aspecto, modo e transitividade, conforme ilustram os exemplos abaixo (ibid., p. 143):

- | | |
|--|--|
| <p>(25a) Seku ye senekɛla ye
 Sékou COP.POS cultivador POSP.
 “Sékou é agricultor.”</p> | <p>(25b) Seku tɛ senekɛla ye
 Sékou COP.NEG cultivador POSP.
 “Sékou não é agricultor.”</p> |
| <p>(26a) Seku boli - la
 Sékou correr - ACP.POS
 “Sékou correu.”</p> | <p>(26b) Seku ma boli
 Sékou ACP.NEG correr
 “Sékou não correu.”</p> |

⁵⁵Língua Tonal, falada em Mali por seis milhões de pessoas (Cf.<http://pt.wikipedia.org>).

(27a) Seku **bɛ** boli
 Sékou INAC.POS correr
 “Sékou corre.”

(27b) Seku **tɛ** boli
 Sékou INAC.NEG correr
 “Sékou não corre.”

(28a) Seku **ka** boli
 Sékou OPT.POS correr
 “Sékou deveria correr.”

(28b) Seku **kana** boli
 Sékou OPT.POS correr
 “Sékou não deveria correr.”

No exemplo (25), que tem um predicado nominal, observa-se que o indicador predicativo varia de *ye*, na frase positiva, para *tɛ*, na negativa. De (26) a (28), o predicado verbal é um verbo intransitivo, mas ocorre uma mudança de aspecto do exemplo (26) para (27) e de modo, em (28). Observa-se que nestes exemplos, para cada aspecto ou modo, ocorre um indicador predicativo diferente, sendo que estes variam também da frase positiva para a negativa (em 26: *la* > *ma*; em 27: *bɛ* > *tɛ*; em 28: *ka* > *kana*).

Além da estratégia apresentada acima, Creissels (2006, p.144) cita ainda o caso do Kannada⁵⁶ antigo, no qual a negação padrão se manifesta geralmente através da morfologia verbal, ou seja, por meio de um sistema, no qual a forma verbal mais simples, reduzida à *radical* + *índice de sujeito*, é uma forma negativa. A significação da negação destas formas é decorrente da vacuidade da posição equipada ao positivo por uma marca de tempo, aspecto e modo, conforme mostra o exemplo (29a-29b) e (30):

(29a) no:ɖ - uv - eṃ
 ver - FUT - lsg
 “Eu verei”

(29b) no:ɖ - id - ṃ
 ver - PASS - lsg
 “Eu vi”

(30) no:ɖ - Ø - eṃ
 ver - NEG.- lsg
 “Não vejo/ Não vi/ Não verei.”

As frases afirmativas em (29a) e (29b) apresentam morfemas verbais indicadores de tempo futuro {-*uv*-} e passado {-*id*-}, respectivamente; porém, em (30), essa posição não é marcada; nesse caso, a frase é interpretada como tendo um valor negativo, podendo ser usada para se referir tanto ao presente quanto ao passado e futuro (“não vejo/ não vi/ não verei”) do verbo “ver”.

⁵⁶ Língua Dravídica, também conhecida como *canará* é uma das línguas mais antigas da Índia. É a língua oficial do Estado indiano de Karnataka, falada por cerca de 45 milhões de pessoas (Cf. http://it.wikipedia.org/wiki/Lingua_kannada).

3.4 Palavras negativas

Assumem o estatuto de *palavras negativas*, segundo Creissels (2006, p. 150), os *determinantes e as proformas (os pronomes e advérbios negativos)* que “s'utilisent typiquement dans la contrepartie négative de phrases positives dont la structure logique comporte une quantification existentielle”⁵⁷. Essas palavras são consideradas negativas por possuírem em si mesmas uma natureza negativa, conforme as palavras do português: nenhum, ninguém, nunca, nada; e pela natureza negativa que comportam, podem ser usadas como resposta negativa a um pedido de afirmação sem, no entanto, necessitar da utilização de qualquer outro indicador de negação, conforme ilustram os exemplos em Francês abaixo.

(31) - Tu as déjà vu des films de ce metteur en scène?
- **Aucun** dont je me souviens, en tout cas.

(32) - Sais-tu si beaucoup de gens ont aimé ce film?
- Parmi les gens que je connais, **personne**.

(33) - Est-ce que Jean est déjà allé aux USA?
- A ma connaissance, **jamais**.

Segundo Creissels (2006), exemplos como esses, permitem testar se as palavras são de fato *negativas* ou se apresentam uma *orientação negativa*. Essas duas categorias de palavras compartilham da utilização sistemática na contrapartida negativa de frases cuja estrutura lógica implica uma quantificação existencial, porém se distinguem pelo fato de que *palavras apenas com orientação negativa* não expressarem por si sós um valor de negação como expressam as *palavras negativas*.

As palavras que apresentam apenas uma orientação negativa podem ser exemplificadas pelos indefinidos com orientação negativa, os quais embora sejam usados em certas variedades da negação de frase, não implicam por si mesmos em palavras negativas. Em Inglês, por exemplo, para negar *He knows something*, pode-se escolher entre *He knows nothing* ou *He doesn't know anything*. *Nothing* (“nada”) é uma palavra negativa, uma vez que traz em si mesmo um valor negativo, podendo dessa forma, ser usada como resposta negativa (-*What did He say? -Nothing*). *Anything* (“coisa alguma”) ao contrário, não pode ser considerada palavra negativa, pois o sistema desta língua não a permite ser utilizada como resposta negativa (CREISSELS, 2006).

⁵⁷ “utilizam-se tipicamente na contrapartida negativa de frases positivas cuja estrutura lógica comporta uma quantificação existencial” (tradução nossa).

Nos tópicos a seguir apresentamos os dois tipos de palavras negativas apresentadas por Creissels: os determinantes e as proformas.

3.4.1 *Determinantes negativos*

Para Creissels (2006, p.150) uma frase que apresenta um determinante negativo é considerada uma frase negativa. Um determinante negativo pode ser identificado pela sua substituição por um determinante quantitativo (os indefinidos, por exemplo), na mesma posição, conforme mostram os exemplos (34) e (35) em Francês, em que o determinante indefinido **un** é substituído pelo determinante negativo **aucun**.

(34) J'ai félicité **un** étudiant.

(35) Je **n'**ai félicité **aucun** étudiant.

O determinante **aucun** (“nenhum”) em Francês é segundo Creissels uma palavra negativa, pois apresenta uma distribuição sintática de um determinante de nome, utilizada na contrapartida negativa de frases positivas cuja estrutura lógica comporta uma quantificação existencial sobre o nome em questão, nesse caso sobre *étudiant*.

Creissels (2006) explica que, nas línguas com um sistema de dupla marcação da negação padrão (como o Francês), diante da presença de um determinante negativo, o primeiro elemento é mantido e o segundo desaparece (*cf. ex. 35*). Já nas línguas com um sistema de negação padrão constituída de um único elemento, na presença de um determinante negativo esse pode ser obrigatoriamente mantido ou não; sua manutenção depende de certas condições, como, por exemplo, em espanhol, em que a manutenção do morfema de negação **no** na presença de um determinante negativo depende da posição do constituinte que inclui um determinante negativo em relação ao verbo, conforme ilustram os exemplos (36) a (38) abaixo.

(36) **Ningún** invitado se dió cuenta de lo sucedido
nenhum.SGM convidado part. dar TAM.S3S conta de DEF. acontecido

"Nenhum convidado se deu conta do acontecido".

(37) **No** tengo **ningún** problema con él
NEG ter.S1S nenhum.SGM problema com ele

‘Não tenho nenhum problema com ele’

(38) *Ningún invitado no se dió cuenta de lo sucedido
*Tengo ningún problema con él

3.4.2 Proformas negativas

Para Creissels (2006, p. 151), o termo proformas negativas é utilizado “pour faire ressortir l'unité de fonctionnement de formes que la terminologie traditionnelle répartit en ‘pronoms négatifs’ et ‘adverbes négatifs’”⁵⁸, como por exemplo em Francês *rien* e *personne* (pronomes negativos) e *nulle part* e *jamais*, (advérbios negativos).

Essas proformas (negativas) são utilizadas nas mesmas condições do determinante negativo “dans la négation de phrases comportant des proformes indéfinies, formes analysables comme substituts lexicalisés de noms de syntagmes *nom + déterminant indéfini* se substituent à la proforme indéfinie à laquelle elles correspondent”⁵⁹. Ou seja, as proformas negativas, obedecem às mesmas regras que os constituintes nominais com determinante negativo no que diz respeito à presença da marca de negação padrão nas frases em que aparecem. Pode-se observar esse processo em Francês, em que a *proforma indefinida quelqu'un* corresponde a *proforma negativa personne*, e a *proforma indefinida quelque part* corresponde a *proforma negativa nulle part* (CREISSELS, 2006, p. 51).

3.5 Negação e focalização

Segundo Creissels (2010), a negação vem sendo considerada por muitos estudiosos, assim como a interrogação, como *inerentemente focal*. Para este autor, no entanto, essa questão não é tão simples quanto parece, ou seja, o papel da negação no nível enunciativo-hierárquico apresenta-se mais complexo do que muitas vezes é apresentado.

A partir da análise da focalização em enunciados afirmativos e negativos em Húngaro, Basco e Armênio Oriental, Creissels constatou que não é possível considerar a sintaxe da negação como previsível de maneira simples, atribuindo às marcas de negação um traço inerentemente focal, pois, enquanto que a negação sempre ocorre imediatamente à esquerda do verbo nessas línguas, o mesmo não acontece com a focalização, conforme explica o autor:

Dans ces trois langues, la focalisation implique de manière plus ou moins contraignante l'adjonction à gauche du verbe (...). Dit en d'autres termes, la notion de focalisation explique une partie de ce qui se passe dans ces langues immédiatement à gauche du verbe, mais une partie seulement. En outre, ces éléments qui dans les langues à focus préverbal tendent d'une manière ou d'une autre à se placer en position préverbale dans des phrases où il n'y a aucune focalisation n'ont pas un comportement homogène : ils doivent parfois céder la

⁵⁸ “para fazer surgir a unidade de funcionamento das formas que a terminologia tradicional reparte em *pronomes negativos* e *advérbios negativos* (tradução nossa)”.

⁵⁹ “na negação de frases comportando proformas indefinidas, formas analisáveis como substitutos lexicalizados de nomes de sintagmas *nome + determinante indefinido*, substitui-se a proforma indefinida à qual correspondem” (tradução nossa).

place à un terme focalisé, mais il peut aussi arriver qu'ils maintiennent leur position en cas de focalisation, le terme focalisé se plaçant alors immédiatement à gauche du bloc que l'élément en question constitue avec le verbe (ou avec l'auxiliaire). Or, c'est ce dernier type de comportement que nous avons observé pour les marqueurs de negation (...). (CREISSELS, 2010, p. 18-19 grifo do autor)⁶⁰.

Nesse trecho Creissels conclui que a posição imediatamente pré-verbal nem sempre é ocupada pelo termo focalizado nessas línguas. Essa posição, em determinadas frases, é ocupada pelos marcadores de negação que formam um bloco com o verbo. Quanto ao termo focalizado, esse precederá o bloco NEG. + VERBO. Isso leva este autor a concluir que a negação, diferentemente da interrogação, nem sempre é focal.

Creissels volta a chamar a atenção neste texto para a importância de não perder de vista a sintaxe da negação em um estudo sobre a organização da informação no enunciado, pois uma análise dos indicadores de negação no plano exclusivamente pragmático poderia levar a não compreender a especificidade da sintaxe da negação, principalmente em línguas em que esta pode ser deduzida facilmente da sintaxe da focalização.

Em Sateré-Mawé, ao contrário do Húngaro, do Basco e do Armênio Oriental, a partir de uma análise preliminar da focalização de constituintes em enunciados negativos, a negação parece ser inerentemente focal. Ou seja, enquanto nessas línguas os indicadores de negação não incidem sempre sobre o termo focalizado, em Sateré-Mawé o foco dos enunciados negativos parece ser o termo cuja negação incide sintaticamente, por meio do emprego do morfema de negação *#...ŋ*, conforme apresentaremos no capítulo 6 deste trabalho.

⁶⁰ Nestas três línguas, a focalização implica de maneira mais ou menos obrigatória a adição à esquerda do verbo (...). Dito em outros termos, a noção de focalização explica uma parte do que se passa nestas línguas imediatamente à esquerda verbo, mas uma parte apenas.

Além disso, esses elementos que nas línguas a foco pré-verbal tendem de uma maneira ou de outra a se colocar em posição pré-verbal em frases em que não tem nenhuma focalização não apresentam um comportamento homogêneo: eles devem às vezes dar lugar a um termo focalizado, mas pode também acontecer deles manterem sua posição em caso de focalização, o termo focalizado se colocando então imediatamente a esquerda do bloco que o elemento em questão constitui com o verbo (ou com o auxiliar). Ora, é este último tipo de comportamento que nós observamos para os marcadores de negação (...) (tradução nossa).

CAPÍTULO 4: METODOLOGIA

(...) a ideia da pesquisa-ação encontra contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a 'dizer' e a 'fazer'. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados.

(Thiollent, 1994)

Esta pesquisa sobre a descrição e análise do sistema negativo da língua Sateré-Mawé⁶¹, fato linguístico ainda não estudado nessa língua, foi realizada à luz da estratégia metodológica da pesquisa-ação conforme Thiollent (1994); ou seja, uma estratégia de pesquisa que não se constitui somente da pesquisa científica ou somente de uma ação, mas da realização conjunta da produção de conhecimentos (pesquisa) e de uma ação que envolve a participação ativa de membros de um determinado grupo social.

Na presente pesquisa, cuja produção de conhecimentos e a ação estão imbricadas, a finalidade estabelecida foi aquela de avançar no conhecimento da língua Sateré-Mawé, a partir do estudo do sistema de negação desta língua, tendo em vista a aplicação dos resultados posteriormente, principalmente, no contexto escolar.

Para produção de conhecimento a cerca da negação, foram considerados os pressupostos teóricos e metodológicos do Funcionalismo Estrutural com base, principalmente, em André Martinet (1978); Claude Hagège (1982); Gilbert Lazard (1994); Denis Creissels (2006), e, nos estudos de Émile Benveniste sobre a Enunciação.

Este trabalho ocorreu a partir de uma parceria e de uma “troca” de conhecimentos entre pesquisadora e participantes indígenas. Ou seja, a pesquisadora contribuiu, principalmente, com reflexões teóricas acerca da negação nas línguas do mundo, como também com estudos já realizados sobre a língua Sateré-Mawé; os participantes, por sua vez, contribuíram com os conhecimentos que possuem de sua língua materna, cooperando, principalmente, nas discussões acerca dos significados de diferentes termos de um enunciado,

⁶¹ Informações contextuais sobre localização, população e informações sobre a Língua Sateré-Mawé ver capítulo 1 deste trabalho.

na tradução dos enunciados negativos, e, ainda nos conhecimentos sobre a cultura de seu povo, que foram necessários em diversos contextos.

4.1 A pesquisa-ação

A *pesquisa-ação* foi definida por Thiollent (1994, p.15) como:

(...) um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Esse tipo de pesquisa, embora não seja muito utilizado nas pesquisas voltadas para o estudo de línguas, vem se colocando no cenário das pesquisas sociais como uma estratégia apropriada para o desenvolvimento de pesquisas com grupos minoritários como é o caso dos indígenas, pois propõe realizar simultaneamente a pesquisa e a ação, o que poderá trazer diversos ganhos tanto científicos quanto sociais, já que uma das qualidades da pesquisa-ação

consiste no fato de que as populações não são consideradas ignorantes e desinteressadas. Levando a sério o saber espontâneo e cotejando-o com as 'explicações' dos pesquisadores, um conhecimento descritivo e crítico é gerado acerca da situação, com todas as sutilezas e nuanças que em geral escapam aos procedimentos padronizados (THIOLLENT, 1994, p. 24).

Além disso,

Com a divulgação da informação dentro da população, com o processo de aprendizagem dos pesquisadores e dos participantes, com eventual treinamento de pessoas 'leigas' para desempenharem a função de pesquisadores é possível esperar a geração de uma massa de informação significativa, aproveitando um amplo concurso de competências diversas (THIOLLENT, 1947, p. 24).

Ou seja, a pesquisa-ação propicia o surgimento de uma gama significativa de conhecimentos diferenciados que talvez não poderiam ser alcançados em circunstâncias de observação passiva (THIOLLENT, 1994, p. 24); pois realizada em um ambiente de interlocução, essa estratégia estimula a participação dos envolvidos na pesquisa de forma ativa; ou seja, pesquisador e participantes, além de compartilharem os conhecimentos que possuem, buscam avançar conjuntamente nos conhecimentos referentes ao tema pre-estabelecido pelos mesmos.

Nesse contexto, é útil destacar, que nessa estratégia, o pesquisador não somente insere-se no meio pesquisado para coletar as 'informações' de que necessita para sua pesquisa (como é comum ocorrer nas pesquisas com línguas indígenas), mas também se envolve e se engaja nesse meio de modo que ocorra uma participação efetiva e recíproca entre a população

e o pesquisador com o intuito de se chegar tanto à produção do conhecimento como à ação, cujo resultado conjunto tem a finalidade de subsidiar de alguma forma melhoria de vida (ou de uma prática) junto à população participante da pesquisa.

4.1.1 Engajamento junto à população participante da pesquisa

Em nosso caso, a trajetória de engajamento com a população participante da pesquisa - os Sateré-Mawé – ocorreu anteriormente a este projeto de estudo da negação. Ou seja, a partir de um convite realizado pela Dr^a. Dulce do Carmo Franceschini para participar como assessora técnica no projeto “Revitalização da Língua e de Práticas Culturais Tradicionais Sateré-Mawé”⁶².

Esse projeto é resultado de outros projetos de pesquisa-ação voltados para o estudo e fortalecimento da língua Sateré-Mawé junto aos professores, realizado pela Dr^a Dulce desde 1993. A partir de uma demanda desses indígenas, a pesquisa-ação de fortalecimento da língua expandiu-se para outros aspectos da cultura Sateré-Mawé, conforme ilustra o trecho da fala do coordenador da OPISMA, José Sateré: “Durante os estudos da língua Sateré-Mawé com a professora Dulce, percebemos que para não deixar a nossa cultura morrer havia necessidade de trabalhar não só a língua, mas também as Artes tradicionais e as Histórias Mitológicas (...)”.

A partir da elaboração e planejamento conjunto realizado pela Dr^a Dulce e os professores e tuxauas Sateré-Mawé, esse projeto objetivou, principalmente, o resgate dos saberes tradicionais despertando o interesse e valorizando junto aos mais jovens os conhecimentos e as práticas culturais tradicionais deste grupo. Assim, no âmbito desse projeto, foram realizadas diversas atividades, as quais contaram com a minha participação direta num período de quase quatro anos, a saber: oficinas linguísticas junto aos professores visando o fortalecimento da língua Sateré-Mawé; oficinas de artes tradicionais e mitologia⁶³ junto aos mais jovens visando o fortalecimento da cultura do grupo e uma maior valorização do ser indígena; encontros junto às mulheres visando a revitalização da educação tradicional; encontros pedagógicos junto aos professores visando à inserção dos conhecimentos indígenas

⁶² Projeto realizado pela OPISMA, sob o apoio financeiro do UNICEF (Fundo das Nações Unidas para Infância) de 2006 - 2011.

⁶³ As oficinas de artes tradicionais realizadas foram: (1) oficina de cerâmica, (2) oficina de tecelagem, (3) oficina de histórias mitológicas e (4) oficina da arte de fazer rede. Nessas oficinas os mais velhos do grupo que ainda possuem o conhecimento dessas artes, ensinam adolescentes e jovens a valorizar a própria cultura através de atividades práticas como tecer palha de caranã, de arumã, fazer forno, rede, conhecer as histórias mitológicas e saber contá-las etc.

no currículo escolar entre outros; encontros junto aos agentes de saúde, pajé e parteiras visando a revitalização da medicina tradicional, entre outras atividades, as quais envolveram a participação de membros de todas as comunidades da região dos rios Andirá e Waikurapá e algumas do Marau.

Nossa participação nesse projeto foi ativa em todas as fases de execução e gerenciamento do mesmo, por exemplo: planejamento, articulação, documentação, contabilidade etc.; realizadas conjuntamente com a Dr^a Dulce, o coordenador da OPISMA e uma equipe maior de Sateré-Mawé, que envolvia professores, tuxauas, mulheres e jovens.

Foi essa experiência de assessoria a OPISMA por meio do projeto de revitalização cultural que estimulou nosso interesse em colaborar no estudo da Língua Sateré-Mawé, pesquisando um fato da língua ainda não estudado, o que deu origem ao projeto “Construções negativas em Sateré-Mawé”.

4.1.2 Contexto da pesquisa

Esse projeto de estudo da negação em Sateré-Mawé está inserido em um projeto mais amplo sobre os “aspectos morfossintáticos da Língua Sateré-Mawé”, coordenado pela Dr^a Dulce do Carmo Franceschini (UFU), que conforme já exposto, desde 1993 continua a desenvolver estudos acerca da produção de conhecimento da Língua Sateré-Mawé e projetos de pesquisa-ação. Em quase 20 anos de trabalho, essa pesquisadora desenvolveu com a participação de professores, tuxauas e alguns “professores” tradicionais⁶⁴ vários projetos de pesquisa-ação, dentre os quais, a “Elaboração de uma gramática pedagógica Sateré-Mawé, denominada *Satere-Mawe pusu aḡkukaḡ* (“Estrutura da língua Sateré-Mawé”) e a “Elaboração de um dicionário monolíngue Sateré-Mawé”, denominado *Satere-Mawe pusu okhik ahyt’a* (“O conjunto da língua Sateré-Mawé com seus significados”). Esses estudos subsidiaram as discussões com os professores e tuxauas para o estabelecimento de uma ortografia da Língua Sateré-Mawé e trabalhos voltados para a aquisição da escrita desta língua (conforme 2.4.2), bem como a elaboração e publicação de vários livros de leitura para as séries iniciais do Ensino Fundamental, a saber: *Satere-Mawe pusu etiat wemue’hap* (“O ensino sobre a Língua Sateré-Mawé”); *Satere-Mawe pusu etiat mowe’eg hap* (“A educação Sateré-Mawé”); *Wahemeikowo tuerūt aheko* (“Trazendo de volta a nossa cultura”); *Sateré-*

⁶⁴ Professores tradicionais sateré-mawé são membros mais velhos do grupo Sateré-Mawé, ainda conhecedores dos saberes e práticas tradicionais do grupo.

Mawé miwan pakup (“Novos escritos Sateré-Mawé”); *Wantym sa'awy etiat* (“Sobre a origem da noite”) e *Warana sa'awy etiat* (“Sobre a origem do guaraná”).

Nesse contexto, o projeto *Construções negativas em Sateré-Mawé* pretendeu colaborar com a documentação da Língua Sateré-Mawé, somando aos estudos já realizados, por meio da descrição do sistema negativo dessa língua.

4.2 Procedimentos e técnicas de análise

A pesquisa-ação, segundo Grundy e Kemmis (1982 apud TRIPP, 2005), utiliza diversos métodos e técnicas de pesquisa já consagradas que contribuam para produção de conhecimento a cerca do assunto estudado. Assim sendo, a pesquisa sobre a negação em Sateré-Mawé foi realizada a partir dos seguintes procedimentos: pesquisa bibliográfica; pesquisa de campo; constituição do *corpus* de análise e diversos procedimentos para a análise da negação em Sateré-Mawé, conforme apresentaremos a seguir.

4.2.1 Pesquisa bibliográfica

Neste estudo foram realizadas, principalmente, as seguintes pesquisas bibliográficas: (1) pesquisa bibliográfica referente às orientações teóricas do Funcionalismo-Estrutural; (2) pesquisa bibliográfica referente à negação nas línguas do mundo; (3) pesquisa bibliográfica referente aos Sateré-Mawé e a sua língua.

Uma pesquisa com base nos pressupostos dos teóricos do Funcionalismo Estrutural e nos estudos de Benveniste foi de fundamental importância para apreendermos as orientações necessárias para descrição e análise. Em Martinet (1964), baseamos-nos nas orientações a respeito da descrição de línguas, que foi complementada por Perini (2008); em Benveniste (1989, 2005), baseamos-nos nas orientações sobre a relação entre “forma e sentido na linguagem” e ainda “níveis de análise linguística”; em Hagège (1982), baseamos-nos nas orientações a respeito da análise, considerando os níveis: morfossintático, semântico-referencial e enunciativo-hierárquico; em Lazard (1994), baseamos-nos nas orientações a respeito da Teoria da Actância; em Creissels (2006), baseamos-nos nas orientações a respeito do nível enunciativo-hierárquico.

Quanto aos pressupostos teóricos sobre a negação, baseamos-nos, principalmente, em Creissels (2006; 2010); Touratier (2007); Ducrot (1973 apud Touratier, 2007); Neves (1999) e Payne (1997).

Já quanto à bibliografia sobre os Sateré-Mawé, baseamos-nos no que diz respeito à população, localização e classificação linguística, em Teixeira (2003), Lorenz (1992) e Rodrigues (1993 e 2002), respectivamente; já quanto ao conhecimento sobre o sistema da Língua Sateré-Mawé nos baseamos nos seguintes estudos de Franceschini: *La langue Sateré-Mawé: description et analyse morphosyntaxique* (1999); *O Sistema verbal em Sateré-Mawé* (2000); *A voz inversa em Sateré-Mawé* (2001); *Os demonstrativos em Sateré-Mawé* (2005); *Os valores da voz média em Sateré-Mawé* (2007); *As posposições em Sateré-Mawé* (2010); *A orientação e o aspecto verbal em Sateré-Mawé* (2010).

4.2.2 Pesquisa de campo

Durante esta pesquisa, foram realizadas duas viagens a campo⁶⁵. A primeira foi realizada em Fevereiro de 2010 na comunidade de São José Novo, com várias visitas à Sede da Opisma – *Musuempo*⁶⁶ -, ambas as localidades situadas no Médio rio Andirá, município de Barreirinha, num período de um mês. A segunda viagem foi realizada num período de quatro meses (maio a agosto de 2011), com visitas a várias comunidades do rio Andirá, sendo que nossa maior permanência foi na comunidade do Simão, também, situada no Médio rio Andirá (município de Barreirinha), como também na cidade de Parintins, onde também realizamos atividades de estudo da Língua Sateré-Mawé.

Conforme já expomos, temos uma história de parceria com os Sateré-Mawé institucionalizada por meio da organização dos professores (Opisma), que assessoramos até o momento, em diversas demandas. Assim sendo, nossas pesquisas de campo foram inseridas dentro das atividades dessa organização. Durante as viagens desenvolvemos conjuntamente com membros da Opisma tanto atividades voltadas para o conhecimento da Língua Sateré-Mawé como também atividades de ação de acordo com o planejamento de trabalho da organização.

A seguir apresentaremos um breve relato dessas viagens.

⁶⁵ É importante informar que a autorização para ingresso na Terra Indígena Andirá-Marau (Área Indígena Sateré-Mawé) pré-requisito para realização da pesquisa de campo foi concedida pela Fundação Nacional do Índio – FUNAI-, sob o processo de nº 1392/10, como também, o parecer favorável pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, para a execução do projeto *Construções negativas em Sateré-Mawé*.

⁶⁶ MUEMPO, que numa possível tradução significa “lugar para adquirir sabedoria para o trabalho do povo”, é como os professores Sateré-Mawé nomearam o centro de formação, que a OPISMA vem construindo no Médio rio Andirá, desde setembro de 2009. A primeira fase de construção foi possível em função de um prêmio que a organização recebeu do Ministério da Cultura como forma de reconhecimento pelo trabalho que vem desenvolvendo junto aos Sateré-Mawé, por meio do Projeto “Revitalização da língua e das práticas culturais tradicionais Sateré-Mawé”.

a) Primeira viagem a campo

Na primeira viagem, que realizamos juntamente com José de Oliveira (coord. da Opisma) e Elielson (na época responsável do Musuempo), o cronograma de atividades da organização, voltava-se à construção do Centro de formação dos Professores na Área Indígena (Musuempo), cujo planejamento e logística eu iria contribuir durante a estada na Área Indígena. Tal tarefa exigia que fôssemos a esse centro para avaliar a situação atual das construções e planejar sua continuidade; fato que condicionou a escolha da região do rio Andirá, onde deveríamos ficar, ou seja, na região média do rio, em uma das comunidades vizinhas a Musuempo, isto é: ou em Nova América ou em São José Novo ou em Umirituba, decisão que seria tomada quando chegássemos à Área Indígena. No entanto, durante a viagem, José encontrou o tuxaua de São José Novo⁶⁷, que viajava no mesmo barco; assim, articulou nossa estada nesta comunidade.

Em São José Novo, fomos muito bem acolhidos por todos os comunitários, os quais por meio de vários detalhes manifestaram grande alegria em nos receber, por exemplo, por meio da construção de um sanitário novo, da organização de um lugar mais confortável para morarmos entre outros. De nossa parte, além de colaborar na articulação das atividades de construção da Sede da Opisma⁶⁸ e trabalhar nosso conhecimento a cerca da língua Sateré-Mawé, procuramos participar do dia-a-dia⁶⁹ da comunidade, por exemplo, das reuniões para organização dos trabalhos diários, das cantorias noturnas (em Sateré-Mawé), do processo de fabricação de farinha junto às mulheres, de visita às roças etc.; procuramos também conhecer a situação da educação, da saúde e os problemas da comunidade junto às lideranças (professor, agente de saúde e tuxaua), o que contribuiu para nos aproximar ainda mais dos comunitários.

Além disso, neste período, ocorreram alguns momentos de estudos da língua Sateré-Mawé, por meio de aulas ministradas pelo professor José de Oliveira, direcionadas ao

⁶⁷ Comunidade à margem esquerda do rio Andirá, composta de 11 famílias, 58 pessoas. Conta com as seguintes lideranças: 01 tuxaua; 01 vice-tuxaua; 01 capitão (responsável pela ordem/harmonia da comunidade); 01 capataz (responsável pela limpeza da comunidade); 01 agente de saúde e 01 professor, que lecionava para uma turma multisseriada constituída de: 08 alunos do 1º ano; 3 alunos do 2º ano e 5 alunos do 5º ano.

⁶⁸ As atividades que conseguimos articular e realizar para dar continuidade de construção do Musuempo foram várias, dentre estas citamos: puxirum (ou multirão) de limpeza do terreno; levantamento de materiais necessários a continuidade das construções; reunião nas Comunidades de Nova América e São José Novo para articular mão de obra voluntária; localização de mão de obra para retirada de madeira na Área Indígena e outras.

⁶⁹ Durante esses momentos, principalmente, durante as reuniões fizemos várias gravações (gravador digital e analógico), sempre sob o consentimento das lideranças.

professor, aos jovens, aos comunitários interessados e a nós. José trabalhou vários conhecimentos contidos na gramática “*Satere-Mawe pusu aḡkukaḡ*”, como, por exemplo, os tipos de verbo.

No que concerne à constituição do *corpus* sobre a negação, nessa oportunidade, trabalhamos a tradução e os significados dos termos de cerca de cem enunciados negativos, os quais foram selecionados, anteriormente à esta pesquisa de campo, de dois livros de narrativas escritas pelos professores deste grupo (Wahemeikowo tuerūt e Sateré-Mawé miwan pakup).

b) Segunda viagem a campo

Na segunda viagem, que foi realizada em 2011 (maio a agosto de 2011⁷⁰), o cronograma de atividades da Opisma, previa a realização de encontros sobre “educação para saúde” em duas comunidades da região do Andirá, como também algumas articulações para a realização da roça da escola em outras oito comunidades; atividades estas que contaram com a nossa colaboração no seu planejamento e realização.

Desse modo, nossa estada durante os quatro meses no Amazonas foi organizada entre as ações propostas pela Opisma e por diversos momentos de estudo da língua Sateré-Mawé, que ocorreram tanto na Área Indígena quanto em Parintins, uma vez que nesta cidade muitos jovens e professores Sateré-Mawé encontra-se morando com a finalidade de continuar os estudos (EJA, E. Fundamental, E. Médio e Curso Superior).

Inicialmente, durante nossa estada em Parintins, fizemos com auxílio dos professores José de Oliveira dos Santos da Silva e Hélio dos Santos, a transcrição da fala de oito mulheres Sateré-Mawé, as quais foram enunciadas durante um dos encontros realizados no âmbito do projeto de “Revitalização Cultural”, inclusive com a nossa presença e assessoria durante todo o encontro, que ocorreu num período de cinco dias, em setembro de 2008.

Desse encontro participaram cerca de 30 mulheres, que se reuniram para refletir sobre os seguintes objetivos: 1) A importância do papel da mulher Sateré-Mawé no repasse dos valores e saberes tradicionais às crianças e jovens; 2) Que ações/attitudes as mulheres poderiam fazer/ter para fortalecer a cultura Sateré-Mawé (língua, arte, saberes etc.), junto às

⁷⁰ Durante esse período, além das atividades de ação citadas neste subitem, articulamos em comum acordo com a orientadora, o projeto *hḡt'i* (“beija-flor”). Esse nome faz referência a uma música que as crianças Sateré-Mawé cantam para reavivar um animalzinho de estimação quando este está quase morto; é o que se pretende fazer, segundo José de Oliveira (coordenador da Opisma), com algumas ações socio-educativas, culturais e de saúde junto aos Sateré-Mawé que moram na Casa de Trânsito Indígena, tentar reavivar alguns valores e saberes deste grupo que se encontram enfraquecidos, ocasionando, segundo algumas lideranças indígenas, uma série de problemas sociais.

crianças e jovens, principalmente junto aos seus filhos, preparando-os para saber lidar com a cultura não indígena; 3) Levantar possíveis soluções para combater os principais problemas ocorridos entre as crianças, jovens e mulheres Sateré-Mawé, como, por exemplo: doenças, alcoolismo, prostituição, não valorização da própria cultura etc.

As falas que transcrevemos se referem a um momento em que as mulheres mais idosas relataram como foram educadas por suas avós e mães. Além disso, como educaram seus filhos à luz dessa educação tradicional que receberam.

Quanto às atividades previstas no cronograma da Opisma, tomamos juntamente com a coordenação da Opisma todas as providências necessárias para sua realização, (Encontros: programação, palestrantes, mantimentos etc.; roça/horta da escola: compra de sementes, mudas etc.) e após tudo organizado viajamos para Área Indígena.

Na Área Indígena, tivemos várias estadas, inicialmente ficamos na sede da Opisma (Musempo), convivendo diretamente com duas famílias, que lá estavam morando e, indiretamente tivemos contato com diversos Sateré-Mawé em virtude de uma assembleia que estava ocorrendo com a participação de cerca de 160 pessoas.

No Musuempo, trabalhamos a semântica e a tradução de enunciados negativos retirados de outros três livros escritos em Sateré-Mawé (*Satere-Mawe pusu etiat mowe'eg hap, Wantym sa'awy etiat e Warana sa'awy etiat*⁷¹), com a participação efetiva de dois membros da OPISMA (professora Valmira e o coord. Elielson) e, esporadicamente, de um jovem, um senhor e algumas crianças, que sempre estavam conosco e muitas vezes colaboravam.

Nossa próxima estada na Área Indígena foi na comunidade de São Bento e em seguida na comunidade de Ponta Alegre, ambas localizadas no baixo rio Andirá. Primeiramente fomos a São Bento, onde realizamos o primeiro encontro sobre “Educação para saúde”⁷², com a participação de professores, agentes de saúde, tuxauas e mulheres de cinco comunidades, os quais somaram um total de 31 pessoas. Durante o encontro foram realizadas várias reflexões e orientações/esclarecimentos⁷³ com as temáticas: higiene bucal; doenças mais comuns entre os Sateré-Mawé; tratamentos e, principalmente, prevenção de doenças a partir de ações conjuntas entre o professor e o agente de saúde. Em seguida, viajamos à comunidade de Ponta

⁷¹A tradução dos enunciados negativos destes livros, também contaram com a colaboração, em um outro momento, do professor Edinelson Andrade (vice-coordenador da OPISMA).

⁷² Algumas fotos apresentadas no Anexo A ilustram essa atividade.

⁷³As palestras foram ministradas pela odontóloga Vallídia Florindo Farias (Fundação Nacional da Saúde/Parintins) e pelo Prof. Dr. Renato Izidoro da Silva (Universidade Federal do Amazonas – Campos de Parintins).

Alegre, com o intuito de realizar a mesma programação ocorrida em São Bento, porém não foi possível realizá-la integralmente, pois em função de um outro evento contamos com a presença apenas dos professores (13 pessoas), os quais não dispunham de tempo suficiente para a realização de toda a programação.

Após essas atividades, viajamos para a comunidade do Simão⁷⁴, situada no médio rio Andirá, onde permaneci por quase um mês, como hospede de um casal Sateré-Mawé muito acolhedor, Dona Evarista e seu Bernardino, que embora estivessem um pouco atarefados, visto que o casal é responsável pela igreja⁷⁵ católica e a comunidade encontrava-se no período da festa do santo padroeiro da comunidade (São Pedro), sempre encontravam um tempo para me ensinar um pouco sobre sua língua. De nossa parte, participamos de tudo que a comunidade desenvolveu: cultos; danças tradicionais, procissão, contorias, brincadeiras etc.

Durante esse período, mesmo a comunidade estando no momento mais animado do ano, já que recebe diversos Sateré-Mawé de outras comunidades, os quais vêm prestigiar a festa, pude conhecer muito sobre a língua Sateré-Mawé, pois, com a participação de vários comunitários, cuja participação havia sido estabelecida pela coordenação da Opisma anteriormente, trabalhamos a semântica e a tradução das falas das mulheres que havíamos transcrito em Parintins. Para este trabalho, nos encontrávamos na casa de Dona Evarista, num barracão à margem do rio Andirá, local⁷⁶ mais ventilado e tranquilo. Como respeitávamos o horário disponível dos envolvidos; às vezes contávamos com a participação de vários Sateré-Mawé ao mesmo tempo, o que gerava uma boa discussão sobre a língua; às vezes contávamos com a participação de um ou dois; contudo o trabalho continuava. Dentre os diversos participantes, citamos os que mais colaboraram: Valmira da Paz; Evarista Freitas; Bernardino Trindade; Salém Miquiles, José de Oliveira, Darcila Trindade e Maria Sista.

4.2.3 *Constituição do corpus de pesquisa*

A constituição do *corpus* para o estudo da negação em sateré-mawé foi realizado a partir de material escrito em Sateré-Mawé e material oral, ou seja, a partir da transcrição de falas enunciadas em contextos reais e naturais de comunicação.

⁷⁴ Comunidade à margem direita do rio Andirá (curso médio), com cerca de 80 famílias, 400 pessoas.

⁷⁵ As comunidades da Terra Indígena Andirá-Marau contam com a presença de outras religiões além da católica, a saber: Igreja Assembleia de Deus; Igreja Batista; Igreja do Sétimo dia e Igreja da Paz.

⁷⁶ As fotos do Anexo B ilustram alguns momentos de estudo e convivência com os Sateré-Mawé, durante a segunda viagem a campo.

O material escrito refere-se a cinco livros de narrativas (elencados abaixo), os quais foram escritos pelos professores Sateré-Mawé, sob a coordenação da Prof^a. Dr^a. Dulce Franceschini. Com base nesses livros, selecionamos a partir da indicação do morfema de negação *it...?i* feita por esta professora (e orientadora) a nós, todos os enunciados negativos presentes nestes livros.

- 1) *Satere-Mawe pusu etiat mowe'eg hap* – Livro de várias narrativas do cotidiano Sateré-Mawé, de autoria dos professores⁷⁷ do Marau, coord. por Franceschini (1998).
- 2) *Wahemeikowo tuerūt* - Livro de várias narrativas do cotidiano Sateré-Mawé, de autoria dos professores⁷⁸ das três sub-regiões que compõem a Terra Indígena Andirá-Marau: Marau/Urupadi; Andirá e Waikurapá, coordenado por Franceschini (2007).
- 3) *Sateré-Mawé miwan pakup* – Livro de histórias sobre acontecimentos do dia-a-dia Sateré-Mawé, como por exemplo, sobre caças, festas e outros; de autoria dos professores⁷⁹ do Andirá e Waikurapá sob a coordenação de Franceschini (2008).
- 4) *Wantym sa'awy etiat* – Livro que narra a história mitológica sobre a origem da noite. Essa história foi contada pelo ase'i Mário Cristino Warana Sateré-Mawé e pelos professores Danilson Oliveira Warana Sateré-Mawé e Rosenildo Sérgio da Silva Sawara; livro organizado por Franceschini (2000).

⁷⁷Os professores-autores deste livro foram: Cristina de Souza Sateré-Mawé; Danilson Oliveira; Emílio da Silva Sateré-Mawé; Euro Alves Moi Sateré-Mawé; Inácio Cristino Akuri Sateré-Mawé; M^a Madalena Alves Sateré-Mawé; Mateus de Oliveira Sateré-Mawé; Rosenildo Sérgio da Silva Sawara.

⁷⁸Professores autores deste livro: Osane B. de Oliveira; Santinho Miquiles; M^a Marcina de Souza; Margarida L. Batista; Delma M. Batista; Adail B. Miquiles; Ernaldo M. Sateré-Mawé; Norberto Batista; Neraldo Batista; Anésio B. de Castro; Atto Warana Sateré-Mawé; Amilson de Souza; Atacil T. Freitas; Caetano B. Neto; Water Menezes; Raimundo dos S. Sateré-Mawé; Danilson Warana Sateré-Mawé; Ivana F. Trindade; M^a Solange B. Freitas; Ismael F. de Souza; João Filho dos S. Araújo; Vander L. Ferreira; Edinelson A. Monteiro; Silvino M. de Souza; Leonardo Miquiles; Zelias Trindade; Jovina Sateré-Mawé; M^a Inez de Oliveira; Nilda C. da Costa; Ester Ferreira; Edirley F. Garcia; Marilucia de S. Menezes; Dulcemar Ferreira dos Santos; Reginaldo B. Bulcão; Aldemir R. Bulcão; Joel Batista Paes; Cleucinete Ferreira; Damácio Sateré Warana; Rubem Wasa'i Gap; Nelito P. Urit'i Mawé; Santino Gap Warana; Laércio L. Trindade; José Sateré Moi; Lúcio B. Filho; Otaíde da Paz; Anésio Barroso; Lico L. Paz; Roberto F. Trindade Filho e Santos L. de Oliveira.

⁷⁹Professores autores deste livro: Binho; Henrique, Jair, Joelson, Lúcio, Francisco, Jucimar, José Augusto, Valdemar, Lucivaldo, Paulo Amado, Edilza, Darcinildo, Dezivan, Anilson, Eliberto, Saraiva, Eraldo, Zacarias, Jefferson, Sidney, Reinaldo, Maciel, Arnaldo, Gildo, Rosimar e Jairo.

- 5) *Warana sa'awy etiat* - Livro que narra a história mitológica sobre a origem do guaraná. Essa história foi escrita por Maturu'apep'i Sateré-Mawé; livro organizado por Franceschini (2000).

O material oral se refere a algumas falas transcritas com auxílio dos indígenas durante a segunda viagem a campo. A principal transcrição realizada refere-se a oito depoimentos de mulheres Sateré-Mawé, enunciados durante um de seus encontros. Nesses depoimentos, o tema principal é a educação tradicional, como também saberes do povo no que diz respeito ao resguardo: na primeira menstruação; no período de gestação e no período pós-parto. Além desses depoimentos, transcrevemos também a fala seguida de uma oração de um tuxaua enunciada durante a abertura de uma assembleia, realizada na Sede dos professores durante nossa estada na Área Indígena; realizamos também transcrições curtas de diversas situações do cotidiano das comunidades (ex.: situações em família) e algumas situações na sede dos professores durante nossa estada no Musuempo e em Parintins.

4.2.4 Procedimentos de análise

Para a descrição e análise da negação em Sateré-Mawé, foram realizados os seguintes procedimentos: (a) seleção de enunciados negativos em material escrito; (b) transcrição fonética de narrativas orais; (c) seleção de enunciados negativos em material transcrito de narrativa oral.

Os enunciados negativos encontrados no corpus foram segmentados morfossintaticamente, de acordo com análise proposta por Franceschini (1999), o que nos levou a conhecer a gramática da Língua Sateré-Mawé, além de nos fazer compreender melhor a técnica de descrição e análise morfológica e conceitos gramaticais relativos a essa análise. A partir desses enunciados, segmentados morfológicamente e analisados sintaticamente, procedeu-se, então, à análise do funcionamento da negação em sateré-mawé.

CAPÍTULO 5: A NEGAÇÃO EM SATERÉ-MAWÉ

Neste capítulo, apresentamos os resultados da descrição e análise do sistema negativo em Sateré-Mawé.

Esse estudo foi realizado, conforme já exposto no capítulo anterior, com base em um *corpus* constituído pelos seguintes materiais linguísticos: a) transcrição de falas de diversas pessoas do grupo Sateré-Mawé enunciadas em diferentes situações reais de comunicação (assembleias, encontros, rezas e falas do cotidiano Sateré-Mawé); b) seleção de enunciados negativos presentes em vários livros de narrativas de autoria dos professores indígenas, falantes da língua em estudo.

A partir da análise desse *corpus*, buscamos compreender os mecanismos morfossintáticos da negação em Sateré-Mawé. Para essa análise, partimos da definição lógica da negação segundo a qual *a negação* é um mecanismo morfossintático que, aplicado a um enunciado, inverte seu valor de verdade.

As línguas do mundo apresentam diferentes mecanismos morfossintáticos para manifestar a negação, os quais ocorrem ou pelo acréscimo de formas de negação às frases afirmativas correspondentes, podendo, nesse caso, ser realizada: (1) *por formas dependentes/partículas*; (2) *por formas presas (negação morfológica)*; (3) *por auxiliares de negação*. Ou pela supressão de formas, que se manifestam na asserção afirmativa e que são suprimidas na asserção negativa (CREISSELS, 2006).

A descrição e análise de enunciados negativos em Sateré-Mawé mostrou que a negação é marcada nesta língua por diferentes morfemas descontínuos:

- *ɨ...ʔ*
- *ɨ...teiʔo*
- *ɨ...te*

Esses morfemas funcionam como partículas negativas, as quais de acordo com Creissels (2006) são formas não flexionadas que caracterizam como negativas as frases onde figuram, e, frequentemente, apresentam uma mobilidade reduzida, porém, não podem ser analisadas como afixos do verbo, pois não funcionam como *formas presas*, afixadas a uma base; segundo a classificação das unidades linguísticas proposta por Mattoso Câmara Jr. (1999, p. 22-29), essas formas são *dependentes*, ou seja, formas que não são livres, pois não funcionam isoladamente com comunicação suficiente; mas também não são *presas*, pois é

possível mudarem de posição em relação à(s) forma(s) livre(s) a que se acham ligadas, o que não ocorre com a forma presa.

Em Sateré-Mawé, os morfemas de negação apresentados acima podem ocorrer na língua sem o segmento inicial *ɲ*, sem que isso altere o significado negativo do enunciado. O emprego desses diferentes morfemas negativos é condicionado pelo tipo de enunciado. Enquanto que enunciados **assertivos** são negados pelo emprego de *ɲ...ɲ*, enunciados **imperativos** são negados pelo morfema *ɲ...teiʔo* e enunciados **optativos** por *ɲ...te*, sendo que esses dois últimos se diferenciam pelo grau de obrigatoriedade quanto à realização ou não pelo(s) interlocutor(es) do evento denotado pelo verbo, conforme veremos adiante.

Além desses morfemas, verificou-se o uso das formas *neiŋ...ʔi* e *neiŋ* como marcadores de negação, sendo *neiŋ* uma redução da forma *neiŋ...ʔi*. Essas variantes que estão entrando no sistema da Língua Sateré-Mawé, provavelmente por empréstimo do morfema negativo “nem” do português, funcionam atualmente como variantes do morfema *ɲ...ɲ* e são empregadas, principalmente, por jovens e adultos que usam com mais frequência e fluência o português. Em nosso *corpus*, que é constituído principalmente de textos escritos por professores indígenas, nos quais o uso da forma negativa inovadora foi controlado⁸⁰, e por falas espontâneas de pessoas mais idosas (principalmente mulheres) em situações naturais e reais de comunicação, o uso da forma inovadora foi bastante reduzido, não atingindo 5% das ocorrências. Desse modo não a apresentaremos mais detalhadamente nesse trabalho.

A seguir apresentamos os resultados da análise da negação de enunciados *assertivos*, *imperativos* e *optativos* encontrados em nosso *corpus*.

5.1 A negação de enunciados assertivos

Em Sateré-Mawé, nega-se enunciados assertivos a partir do emprego do morfema descontínuo *ɲ...ɲ* à assertiva afirmativa correspondente, conforme ilustram os exemplos (1a e 1b) e (2a e 2b) abaixo:

(1a) Nilda Ø - i - hairu
Nilda 3sg. + At.I + ‘dançar’

“Nilda está dançando”

⁸⁰ Durante os cursos de Língua Sateré-Mawé escrita ministrados por Dulce Franceschini para os professores, a questão do uso dessas formas negativas foi discutida e os professores decidiram não empregá-la em textos escritos, já que os mesmos teriam como finalidade auxiliar no ensino da escrita da língua materna (*cf.* informação oral fornecida por Dulce Franceschini).

(1b) Nilda **it** Ø - i - hairu **ʔi**
Nilda NEG. 3sg + At.I + ‘dançar’ NEG.

“Nilda não está dançando”

(2a) kurum Ø - i - kahu
‘menino/rapaz’ 3sg. + Atrib.II + ‘ser bonito’

“O rapaz é bonito”

(2b) kurum **it** Ø - i - kahu **ʔi**
‘menino/rapaz’ NEG. 3sg. + Atrib.II + ‘ser bonito’ NEG.

“O rapaz não é bonito.”

O acréscimo do morfema **ʔ...ʔ** em (1b) e (2b) resulta na assertiva negativa. Em ambos os exemplos a negação incide sintaticamente⁸¹ sobre verbos de estado, sendo que em (01) a negação incide sobre *ihairu* e em (02) sobre *ikahu*.

O morfema **ʔ...ʔ** pode incidir sintaticamente sobre o predicado, como mostram os exemplos acima, bem como sobre um dos constituintes ou circunstantes do enunciado. Apresentaremos a seguir a análise de enunciados em que a negação incide sintaticamente sobre predicados que não comportam modalização; sobre predicados que apresentam modalização; sobre actantes e, finalmente, sobre circunstantes.

5.1.1 Negação de predicado sem modalização

O morfema **ʔ...ʔ** é usado em Sateré-Mawé para negar diferentes tipos de predicado. Considera-se *predicado* o núcleo de um enunciado, podendo este ser um verbo, um constituinte nominal ou um constituinte posposicional. Nesse caso o morfema descontínuo **ʔ...ʔ** incidirá sobre o verbo flexionado; ou sobre o constituinte nominal ou posposicional, que podem ou não estar flexionados.

Nos exemplos (03) a (09) abaixo apresentamos enunciados em que a negação incide sintaticamente sobre um predicado verbal.

⁸¹A incidência sintática corresponde à incidência morfológica da negação, ou seja, o termo (ou termos) ao qual o morfema de negação **ʔ...ʔ** se aplica morfológicamente, delimitando-o à esquerda pelo primeiro segmento **ʔ** e à direita pelo segundo segmento **ʔ**.

(03) **it** taʔatu - Ø - ʔu **ʔi** ariukere
 NEG. 3pl. + At.I + ‘comer’ NEG. ‘preguiça’

“Elas não comem preguiça.”

(04) **it** to - i - puenti **ʔi** raʔin te - e - hariʔi pisop
 NEG. 3sg. + At.I - ‘encontrar’ NEG. Asp. 3sg. + Atr.I + mulher ‘tecido’

te - e - ini piat
 3sg. + Atr.I + ‘rede’ Posp.

“Não encontrou mais o lençol da mulher dele na rede dele.”

(05) uito ti **it** a - ti - kuap **ʔi** misop
 1pess. Part. NEG. 1Ag.+ At.I + ‘saber’ NEG. ‘tecido’

etiat Ø - Ø - ʔe
 ‘sobre’ 3sg. + Md. + ‘dizer’

“Eu não sei sobre o lençol, disse.”

Os exemplos de (03) a (05) ilustram a incidência sintática da negação sobre predicados cujo núcleo é constituído por verbos de processo ativos. Em (03) está incidindo sobre o verbo *ta ʔatu ʔu* (“elas comem”), conjugado na 3ª pessoa do plural; em (04) a negação incide sobre o verbo *toipuenti* (“ele encontrou”), conjugado na 3ª pessoa do singular e em (05) a incidência é sobre o verbo *atikuap* (“eu sei”), conjugado na 1ª pessoa do singular.

O exemplo (03) é trecho da fala de uma mulher Sateré-Mawé, enunciado durante um encontro, no qual as mulheres refletiam sobre a educação tradicional que haviam recebido das mães e avós e que atualmente não está sendo repassada às crianças e jovens do grupo. Um dos aspectos dessa educação referia-se à alimentação adequada para a mulher durante o período de gestação e de resguardo (menarca, resguardo menstrual e pós-parto). No referido exemplo, essa mulher explica que orientou suas filhas de acordo com os saberes tradicionais e nesse contexto cita alguns exemplos, como o fato de elas não comerem durante a gravidez alimentos considerados *comidas remosas*⁸².

⁸²Comida **remosa** (ou **reimosa**) é como os Amazônidas se referem tradicionalmente a alimentos que podem retardar processos de cicatrização ou desencadear problemas alérgicos, problemas intestinais, problemas de infecção, enxaqueca, indigestão etc. em pessoas que de alguma forma apresentam predisposição a um algum desses problemas. Os alimentos apontados como remosos pelos Sateré-Mawé, são geralmente gordurosos e de sabor forte, como, por exemplo, o porco do mato, a preguiça e algumas espécies de peixes como piramutaba, piraíba e outros.

Os exemplos (04) e (05), por sua vez, fazem parte de um texto escrito que conta a história de um homem que pegou o lençol de sua esposa para usá-lo, entretanto, o mesmo havia sumido de sua rede. No exemplo (04), o narrador indica que o dito homem procurou o lençol, mas não o encontrou e o exemplo (05) é a fala desse homem que responde à esposa ao ser indagado sobre o lençol: “Eu não sei [nada] sobre o lençol”.

Os exemplos (06) e (07) abaixo, ilustram a negação incidindo sintaticamente sobre predicados cujo núcleo é constituído por verbos de processo médios.

(06) maʔato ti rat⁸³ it hotʔok Ø - Ø - ʔe ʔi
 ‘mas’ part. part. NEG. ‘entender’ p.3 + Md.II + Aux. NEG.

ti rat a - he - ete
 part. part. 1Incl. + Atr. I + posp. ‘em nós’

Lit⁸⁴: “Mas não há clareza (entendimento) em nós.”

“Mas a gente ainda não entende/não assimilamos os conselhos.”

(07) u - i - mempitʔin mio - wat - ria ti
 1sg.I + Atr.II + filhos dem. + rd.nm.+ pl. Part.

it a - hoʔo - poʔoro ʔi raʔin
 NEG. 1sg. + pl.part. + ‘enviar’ NEG. Asp.

“Quanto aos meus filhos, os de agora, eu não os envio mais”.

Em (06) a negação incide sobre *hotʔok ʔe* (“há entendimento”) e em (07) sobre *aho ʔopo ʔoro* (“eu os envio”). Essas frases são falas de mulheres enunciadas em um de seus encontros. Em (06) a locutora é uma mulher mais jovem que se refere aos conselhos e saberes passados pelos mais velhos do grupo Sateré-Mawé; segundo sua fala, ela e outras mulheres de sua faixa etária não assimilaram até o momento os conselhos recebidos, pois não os colocam em prática. Já em (07), a locutora é uma mãe, que afirma ter orientado seus filhos de acordo com o saber tradicional e agora “não os envia mais”, pois já os aconselhou.

⁸³ Ainda não se conhece a função do emprego de {ti} ou {ti}+ {rat} após conjunções.

⁸⁴ A abreviação *Lit.*, que aparece em alguns exemplos deste trabalho, refere-se a uma *tradução literal*, ou seja, uma interpretação do enunciado, que procura expressá-lo o mais próximo possível da *forma* e do *sentido* próprios da Língua Sateré-Mawé.

Nos exemplos (08) e (09) abaixo, a negação incide sintaticamente sobre predicados cujo núcleo é constituído por verbos estativos. Em (08) incide sobre *hē* (“ele é gostoso”); em (09) sobre *uhesiʔat* (“eu estou com fome”).

(08) ukit aiwē ete (it) Ø - h - ē ʔi
 ‘sal’ ‘nossa boca’ Posp. NEG. 3sg.+ Atr.II+ ‘ser gostoso’ NEG.

Ø - h - ati kahato
 3sg.+ Atr.II + ‘ser dolorido’ ‘muito’

“O sal na nossa boca não é gostoso, doe muito.”

(09) it u - he - siʔat ʔi
 NEG. 1sg. + Atr.I + ‘estar com fome’ NEG.

“Eu não estou com fome.”

Nos exemplos (03 a 09) acima, a negação incide sintaticamente sobre o predicado verbal.

Os enunciados (10) e (11) abaixo apresentam como predicado um constituinte nominal, o qual é negado, assim como o verbo, pelo morfema *it...ʔi*, conforme mostram os exemplos a seguir.

(10) miʔu ran it miʔu ʔi
 ‘comida’ ‘não-verdadeira’ NEG. ‘comida’ NEG.

“Comida não-verdadeira (= remosa) não é comida.”

(11) pino uito wi ti meĩju u - i - hĩreʔi te
 ‘então’ ‘eu’ ‘também’ Part. ‘aqui’ 1sg. + Atr.II + ‘infância’ Asp.

pĩi ti u - i - ti ʔi
 ‘desde’ Part. 1sg. + Atr. II + mãe NEG.

“É desde minha infância (criança) que eu aqui não tenho minha mãe.”

Em (10) a negação incide sintaticamente sobre o nominal *miʔu* (“comida”) e em (11) sobre o *uĩi* (“minha mãe”). Pode-se observar que em (11) somente é empregado o segundo segmento do morfema de negação, ou seja, *ʔi*, para negar o predicado nominal *uĩi*. Esse

procedimento, que é bastante comum na fala, ocorre tanto na negação de predicados nominais quanto verbais e posposicionais; pode-se considerá-lo uma variante de uso da negação.

Os exemplos acima também são recortes de narrativas orais, enunciadas durante um dos encontros das mulheres indígenas. Em (10), a locutora faz uma reflexão a respeito dos alimentos; segundo sua explicação, alguns alimentos são considerados tradicionalmente alimentos não verdadeiros, pois “comida verdadeira” é aquela que alimenta e mantém o corpo sem doenças, ao contrário da comida remosa, que pode desencadear doenças. Em (11), a locutora, ao relatar sua história de vida, explica que ficou sem mãe ainda criança; desse modo, não poderá relatar como foi educada por sua mãe.

Em (12), abaixo, a negação incide sobre o constituinte posposicional *uiwep̃i* flexionado na 1ª pessoa do singular, que significa “proveniente de mim”.

(12) **it** u - i - we - pii **ʔi** nekē u - i - wi
 NEG. 1sg. + Atr.II + refl. + posp. NEG. part. 1sg.+ Atr.II + ‘amigo’

Ø - Ø - ʔe
 3sg. + Md.II + ‘dizer’

Lit.: “Não é de mim meu irmão, disse.

“Não foi minha intenção meu irmão, disse.”

Esse exemplo é um pedido de desculpas que o enunciador faz a um amigo em função de um mal entendido; o emprego da posposição flexionada *uiwep̃i*, delimitada pelo morfema (**ʔi**)...**ʔi**, adquire o sentido de: “Desculpa! Foi sem querer!”.

5.1.2 Negação de predicado com modalização

A negação pode também afetar o predicado e seus determinantes. Neste tópico, apresentaremos exemplos de predicados determinados por morfemas modais que são negados; nesse caso, o todo (verbo flexionado + determinante) é negado pelo morfema **ʔi**...**ʔi**. Os determinantes modais mais encontrados com predicados em nosso *corpus* foram os seguintes: *h̃in* (“pouco”), *kahato* (“muito”), *kuap* (“saber/poder”) e *teran* (“querer”)⁸⁵.

⁸⁵ Não foi possível fazer uma análise aprofundada do funcionamento desses determinantes modais no âmbito deste trabalho. Isso deverá ser feito posteriormente.

a) Negação de predicado determinado por *hĩn*⁸⁶

O determinante *hĩn* é uma variante do morfema *hĩt*, que funciona como um quantificador na língua Sateré-Mawé. Enquanto a variante *hĩn* é empregada como determinante em construções assertivas negativas, a variante *hĩt* é empregada como determinante nominal e como determinante verbal em construções assertivas afirmativas. Como determinante nominal *hĩt* indica tamanho pequeno, funcionando como uma espécie de diminutivo, conforme mostram os exemplos (13) e (14) abaixo.

(13) kurum hĩt “menino pequeno > menininho”

(14) kise hĩt “faca pequena > faquinha”

Já como determinante verbal, em asserções afirmativas, *hĩt* funciona como um quantificador atenuador de um processo ou de um estado, conforme mostram os exemplos (15) e (16), respectivamente:

(15) uito a - re - enuk hĩt
‘eu’ 1sg. + Md. I + ‘se alimentar’ Det.
“Eu me alimentei pouco.”

(16) hirakat Ø - i - kit hĩt
‘criança’ 3sg. + Atr.II + ‘estar gordo’ Det.

“A criança está um pouco gorda.”

Nas construções negativas, a negação, ao se aplicar a um verbo determinado por *hĩn*, intensifica a não realização de um processo ou estado, negando-os de forma mais enfática, não deixando possibilidade alguma de realização desse processo (cf. exs. 17, 18 e 19) ou estado (cf. ex. 20).

(17) uito **ĩt** a - re - nuk hĩn **ʔi** te
‘eu’ NEG. 1sg. + Md. I + ‘comer’ Det. NEG. Asp.

“Eu não comi mesmo (= nem um pouco).”

⁸⁶ Silva (2010) analisa *hĩn* como parte do morfema *hĩnʔi* sendo este uma partícula contraexpectativa; essa análise morfológica está equivocada, já que o segmento *ʔ* é a segunda parte do morfema de negação *ʔ...ʔ*, e não faz parte do morfema *hĩn* que funciona em asserções negativas como um determinante modal.

(18) uito nekē saʔawiʔi a - ti - kuap hīn ʔi wi
 ‘eu’ part. ‘princípio’ 1sg. + At.I + ‘saber’ Det. NEG. ‘também’

“Eu no começo também não sabia mesmo (= nem um pouco).”

(19) it a - re - to hīn ʔi wi ti aru
 NEG. 1sg.At.+ Md. I + ‘ir’ Det. NEG. ‘também’ part. fut. incerto

“Acho [que] também não vou mesmo.”

(20) it Ø - i - kuʔuro hīn ʔi aware
 NEG. 3sg. + Atr.II + ‘morrer’ Det. NEG. ‘cachorro’

“Não morreu mesmo o cachorro.”

Nos exemplos (17) a (19) temos a negação de predicados constituídos por verbos de processo e, em (20), por verbo de estado, todos determinados por *hīn*. Observa-se no exemplo (18) o uso somente do segundo segmento do morfema de negação, *ʔi*, sem que o valor negativo do enunciado seja alterado. Observa-se, ainda, que nesses exemplos a negação é enfatizada pelo emprego do modalizador *hīn*, significado este representado na tradução em português pelo advérbio “mesmo”.

No entanto, em algumas construções negativas com verbos de estado determinados por *hīn*, o estado denotado pelo verbo não é negado completamente, como no exemplo (20) acima; nessas construções, o emprego concomitante do morfema de negação e do determinante *hīn* indica que a negação se aplica parcialmente sobre o estado expresso pelo verbo.

Vejamos os exemplos abaixo:

(21) miʔi hawii so awiki it Ø - i - hapitiŋ hīn ʔi
 ‘ele’ conect. Part. ‘guariba’ NEG. 3sg.At. + Atr.II + ‘enxergar’ Det. NEG.

raʔin mio
 Asp. ‘agora’

“Agora o guariba já não enxerga bem [= não enxerga claramente].”

(22) wahue **it** Ø - i - ʔahai hīn ʔi raʔin mio te
 ‘macaco’ NEG. 3sg.At. + Atr.II + ‘falar’ Det. NEG Asp. ‘agora’ Part.

“O macaco branco já não ressoa bem até agora.”

Nos enunciados (21) e (22) acima, a negação incide sintaticamente sobre verbos de estado determinados por *hīn*, indicando que o estado expresso pelo verbo não é negado completamente. Observa-se, nesses exemplos, que os estados denotados pelos verbos não deixam de se realizar, mas não se realizam plenamente, isto é, os estados, “ser *enxergador* > enxergar” (21) e “ser ressoador > ressoar” (22), apesar da negação, se realizam, mas não de forma plena.

b) Negação de predicado determinado por *kahato*

O determinante *kahato* (“muito”), assim como *hīn*, funciona como um quantificador na Língua Sateré-Mawé. No entanto, diferentemente de *hīn*, não é empregado para quantificar entidades, apenas funciona como quantificador de processos, de estados ou de um predicado existencial, conforme mostram os exemplos (23) a (25), abaixo:

(23) uito areket kahato. “Eu dormi muito.”

(24) ahesiʔat kahato. “Nós estamos com muita fome.”

(25) waipaka hoʔokup kahato meju pe. “Tem muita galinha aqui.”

Em enunciados assertivos negativos, *kahato* apresenta o mesmo valor semântico que nos afirmativos, caracterizando-se como um quantificador modal, conforme mostram os exemplo abaixo.

(26) maʔato soŋke u - i - hireʔi te turan
 ‘mas’ ‘talvez’ 1sg. + Atr.II + ‘criança’ Asp. ‘quando’

it a - ti - kuap kahato ʔi
 NEG. 1sg. + At.I + ‘saber’ Det. NEG.

“Mas quando ainda era criança talvez não soubesse muito isso”.

(27) waiŋ a - re - ʔe kahato ʔi nekē kurum pe
 ‘aconselhar’ 1sg. + Md.II + Aux. Det. NEG. part. ‘menino’ Posp.

“Eu não aconselhei muito o menino.”

Em (26) e (27), o emprego de *kahato* indica que os processos denotados pelos verbos que determina se realizam de forma intensa; ao se negar tais construções, atenua-se a intensidade da realização desses processos: *ʔ atikuap kahato ʔ* (“eu não soubesse muito isso”); *waiŋ are kahato ʔ*, (“eu não aconselhei muito”). Observa-se ainda no exemplo (27) que o locutor emprega apenas o segundo segmento do morfema de negação, ou seja, *ʔ*, o que, conforme já exposto, não altera o valor negativo do enunciado.

c) Negação de predicado determinado por *kuap* e *teran*

Diferentemente de *hīn* e *kahato*, que funcionam como determinantes quantificadores, os morfemas *kuap* e *teran*, funcionam como modais factuais. Segundo Pottier (1992, p. 215), as modalidades factuais referem-se ao conjunto de atitudes orientadas para um agir: o dizer e o fazer. Essas modalidades são codificadas, em muitas línguas, pelos lexemas ‘querer’, ‘poder’ e ‘dever’.

Em sateré-mawé, os morfemas *kuap* e *teran* são empregados após o verbo para indicar saber/poder e querer, respectivamente. O morfema *kuap* também funciona na língua como um núcleo de predicado verbal ativo, significando saber/conhecer (cf. ex. 28); pode-se analisá-lo como um verbo auxiliar modal quando empregado para determinar outro verbo (cf. exs.: 29 a 31). Vejamos os exemplos abaixo:

(28) maʔato ti **it** to - i - kuap **ʔi** sehai
 ‘mas’ Part. NEG. 3sg. + At.I + ‘saber/conhecer’ NEG. ‘palavra/história’

“Mas ele não sabia a história.”

(29) maʔato ti korã **it** u - h - eso h - eso kuap **ʔi** Ø - Ø - ʔe
 ‘mas’ part. ‘agora’ NEG. 1sg. + Atr. + ‘estar mentindo’ Mod. NEG. 3sg. + Md. + ‘dizer’

“Mas agora não posso estar/ficar mentindo, disse.”

(30) teʔeru-wewi so **it** Ø - tu- wenoʔe kuap **ʔi** raʔin
 3pl. + posp. Part. NEG. p.3+Md.I+ ‘sair/pl. Mod. NEG. Asp.

“Já não souberam/puderam mais sair por si próprios.”

(31) **it** a - ra - ʔām kuap **ʔi** rat Ø - Ø - ʔe
 NEG. 1sg. + Md. - ‘subir’ Mod. NEG. Part. 3sg. + Méd. + ‘dizer’

“Não sei subir, disse.”

Esses exemplos fazem parte de diversas narrativas escritas pelos professores Sateré-Mawé. O exemplo (29) é trecho de uma narrativa que conta a história de um homem que era considerado mentiroso, sendo que em determinado diálogo ele diz que não pode mais mentir, argumentando que sua esposa havia engolido acidentalmente um anzol de número 1, sendo que ao dizer isto, o mesmo já estava mentindo novamente, pois seria impossível engolir um anzol nessa numeração. O exemplo (30) conta a história de uma casa que desabou em cima de quatro pessoas, sendo que estas ficaram presas debaixo da armação e não conseguiram sair de lá a não ser com a ajuda de outras pessoas. O exemplo (31) conta a história do jabuti e do macaco; neste trecho o jabuti pede uma fruta ao macaco, argumento que não sabe subir na árvore para pegar a fruta.

Observa-se que *kuap* nesses enunciados pode ser interpretado por “querer/poder” em (29) e por “saber/poder” em (30) e (31).

Já o morfema *teran* funciona apenas como um determinante modal, de acordo com o *corpus* analisado. Esse morfema pode se realizar como *teran*, *neran* ou *reran*. Essa variação na consoante inicial do morfema é determinada pelo contexto fônico em que ocorre, segundo a seguinte regra: após nasal a consoante inicial desse segmento realiza-se como [n-]: [neran]; após vogal, [k] e [p] realiza-se como [t-]: [teran]; e após [t] como [r-]: [reran] (*cf.* Franceschini, 1999).

Vejamos abaixo os exemplos de uso desses modais.

- (32) **it** a - i - poi teran **ʔi** a - i - pihuʔat
 neg. 1incl. I.+ At.I+ ‘alimentar’ Mod. NEG. 1Incl. + Atr.II + ‘menstruação’
 pe a - i - ti - ʔin
 Posp. IIincl. + Atr.II + ‘mãe’ + col.

“Na nossa menstruação nossa mãe não queria nos alimentar [com comida remosa].”

- (33) mi’i hawyi so te - e - muka pytkai
 ‘mesmo que’ part. 3sg.+ Atr.I + ‘espingarda’ posp.

it to - i - ʔapij neran **ʔi**
 NEG. 3sg.+ At.I + ‘atirar’ ‘querer’ NEG.

“Mesmo [estando] com a espingarda ele não quis atirar”.

O enunciado (32) é trecho da fala de uma das mulheres Sateré-Mawé, enunciada durante o encontro das mesmas; nessa fala a mulher explica que durante o período menstrual sua mãe não a alimentava com comida remosa, pois era considerado proibido. Já o enunciado

(33) é trecho de uma narrativa escrita, que conta a história de um homem que estava caçando, sendo que ao encontrar uma preguiça, que se encontrava dormindo, mesmo estando com a espingarda ele não quis atirar e preferiu amarrá-la viva.

Em (32) e (33), o determinante *teran* é representado por “querer”. Observa-se que devido ao contexto fônico, conforme citado acima, realiza-se por *teran* em (32) e por *neran* em (33).

5.1.3 Negação de constituinte em função actancial

O morfema descontínuo *#...ʔ*, além de incidir sobre um predicado verbal ou nominal, pode incidir também sobre um dos constituintes do enunciado, sendo que estes constituintes podem estar na função de actante ou de circunstante.

Nos exemplos abaixo, temos a negação incidindo sobre um constituinte na função sintática de primeiro actante (cf. exs. 34 e 35).

(34) **it** en **ʔi** nekē e - tu - nuŋ meikowat waʔã
 NEG. ‘você’ NEG. Part. 2sg. + At. I + ‘fazer’ Dem. ‘panela’

“Não foi você que fez essa panela.

(35) **it** uito **ʔi** nekē a - ti - ʔapok ‘paratu’
 NEG. ‘eu’ NEG. Part. 1sg.+ At.I + ‘quebrar’ ‘prato’

“Não fui eu que quebrei o prato”.

Os enunciados (34) e (35) apresentam construções biactanciais, nas quais os verbos *etunuŋ* (“você a fez”) e *ati ʔapok* (“eu o quebrei”) requerem a participação de dois actantes, sendo que a negação está incidindo sintática e semanticamente sobre os termos na função de primeiro actante, os quais se encontram indicados no verbo e representados pelos constituintes pronominais *en* (“você”), em (34), e *uito* (“eu”) em (35).

5.1.4 Negação de circunstante

Conforme já exposto, o morfema descontínuo **ʔi...ʔi** é usado também para negar termos em função circunstancial, conforme mostram os exemplos abaixo.

- (36) **it** ukit puo **ʔi** uru - Ø - ti uru - Ø - poi
NEG. ‘sal’ Posp. NEG. 1excl. + Atr.II + ‘mãe’ 1excl. + At.I + ‘alimentar’

“Não é com sal [que] somos alimentadas [pela] nossa mãe.”

- (37) pyno **it** meikowat pe in **ʔi** henoi - hap
‘então’ NEG. Dem. posp. ‘apenas’ NEG. ‘contar’+ nomz.

Ø - to - ineʔen
3pl.+ Md. + ‘viver/morar’

“Então, não é somente nesse [livro que] fica o contado [=as histórias].”

Em (36), a negação incide sobre o constituinte posicionado **ukʔ puo** (“com sal”), constituído pelo nominal **ukʔ** (“sal”) + a posição **puo** (“com”), que indica uma circunstância do modo como a locutora foi alimentada durante o resguardo pós-parto; pois o assunto da sua fala, refere-se à explicação de como foi orientada e tratada por sua mãe no período de gravidez e resguardo.

Em (37), a negação incide sintaticamente sobre o circunstante **meikowat pe ʔi** (“apenas nesse”), que indica uma circunstância espacial; esse enunciado faz parte de um texto escrito de apresentação de um livro que narra a história mitológica sobre a “origem da noite”; os organizadores do livro pretendem com isso indicar que a história contida no livro é apenas uma das diversas versões da história da origem da noite, já que a mesma é contada de diferentes maneiras por diferentes contares de histórias mitológicas Sateré-Mawé.

5.2 A negação de enunciados imperativos e optativos

Em Sateré-Mawé, enunciados imperativos e optativos são marcados por diferentes morfemas, sem que o verbo sofra qualquer alteração morfológica. Os imperativos são aqueles em que o locutor dirige-se ao(s) interlocutor(es), dando-lhe(s) uma ordem; já os optativos são aqueles em que o locutor dirige-se ao(s) interlocutor(es) para dar-lhe(s) um conselho ou para manifestar um desejo, ficando a realização ou não do processo denotado pelo verbo à critério do(s) interlocutor(es), conforme apresentaremos abaixo.

5.2.1 A negação de enunciados imperativos

Em Sateré-Mawé, os enunciados *imperativos negativos* são marcados pelo morfema *#...teiʔo*, o qual pode se realizar como *#...neiʔo* ou *#...reiʔo*. A variação da consoante inicial do segundo segmento desse morfema de negação é condicionada pelo contexto fônico em que ocorre, obedecendo a mesma regra morfofonológica que condiciona o uso das variantes do modalizador *teran*⁸⁷. Essa mesma regra de variação também ocorre em enunciado imperativo afirmativo, que é marcado morfológicamente pelo morfema *to* que pode também se realizar como *no* ou *ro*, conforme ilustram os exemplos abaixo:

(38) e - re - epik **to**
2sg. + Md. + ‘afastar’ IMP.AFIRM.
Lit.: “Afaste-se da terra”
“Saia da terra!”

(39) e - ti - hai upi **ro** e - Ø - ti
2sg. + At.I + ‘falar’ ‘atrás de’ IMP. AFIRM. 2sg.+ Atr.II + ‘mãe’
Lit.: “[Vá] atrás da fala da tua mãe.”
“Obedeça tua mãe!”

(40) e - t - um **no** wentup e - Ø - iwit
2sg. + At.I + ‘dar’ IMP. AFIRM. ‘um’ 2sg.+ Atr.II + ‘irmão’
“Dá um [abiu] pro teu irmão!”

Os enunciados (38), (39) e (40) são exemplos de imperativo afirmativo, os quais são marcados pelas variantes *to*, *ro* e *no*, respectivamente. Esses enunciados fazem parte do cotidiano de uma comunidade Sateré-Mawé, sendo que essas falas foram enunciadas por uma mãe e por um pai dirigindo-se aos seus filhos; em (38), essa mãe ordena a um de seus filhos, que havia acabado de tomar banho, que não brinque mais com terra, uma vez que acabou de se banhar; em (39) o pai ordena a esse filho que obedeça o que diz sua mãe; já em (40), a mãe ordena ao filho mais velho, que chega em casa com uma cesta de abiu (fruta nativa da Amazônia), que dê uma unidade dessa fruta ao irmão menor, que por sua vez, começa a chorar pedindo a fruta.

⁸⁷ Sobre essa regra morfofonológica ver p. 89 desse trabalho.

Vejamos agora alguns exemplos da negação de enunciados imperativos que apresentam verbos de processo ativos:

- (41) **it** ewe - he - enoi **teiʔo** Ø - Ø - ʔe
 IMP. NEG. 2pl. + At.II + ‘contar’ IMP. NEG. 3sg. + Md.II + ‘dizer’

“Não contem isso [a ninguém], disse!”

- (42) **it** e - ti - haika **teiʔo** eiwit
 IMP. NEG. 2sg. + At.I + ‘aborrecer > fazer chorar’ IMP. NEG. ‘teu irmão’

“Não aborreça teu irmão!”

Os exemplos (41) e (42), ilustram enunciados imperativos construídos com verbos de processo ativo. Nesses exemplos, o morfema *#...teiʔo* incide sintaticamente sobre o verbo flexionado pelo índice de voz ativa. Em (41), incide sobre o verbo *ewehenoi* e, em (42), sobre *etihaika*; diferentemente do português, em sateré-mawé, a forma do verbo em enunciados imperativos não se distingue da dos enunciados assertivos e optativos.

O enunciado (41) faz parte de uma narrativa sobre a história mitológica “origem do guaraná”, neste trecho um dos personagens ordena aos seus companheiros que não revelem um determinado segredo a ninguém. Já o enunciado (42) faz parte da fala do cotidiano de uma família, no qual o pai ordena ao filho mais velho que não aborreça o filho menor fazendo-o chorar.

Os exemplos (43) a (45) abaixo apresentam enunciados imperativos negativos com verbos de processo médios.

- (43) e - r - entem e - r - entem **neiʔo**
 2sg. + Md. + ‘sair’ 2sg. + Md. + ‘sair’ IMP. NEG.

u - i - mempít Ø - Ø - ʔe
 1sg. + Atr.II + filho(a) 3sg. + Md.II + ‘dizer’

“Não saia muito minha filha, disse.”

- (44) **it** e - re - kenʔe **teiʔo** u - i - pūpít
 IMP. NEG. 2sg. + Md. + ‘ter medo’ IMP. NEG. 1sg. + Atr. + posp.

“Não [tenha] medo de mim.”

- (45) **it** e - re - ket **reiʔo** korã in
 IMP. NEG. 2sg. + Md. + ‘dormir’ IMP. NEG. ‘neste’ ‘apenas’

“Não durma agora!”

O exemplo (43) é trecho da fala de uma senhora que durante um encontro explica como orientou sua filha durante o resguardo da primeira menstruação. Neste exemplo, o morfema *ʃ...teiʔo* incide sobre o verbo *erentem*, que se encontra duplicado, resultando no sentido de “com muita frequência > muito”, pois nessa fala é ordenado à filha que no período menstrual não saia muito de casa, não sendo aconselhável sair de casa durante as 5 primeiras menstruações (durante 5 meses). Observa-se nesse enunciado que a locutora usa apenas o segundo segmento do morfema de imperativo negativo, ou seja, apenas *-neiʔo*.

Os enunciados (44) e (45) são falas do cotidiano de uma comunidade. Em (44), o morfema de imperativo negativo incide sobre o verbo *ereken ʔe*; a frase “não tenha medo de mim” foi enunciada por uma pessoa se referindo a uma criança que estava chorando de medo dessa pessoa, que era desconhecida para ela. Em (45) o imperativo negativo incide sobre o verbo *ereket*; a frase “não durma agora” é o que ordena a mãe ao seu filho pequeno que deseja dormir à tarde, pois caso contrário terá dificuldades para dormir à noite, deixando-a acordada.

O exemplo (46) abaixo apresenta um enunciado imperativo negativo com verbo de estado.

- (46) **it** e - Ø - ehai e - Ø - ehai **teiʔo**
 IMP. NEG. 2sg. + Atr.II + ‘falar’ 2sg. + Atr.II + ‘falar’ IMP. NEG.
- u - i - mēmpit Ø - Ø - ʔe
 1sg. + Atr.II + filho(a) 3sg. + Md.II + ‘dizer’

“Não fale muito minha filha, disse.”

Esse enunciado também é trecho da fala da mãe que explica como orientou sua filha durante o resguardo da primeira menstruação. Nesse enunciado o morfema *ʃ...teiʔo* incide sintaticamente sobre o verbo *ēhai*, que também encontra-se duplicado, dando o sentido de “muito”; aqui a ordem é para a filha não falar muito, ou seja, falar o mínimo necessário durante o resguardo.

5.2.2 Negação de enunciados optativos

Os enunciados optativos em sateré-mawé são empregados quando o enunciador manifesta um desejo, um pedido, ou dá um conselho ao interlocutor, sem ordenar sua

execução. Os optativos afirmativos são marcados pelo morfema **ʔo**, que aparece após o predicado, conforme mostra o exemplo abaixo:

(47) e - re - to **ʔo**
2sg. + Md. + ‘ir’ OP.AFIRM.

“Vá! (> Desejo que vá!)”

Esse exemplo se refere à fala de um tuxaua dirigida ao professor de sua comunidade cujo emprego de **ʔo** indica o desejo (conselho) do tuxaua para que o professor participe de uma reunião que será realizada brevemente; no entanto, esse desejo não é imposto ao professor como uma ordem que deve ser cumprida, é apenas a manifestação da opinião ou conselho do tuxaua ao professor, pois provavelmente a reunião abordará questões importantes relacionadas à educação.

Já os enunciados optativos negativos são marcados pelo morfema descontínuo **ʔ....te**, e indicam o desejo do enunciador de que o interlocutor não realize o processo denotado pelo verbo.

Vejamos os exemplos abaixo:

(48) **it** e - re - wak **te**
OP. NEG. 2sg. + Md. + ‘chorar’ OP. NEG.

“Não chore!”

(49) **it** e - re - nuk **te**
OP. NEG. 2sg. + Md. + ‘comer’ OP. NEG.

“Não coma!”

(50) **it** e - Ø - ehai **te**
OP. NEG. 2sg. + Atr.II + ‘falar’ OP. NEG.

“Não fale!”

Assim como o optativo afirmativo, o optativo negativo não resulta em uma ordem imperativa, mas seu uso se dá mais como uma forma de conselho ou pedido, como ilustram os exemplos (48) a (50). Nesses enunciados, o morfema optativo negativo **ʔ....te** está incidindo sobre os verbos médios: **erewak** em (48); **erenuk** em (49); e, sobre o verbo de estado **ehai** em (50).

Esses enunciados referem-se ao cotidiano de uma comunidade. O exemplo (48) é a fala de uma mãe ao seu filho de dois anos de idade que está chorando; essa mãe faz um pedido ao filho para não chorar, sem o tom de ordem, pois enquanto fala abraça e consola a criança. O exemplo (49) é fala de outra mãe que pede a um filho, que não coma a comida que ela acabou de guardar, pois será a janta da família. O exemplo (50) é a fala de uma esposa ao seu marido, que é uma liderança indígena; essa esposa pede ao marido que não fale durante uma determinada reunião algumas “coisas” que poderão predicá-lo politicamente.

CAPÍTULO 6: A NEGAÇÃO E FOCALIZAÇÃO DE CONSTITUINTES EM SATERÉ-MAWÉ

Neste capítulo, apresentamos uma análise preliminar da organização do enunciado Sateré-Mawé no nível enunciativo-hierárquico⁸⁸. Conforme já exposto, neste nível, a análise é voltada para compreensão da organização informacional do enunciado, ou seja, da forma como o enunciador organiza em seu discurso a informação já conhecida (o tópico) e a informação nova (o foco). Geralmente as línguas apresentam diferentes estratégias que permitem, de acordo com a intenção comunicativa do enunciador, *focalizar ou topicalizar diferentes* termos do enunciado ou um enunciado como um todo.

Neste tópico nos deteremos à análise das estratégias empregadas para focalizar constituintes em enunciados afirmativos e negativos em Sateré-Mawé, já que muitos autores consideram a negação como inerentemente *focalizadora* (CREISSELS, 2010), conforme já exposto anteriormente⁸⁹, o que de fato parece ser o caso da negação em Sateré-Mawé, como veremos adiante.

Para compreendermos a focalização de enunciados negativos em Sateré-Mawé é necessário conhecermos antes a ordem dos termos em uma construção canônica, ou seja, sem focalização, e a focalização de constituintes em enunciados afirmativos, o que apresentaremos a seguir.

6.1 Ordem dos termos em uma construção canônica ou ‘neutra’

Em uma construção canônica em Sateré-Mawé, ou seja, neutra do ponto de vista enunciativo-hierárquico (sem focalização nem topicalização), a ordem dos termos em um enunciado com verbo biactancial é a seguinte: *primeiro actante + verbo + segundo actante + (circunstante)*; e em enunciado uniactancial: *actante único + verbo + (circunstante)*. Ou seja, o primeiro actante e o actante único ocorrem sempre imediatamente antes do verbo; o segundo actante e o circunstante após o verbo, sendo que o segundo actante precede o circunstante, conforme mostram os exemplos⁹⁰ abaixo:

⁸⁸Ver páginas 42- 46.

⁸⁹ Ver página 64.

⁹⁰ Na apresentação dos exemplos, a barra dupla (//) marca o enunciado bipartido em tópico-foco ou foco-tópico. Quando o enunciado é ‘neutro’ a parte do enunciado à esquerda do corte indica a zona topical e à direita a zona focal; porém, quando o enunciado apresenta estratégia de focalização ocorre o inverso, ou seja, a parte à esquerda do corte indica foco e à direita indica tópico.

a) Ordem dos termos em enunciado biactancial:

	primeiro actante	+	verbo	+	segundo actante	+	circunstante
(1)	kurum		Ø - tu - ʔu		pīra		ŋaʔatpo
	‘menino’		3A.sg. + At. I + ‘comer’		‘peixe’		‘ontem’

“O menino // comeu peixe ontem.”

b) Ordem dos termos em enunciado uniactancial:

	actante único	+	verbo
(2)	kurum		Ø - to - ket
	‘menino’		3A.sg. + Méd.I + ‘dormir’

“O menino // dorme (está dormindo).”

Do ponto de vista enunciativo-hierárquico, funciona como *tópico*, em um enunciado canônico⁹¹, o primeiro actante ou actante único e como *foco* o verbo e os seus complementos.

O primeiro actante ou o *actante único* é o actante indiciado no verbo. Em construções com verbos de processo ativos o tópico será o primeiro actante. Em construções com verbos de processo médios e verbos de estado, o tópico será o actante único. O *foco*, por sua vez, é o predicado e os constituintes que assumirem a função sintática de segundo actante e/ou de circunstante, conforme mostram os exemplos abaixo.

(a) *Exemplo com verbo ativo*

(3)	iasmim	//	Ø - ti - hiʔu	wasai
	‘Yasmim’		3sg. + At.I + ‘beber’	‘açai’
	1º actante		verbo	2º actante

“Yasmim // bebeu açai.”

Nesse enunciado, que é neutro do ponto de vista enunciativo-hierárquico, o tópico é *Iasmim* e o foco *tihíʔu wasaʔ* (“bebeu açai”). Sintaticamente, o tópico (*Iasmim*) assume a função de primeiro actante e o papel semântico de agente do processo expresso pelo verbo; já

⁹¹Conforme Creissels (2006), do ponto de vista enunciativo-hierárquico, todo enunciado possui um *tópico* e um *foco*; o *tópico* é assumido normalmente pelos nomes, os quais são intrinsecamente tópicos; já o *foco* é assumido pelo verbo, que é naturalmente focal nos enunciados. No entanto, de acordo com a intenção comunicativa do enunciador, outros constituintes que não assumem naturalmente o papel de *tópico* ou de *foco*, podem ser assinalados explicitamente, por meio dos processos de *topicalização* e *focalização*, respectivamente.

o foco é constituído pelo predicado (*tihizũ*) e pelo segundo actante (*wasazũ*), que assume o papel semântico de paciente no enunciado.

b) *Exemplo com verbo médio*

(4) uito	//	a - re - to	koitizi
‘eu’		1sg. + Md.I + ‘ir’	‘hoje’
actante único		verbo	circunstante

“Eu // vou (viajo) hoje.”

Nesse enunciado, o papel discursivo de tópico é assumido por *uito* (“eu”) e o foco por *areto koitizi* (“vou hoje”). Sintaticamente, o tópico funciona como actante único e assume o papel semântico de agente do processo; já o foco é constituído pelo predicado *areto* e pelo circunstante indicador de tempo *koitizi* (hoje).

(c) *Exemplos com verbos de estado*

(5) kurum		Ø - i - kahu
‘menino’		3sg. + Atr.I + ‘ser bonito’
actante único		verbo

“O menino // é bonito.”

(6) uruto		uru - e - si?at
‘nós’		1excl. + Atr.I + ‘estar com fome’
actante único		verbo

“Nós // estamos com fome.”

Em (5), o tópico é *kurum* (“menino”) e o foco *ikahu* (“ser bonito”). Sintaticamente, o tópico assume a função de actante único e o papel semântico de atributivo; já o foco *ikahu* assume a função de predicado e semanticamente dá a *kurum* a atribuição de ser bonito.

Em (6), o tópico é assumido por *uruto* (“nós”) e o foco por *uruesi?at* (“estamos com fome”). Sintaticamente, assim como em (5), o tópico assume a função de actante único; sendo que em (6) o papel semântico de *uruto* é de atributivo. O foco, por sua vez, constituído por *uruesi?at* tem a função sintática de predicado e semanticamente atribui à primeira pessoa exclusiva um estado de fome.

6.2 A focalização de constituintes em enunciados afirmativos

Para compreender quais os mecanismos empregados para focalização em enunciados negativos da língua Sateré-Mawé, fez-se necessário analisar como ocorre a focalização em enunciados que não comportam negação.

Em enunciados afirmativos empregam-se as seguintes estratégias para focalizar um constituinte: (a) colocação do termo focalizado em início de frase, ou antes do verbo, aliada à (b) uma entonação ascendente e, frequentemente, c) à adição, após o termo focalizado, dos morfemas: *nekē* ou *tí*⁹², sendo este último seguido, na maioria das vezes, de uma das diferentes partículas enunciativas (*ran*, *rat*, *kue*)⁹³ ou indicadoras de aspecto-modo-tempo (*aru* e *raʔin*). A seguir apresentaremos essas estratégias empregadas para focalizar actantes e circunstâncias em enunciados afirmativos.

6.2.1 Focalização do primeiro actante ou do actante único

A focalização do termo na função de primeiro actante ou actante único é feita pela posição do termo focalizado em início de enunciado, aliada a uma entonação ascendente e, frequentemente, pelo emprego dos morfemas: *tí* [~ *ní* ~ *rí*] mais partícula enunciativa ou indicadora de aspecto-modo-tempo; ou *nekē*, conforme mostram os exemplos abaixo:

(7) <i>uito</i>	<i>ti</i>	<i>ran</i>	//	a - ti - ʔauka	<i>wewato</i>
‘eu’	pt.enf.	pt.enunc.		1A.sg. + At.I + ‘matar’	‘anta’
1ºactante					2º actante

“FUI EU // que matei a anta.”

(8) <i>uito</i>	<i>nekē</i>	//	a - ti - pik	<i>apukuita</i>
‘eu’	part.enf.		1A.sg. + At.I + ‘quebrar’	‘remo’
1ºactante				2º actante

“FUI EU // que quebrei o remo”

⁹² Como a focalização não foi o principal objeto de estudo desse trabalho, não foi possível realizar uma análise aprofundada do funcionamento dos morfemas *tí* e *nekē*, portanto, ainda não foi possível compreender o que diferencia o uso desses dois morfemas. Um estudo mais aprofundado sobre a focalização e a topicalização em Sateré-Mawé será feito por nós posteriormente.

⁹³ Os valores dessas partículas enunciativas ainda não foram sistematizados, portanto não serão apresentados neste trabalho.

- (9) *eipe nekē* // ewe - tu - ʔu pīra
 ‘vocês’ part.enf. 3A.pl. + At.I+ ‘comer’ ‘peixe’
 1ºactante 2º actante

“FORAM VOCÊS // que comeram o peixe.”

Em (7) o foco é assumido por *uito* (“eu”) e o tópico por *ati ʔauka wewato* (“eu matei a anta”). Sintaticamente, o foco (*uito*) assume a função de primeiro actante e o papel semântico de agente; o tópico, por sua vez, é constituído pelo predicado *ati ʔauka* na voz ativa e pelo segundo actante *wewato*, que semanticamente é o paciente do processo expresso pelo verbo.

Em (8) o foco também é *uito* (“eu”), sendo que o tópico é *atipik apukuita* (“eu quebrei o remo”). Sintática e semanticamente, o foco e o tópico assumem as mesmas funções que em (7): *uito* é o primeiro actante e o agente do processo; já o tópico este é constituído pelo verbo *atipik* na voz ativa mais o segundo actante *apukuita* no papel semântico de paciente.

Em (9) o foco é assumido por *eipe* (“vocês”) e o tópico por *ewetu ʔu pīra* (“comeram o peixe”). Sintaticamente, o foco (*eipe*) é o primeiro actante e assume o papel semântico de agente; já o tópico é constituído pelo predicado *ewetu ʔu* na voz ativa e pelo segundo actante *pīra* no papel semântico de paciente, pois é o constituinte afetado pelo processo expresso pelo verbo.

Conforme se pode observar, a estratégia usada para focalizar o primeiro actante nesses enunciados é a posição em início de enunciado, a entonação ascendente e o emprego das partículas *tī + ran*, em (7), e *nekē* em (8) e (9). Além disso, é importante destacar que o primeiro actante focalizado faz referência à *primeira* (7) e (8) e à *segunda pessoa agentiva* (9), sendo que o verbo permanece na voz ativa; porém quando o primeiro actante focalizado faz referência a *terceira pessoa agentiva*, ocorre uma mudança da orientação do verbo que passa da voz ativa para a voz inversa, assim como da função actancial do constituinte focalizado, que passa a funcionar como segundo actante no enunciado. Para ilustrar esse processo, vejamos os exemplos abaixo sem (10) e com (11) focalização do participante agentivo.

Enunciado **sem** focalização do participante agente – primeiro actante – voz ativa:

- (10) *waham Ø - tu - ʔu pīra*
 Waham 3sg. + **At.** + ‘comer’ peixe

“Waham comeu peixe.”

Enunciado **com** focalização do participante agente – segundo actante - voz inversa:

(11) *waham ti ran* // Ø - **i** - ʔu p̄ira
 waham pt.enf. pt.enunc. 3sg. + **Inv.** + ‘comer’ peixe

“FOI POR WAHAM // que o peixe foi comido.”

No enunciado (11), a focalização do participante agente *waham* ocorre pelo emprego do morfema *ti*, seguido da partícula enunciativa *ran*. Observa-se que, para focalizar esse participante, é necessário mudar a orientação do verbo, que passa da voz ativa, marcada pelo prefixo *-tu-*, em (10), à voz inversa, marcada pelo prefixo *-i-*, em (11); quanto ao prefixo de 3ª pessoa, embora apresente a mesma forma (Ø-) em (10) e (11), faz referência a distintos paradigmas, sendo que em (10), está coindexado ao participante agente (paradigma de prefixos agentivos) e, em (11), ao paciente (paradigma de prefixos não-agentivos). Essa mudança de orientação do verbo implica também em uma mudança da função actancial dos participantes: enquanto que na voz ativa o primeiro actante é o participante agente e o segundo actante, o paciente, na voz inversa é o paciente que assume a função de primeiro actante e o agente focalizado funciona então como segundo actante.

Os enunciados (12) e (13) abaixo apresentam construções uniactanciais com verbos que requerem apenas o emprego de um actante (actante único), que nestes enunciados é o termo focalizado.

Em (12), o foco é *uruto* e o tópico é *uruesiʔat* (“estamos com fome”). Sintaticamente o foco assume a função de actante único; já o tópico é constituído pelo predicado estativo, que atribui um estado de fome ao actante único, conforme mostra o exemplo abaixo:

(12) *uruto ti rat* // uru - e - siʔat
 ‘nós’ pt.enf. pt.enunc. 3I.excl. + Atr.I + ‘estar com fome’
 actante único

“SOMOS NÓS // que estamos com fome.”

Em (13), o foco é *eipe* e o tópico é *eweiwat ʔo kape moʔkiʔte* (“vocês que vão para roça amanhã”). Sintaticamente o foco assume a função de actante único (*eipe*) e o papel semântico de agente; já o tópico é constituído pelo predicado *eweiwat* na voz média, mais os circunstanciais *ʔo kape* e *moʔkiʔte* indicadores de espaço e tempo, respectivamente, conforme mostra o exemplo abaixo.

- (13) *eipe* *ti* *aru* // ewei - Ø - wat ŋo kape moŋkiʔite
 ‘vocês’ pt.enf. Fut. 2pl. + Méd. + ‘ir/pl.’ ‘roça’ Posp. ‘amanhã’
 actante único

“SÃO VOCÊS // que vão para roça amanhã.”

A estratégia empregada para focalizar o actante único em (12) e (13) é a posição em início de enunciado, a entonação ascendente e o emprego das partículas *ti* + *rat*, em (12), e *ti aru* em (13).

6.2.2 Focalização do segundo actante

O segundo actante paciente quando focalizado desloca-se da sua posição canônica pós-verbal para a posição inicial do enunciado, apresenta uma entonação ascendente e é, frequentemente, seguido de um dos morfemas indicadores de foco, conforme mostram os exemplos (14) e (15) abaixo.

- (14) *pīra* *ti* *ran* // maria Ø - tu - ʔu
 ‘peixe’ pt.enf. pt.enunc. maria p. 3 + At. I + ‘comer’
 2º Actante 1º Actante

“FOI PEIXE // que Maria comeu.”

- (15) *tucunare* *nekē* // uito a - t - ekii
 um tipo de peixe pt.enunc. ‘eu’ p.1 + At. I + ‘puxei’
 2º Actante 1º Actante

“FOI TUCUNARÉ // que eu puxei (> pesquei).”

Os enunciados acima apresentam construções biactanciais com verbos de processo ativos: *tu ʔu* (14) e *atekii* (15), que requerem dois actantes. Os constituintes *pīra* e *tucunare*, que funcionam como segundo actante, são os termos focalizados, portanto, apresentados pelo enunciador como os mais informacionais. A estratégia usada para focalizá-los foi a posição em início de enunciado, a entonação ascendente e o emprego das partículas *ti* + *ran*, em (14), e *nekē* em (15).

6.2.3 Focalização do circunstante

Quando um constituinte na função de circunstante é focalizado, assim como o segundo actante, ele deixa a sua posição canônica pós-verbal e passa à posição de início de enunciado, apresenta uma entonação ascendente e é, frequentemente, seguido de um dos morfemas indicadores de foco, conforme mostram os exemplos de (16) e (17) abaixo.

- (16) *koitiʔi* *ti* // *uito* *a - re - to*
‘hoje’ pt.enf. ‘eu’ 1sg. + Md. + ‘ir’
circunstante 1º Actante

“É HOJE // que eu viajo.”

- (17) *ʔaʔatpo* *nekē* // *iʔama:n*
‘ontem’ foco ‘chover’
circunstante

“FOI ONTEM // que choveu.”

Nos enunciados (16) e (17) *koitiʔi* e *ʔaʔatpo* que indicam uma circunstância temporal são os termos focalizados. Ao passar pelo processo de focalização, esses circunstantes posicionam-se no início do enunciado e são seguidos pelos morfemas *ti* e *nekē*, respectivamente.

6.3 Negação e focalização de constituintes em Sateré-Mawé

Assim como nos enunciados afirmativos, a focalização de constituintes em um enunciado negativo é marcada pela posição inicial aliada a uma entonação ascendente do termo focalizado e ao emprego de partículas enfáticas e enunciativas.

Conforme já expomos, em Sateré-Mawé, a posição do constituinte sobre o qual incide sintaticamente a negação é o início de frase ou pré-verbal; sendo estas posições focais, a negação pode ser considerada intrinsecamente focal em Sateré-Mawé, ou seja, a negação de constituintes implica sua focalização. Portanto, a posição inicial de frase ou pré-verbal aliada à entonação ascendente e, frequentemente, à adição, após o termo focalizado, dos morfemas: *nekē* ou *ti*, sendo este último seguido, na maioria das vezes, de uma das diferentes partículas enunciativas (*ran*, *rat*, *kue*) ou indicadoras de aspecto-modo-tempo (*aru* e *raʔin*), são as

principais estratégias usadas para focalizar constituintes em um enunciado negativo, conforme apresentaremos a seguir.

6.3.1 A focalização do primeiro actante ou actante único

As estratégias empregadas para focalizar o primeiro actante ou o actante único em enunciados negativos são as mesmas usadas para focalizá-los em enunciados afirmativos, conforme parágrafo acima; entretanto, como a negação apresenta o traço inerentemente focal, o emprego do morfema *nekē* ou *tí* e das partículas enunciativas *ran*, *rat*, *kue* podem não correr. Vejamos nos exemplos abaixo.

- (18) *ĩ uito ĩ tí ran* // a - tí - hi?u
 NEG. ‘eu’ NEG. pt.enf. pt.enunc. 1sg. + At.I + ‘beber’
 1° Actante

sapo
 ‘guaraná ralado’
 2° Actante

“NÃO FUI EU // que bebi guaraná ralado.”

- (19) *ĩ uruto ĩ nekē* // uru - i - pik oken ĩpi
 NEG. ‘nós’ NEG. pt.enf. 3I.excl. + At.I + ‘quebrar’ ‘porta’
 1° Actante 2° Actante

“NÃO FOMOS NÓS // que quebramos a porta.”

- (20) *ĩ en ĩ nekē* // e - tu - nu? meikowat wa?ã
 NEG. 2sg. NEG. pt.enf. 2sg.+ At.I + ‘fazer’ ‘esta’ ‘panela’
 1°actante 2° actante

“NÃO FOI VOCÊ // que fez esta panela.”

Em (18) o foco é assumido por *uito* (“eu”) e o tópico por *atihizu sapo* (“eu bebi sapo”). Sintaticamente, o foco (*uito*) assume a função de primeiro actante e o papel semântico de agente; o tópico, por sua vez, é constituído pelo predicado *atihizu* na voz ativa e pelo segundo actante *sapo*, que semanticamente é o paciente do processo expresso pelo verbo.

Em (19) o foco é assumido por *uruto* (“nós”) e o tópico por *uruipik oken ĩpi* (“quebramos a porta”). Sintaticamente, o foco (*uruto*) assume a função de primeiro actante e

o papel semântico de agente; e, o tópico é constituído pelo predicado *uruipik* na voz ativa e pelo segundo actante *okenipí*, que é o paciente do processo expresso pelo verbo.

Em (20) o foco é assumido por *en* (“você”) e o tópico por *etunuŋ meikowat waŋa* (“você fez essa panela”). Sintaticamente, o foco (*en*) assume a função de primeiro actante e o papel semântico de agente; e, o tópico é constituído pelo predicado *uruipik* mais o demonstrativo *meikowat* seguido do segundo actante *waŋa*, que por sua vez, assume o papel semântico de paciente, é o constituinte afetado pelo processo expresso pelo verbo ‘fazer’.

Assim como nos enunciados afirmativos, a estratégia usada para focalizar o primeiro actante nesses enunciados foi a posição em início de enunciado, a entonação ascendente e o emprego das partículas *ti + ran*, em (18), e *nekē* em (19) e (20).

Nesses enunciados o primeiro actante focalizado faz referência à *primeira* (singular em 18, plural em 19) e à *segunda pessoa agentiva* (20); o que não implica mudança de voz, fato que ocorre quando o primeiro actante focalizado faz referência a *terceira pessoa agentiva*. Ou seja, o mesmo processo que ocorre na focalização do primeiro actante em enunciados afirmativos biactanciais quando o primeiro actante focalizado fizer referência à *terceira pessoa agentiva* também ocorrerá nos enunciados negativos, conforme ilustram os exemplos abaixo (sem e com focalização).

Enunciado afirmativo **sem** focalização do participante agente – primeiro actante – voz ativa:

(21) *joão* \emptyset - **ti** - *ʔauka* *moi*
 João 3sg. + **At.** + ‘matar’ cobra

“João matou a cobra.”

Enunciado negativo **com** focalização do participante agente – segundo actante - voz inversa:

(22) **ĩ** *João* **ĩ** *nekē* // \emptyset - **i** - *ʔauka* *moi*
 NEG. João NEG. pt.enf. p. 3 + **Inv.** + ‘matar’ ‘cobra’

“NÃO FOI POR JOÃO // que a cobra foi morta.”

No enunciado (22), a focalização do participante agente *João* ocorre pelo emprego do morfema *nekē*. Para focalizar esse participante, houve um processo de mudança de voz, ou seja, a voz ativa, marcada pelo prefixo *-ti-*, em (21), passa à voz inversa, marcada pelo prefixo *-i-*, em (22). Aqui, essa mudança de orientação do verbo (voz), também implica uma mudança da função actancial dos participantes, isto é: o participante agente deixa de ser o primeiro

actante e passa à função sintática de segundo actante e o paciente passa a ser o primeiro actante; porém, o agente continua sendo o termo focalizado do enunciado. Quanto ao prefixo de 3ª pessoa conforme já apresentado no exemplo (11) do item anterior, embora apresente a mesma forma (Ø-) em (21) e (22), este faz referência a distintos paradigmas: em (21) faz referência ao paradigma de prefixos agentivos e em (22), ao paradigma de prefixos não-agentivos.

Além da focalização de constituintes em enunciados biactanciais é importante ilustrar a focalização em um enunciado uniactancial, conforme (23) abaixo.

(23) *ʔ aito ʔ* // mesūwat ii tote
 NEG. 1Incl. NEG. pron. dem. ‘terra’ posp.
 Actante único

wa - tu - we - rohik
 1incl. + Méd.I + Refl. + ‘comandar’

“NÃO SOMOS NÓS // nesta terra que nos comandamos.”

Nesse enunciado o foco é *aito* e o tópico é *mesūwat ʔ tote watuwerohik* (“nesta terra nós nos comandamos”). Sintaticamente, o foco assume a função de actante único; já o tópico é constituído pelos seguintes termos: pelo circunstante indicador de espaço *mesūwat ʔ tote* mais predicado *watuwerohik*.

Neste exemplo, é importante destacar que não houve o emprego de morfemas enfáticos nem partículas enunciativas; a estratégia utilizada para focalização foi a posição em início de enunciado aliada à entonação ascendente.

6.3.2 A focalização do segundo actante

A focalização de um constituinte na função de segundo actante em asserções negativas é realizada com as mesmas estratégias empregadas para focalizá-lo em asserções afirmativas, ou seja, mudança da sua posição canônica, que é depois do verbo, para a primeira posição do enunciado, conforme mostram os exemplos de (24) a (26) abaixo.

(24) *ʔ wasa ʔ nekē* // iasmim Ø - ti - hiʔu
 NEG. ‘açai’ NEG. pt.enf. Yasmim 3sg. + At.I + ‘beber’
 2º actante 1º actante

“NÃO FOI AÇAÍ // que Yasmim bebeu.”

- (25) *ḥ s̄ari ḥ nekē* // jonias Ø - ti - ḥauka
 NEG. ‘formiga’ NEG. pt.enf. Jonias 3sg. + At.I + ‘matar’
 2º actante 1º actante

“NÃO FOI FORMIGA // que Jonias matou.”

- (26) *ḥ awaiḥa ḥ ti ran* // valmira Ø - Ø - tei
 NEG. ‘cará’ NEG. pt.enf. pt.enunc. Valmira 3sg.+ At. I + ‘assar’
 2º actante 1º actante

“NÃO FOI CARÁ // que Valmira assou.”

Em (24), (25) e (26), tem-se construções biactancias, nas quais o segundo actante é o termo focalizado por meio do emprego das estratégias: posição focal em início de enunciado, entonação ascendente e uso dos morfemas *nekē* em (24) e (25) e *ti + ran* em (26).

Em (24) o foco é assumido por *wasa ḥ* (“açai”) e o tópico por *iasmim tihḥu* (“Yasmim bebeu”). Sintaticamente, o foco assume a função de segundo actante e o papel semântico de paciente; e, o tópico é constituído pelo primeiro actante/agente *iasmim* e pelo predicado ativo *tihḥu*.

Em (25) o foco é assumido por *s̄ari* (“formiga”) e o tópico por *jonias ti ḥauka* (“Jonias matou”). Sintaticamente, o foco assume a função de segundo actante e o papel semântico de paciente; e, o tópico é constituído pelo primeiro actante/agente *jonias* e pelo predicado ativo *ti ḥauka*.

Em (26) o foco é assumido por *awaiḥa* (“cará”) e o tópico por *valmira teḥ* (“Valmira assou”). Sintaticamente, o foco assume a função de segundo actante e o papel semântico de paciente; e, o tópico é constituído pelo primeiro actante/agente *valmira* e pelo predicado ativo *teḥ*.

6.3.3 A focalização do circunstante

A focalização de um termo na função de circunstante em asserções negativas também é feita, principalmente, pela mudança da sua posição canônica, ou seja, da posição final do enunciado à primeira posição do enunciado, conforme mostram os exemplos (27) e (28) abaixo.

- (27) *ʃ ukʃ puat ʃ raʃn // miŋkaʔu a - tu - ʔu*
 NEG. sal pelo NEG. Asp. ‘mingau’ 1sg. + At.I + ‘comer’
 Circunstante

“NÃO FOI COM SAL // o mingau que eu comi.”

- (28) *ʃ ʎaʔatpo ʃ ti ran // ana Ø - tu - ʔu*
 NEG. ‘ontem’ NEG. pt.enf. pt.enunc. Ana p. 3 + At. I + ‘comer’
 Circunstante 1º Actante

*sahai*⁹⁴
 ‘formiga saúva’
 2º actante

“NÃO FOI ONTEM // que Ana comeu saúva.”

Em (27) e (28), tem-se construções biactancias, nas quais os termos que assumem a função de *circunstante* são focalizados. O circunstante no enunciado (27) foi focalizado a partir das seguintes estratégias: deslocamento da posição canônica pós-verbal para a posição focal de início de enunciado, aliada a uma entonação ascendente. Já no enunciado (28), além do emprego destas estratégias houve o emprego da partícula enfática *ti* e da partícula enunciativa *ran* após o circunstante focalizado

Em (27), o foco é *ukʃ puat* (“com sal”) e o tópico é *miŋkaʔu atu ʔu* (“o mingau que eu comi”). O foco (*ukʃ puat*) assume a função sintática de circunstante, que semanticamente indica o modo como o mingau foi ingerido pelo enunciador; já o tópico, este é constituído pelo segundo actante/paciente *miŋkaʔu* e pelo predicado *atu ʔu*, no qual o índice actancial de primeira pessoa encontra-se afixado.

Em (28), o foco é *ʎaʔatpo* (“ontem”) e o tópico é *Ana tu ʔu sahai* (“Ana comeu saúva”). O foco (*ʎaʔatpo*) assume a função sintática de circunstante, que semanticamente indica uma circunstância temporal “ontem”; já o tópico, este é constituído pelo primeiro actante/ agente *Ana*, pelo predicado *tu ʔu* e pelo segundo actante/paciente *sahai*.

⁹⁴ *Sahai*, conhecida em português como ‘saubataia’ é uma espécie de formiga, comida típica dos Sateré-Mawé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

(Paulo Freire)

Realizada à luz da estratégia metodológica da pesquisa-ação, com base, principalmente, nos pressupostos teóricos do Funcionalismo Estrutural (MARTINET, 1978; HAGÈGE, 1982; LAZARD, 1994; CREISSELS 2006 e 2010), essa dissertação apresenta os resultados de uma descrição mais aprofundada da negação em Sateré-Mawé.

Para este estudo partimos de uma definição lógica, na qual a *negação* é um mecanismo morfossintático que, aplicado a um enunciado, inverte seu valor de verdade (CREISSELS, 2006 e TOURATIER, 2007), sendo que esses mecanismos de manifestação da negação nas línguas apresentam-se de maneira diversa, seja no plano lexical ou no gramatical. Assim sendo, adotamos a proposta de Creissels (2006), que considera a *negação de frase* primordial para a compreensão do funcionamento da negação em uma dada língua, pois é a análise desse tipo de negação que permite chegar aos diferentes mecanismos morfossintáticos, isto é, às diversas *formas linguísticas* - partículas, morfemas, auxiliares de negação ou supressão de formas etc. - que têm a função de negar em uma determinada língua.

Creissels (2006) considera *frase negativa* todo enunciado que apresenta uma negação, podendo esta apresentar uma incidência variável, não limitada ao grupo verbal, pois segundo este autor, a negação é ordenada e determinada por cada sistema linguístico em particular, cujas variações de incidência podem ser condicionadas tanto pela natureza morfossintática dos indicadores de negação, quanto pela forma como cada língua organiza a focalização.

A partir da análise de nosso *corpus* constatamos que a *negação de frase* em Sateré-Mawé se realiza mediante o emprego de diferentes morfemas descontínuos, a saber: *ḡ...ḡ* empregado para negar *enunciados assertivos*; *ḡ...teiḡ* empregado para negar *enunciados imperativos*; e, *ḡ...te* empregado para negar *enunciados optativos*.

Esses morfemas funcionam como partículas negativas e caracterizam como negativos os enunciados em que figuram (cf. CREISSELS, 2006), delimitando a incidência da negação

sobre um termo ou vários termos do enunciado; esses morfemas não podem ser analisados como *circunfixo*, pois não funcionam como *formas presas*, afixados a uma base, mas como *formas dependentes* (cf. CÂMARA Jr. 1999), já que entre o segmento inicial e o final da negação vários termos do enunciado podem ser inseridos.

O emprego do morfema *ʃ...ʔ* é o mais recorrente em nosso *corpus* e sua incidência sintática é variável (cf. CREISSELS, 2006), podendo ocorrer sobre o predicado, cujo núcleo pode ser um verbo, um constituinte nominal ou posposicional; como também sobre um dos *actantes* ou *circunstantes* do enunciado, focalizando-os.

O emprego de *ʃ...ʔ* também pode incidir sobre o predicado e seus determinantes, ou seja, sobre o verbo flexionado + um determinante modal. Os determinantes modais mais encontrados no *corpus* foram: *hĩn* (“pouco”), *kahato* (“muito”), *kuap* (“saber/poder”) e *teran* (“querer”), sendo que não foi possível, neste trabalho, apresentar uma análise aprofundada desses determinantes, o que pretendemos realizar brevemente.

Quanto aos enunciados imperativos, estes são negados com o emprego do morfema *ʃ...teiʔ* e indicam que o locutor dirige-se ao(s) interlocutor(es) para dar-lhe(s) uma ordem, exigindo obrigatoriedade na realização do processo denotado pelo verbo; já os enunciados optativos, estes são negados pelo emprego de *ʃ...te* e indicam que o locutor dirige-se ao(s) interlocutor(es) para dar-lhe(s) um conselho, fazer-lhe(s) um pedido ou para manifestar um desejo, ficando a realização ou não do processo denotado pelo verbo à critério do(s) interlocutor(es).

Ainda no âmbito deste trabalho, apresentamos uma análise preliminar da organização do enunciado no nível enunciativo-hierárquico (cf. HAGÈGE, 1982 e CREISSELS 2006 e 2010). A partir dessa análise, constatamos que a negação em sateré-mawé apresenta o traço inerentemente *focal*. Ou seja, o termo sobre o qual incide sintaticamente a negação, é o termo focalizado. Assim sendo, esse morfema, além de marcar a negação, funciona como um operador de foco aliado às outras estratégias empregadas para focalizar nessa língua, a saber: a) colocação do termo focalizado em início de frase, ou antes do verbo, aliada à entonação ascendente; b) adição dos morfemas: *nekē* ou *ti* após o termo focalizado, sendo que este último é geralmente seguido de uma das diferentes partículas enunciativas (*ran*, *rat*, *kue*) ou indicadoras de aspecto-modo-tempo (*aru* e *raʔin*).

Esses foram os principais resultados obtidos nesta pesquisa, os quais respondem aos objetivos propostos, ou seja: (a) descrição e análise dos morfemas de negação da Língua Sateré-Mawé e análise de seu estatuto categorial; (b) descrição e análise dos diferentes parâmetros envolvidos na seleção dos morfemas de negação; (c) descrição e análise da negação dos diferentes tipos de enunciados; e (d) descrição e análise do funcionamento da negação de constituintes.

Pretende-se com esses conhecimentos sistematizados, auxiliar os professores indígenas na elaboração de material didático, visando contribuir para a melhoria do ensino da língua materna nas séries mais adiantadas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio nas Escolas Sateré-Mawé.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2005, p. 97-141.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 1989, p. 220-242.

CÂMARA Jr, Joaquim. M. **Estrutura da língua Portuguesa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora: Vozes, Ltda, 1999.

CAMPBELL, Lyle. **Classification of the Indigenous Languages of South America**. In: curso de Linguística Histórica “Avances y Retos en la Clasificación de las Lenguas Indígenas de Sud América”. Universidade de Brasília, Outubro de 2011. (texto recebido das mãos do autor).

CARDOSO, Valéria Faria. **Aspectos morfossintáticos da língua Kaiowá**. Tese de Doutorado, 2008. Biblioteca digital da UNICAMP. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=000431965&fd=y>>. Acesso em: Janeiro de 2011.

COSTAOUEC, Denis & GUÉRIN, Françoise. **Syntaxe fonctionnelle: théorie et exercices**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2007.

CREISSELS, Denis. **Syntaxe générale une introduction typologique 2**. Paris: Lavoisier, 2006, p. 128-166, 109-127, 167-181.

CREISSELS, Denis. **Negation et focus preverbal**. In: CNRS Editions, 2010, p.81-100. Disponível em: <<http://www.deniscreissels.fr/public/Creissels-neg.foc.prev.pdf>>. Acesso em: Janeiro de 2011.

DE HEREDIA, Christine. Do bilinguismo ao falar bilíngue. In: VERMES, G. e J. Boutet (orgs.). **Multilinguismo**. Campinas: UNICAMP, 1989. p.117-219.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. **La langue Sateré-Mawé: description et analyse morphosyntaxique**. (Tese de doutorado). Paris: 1999.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo (coord.). O Sistema verbal em Sateré-Mawé: In: JORNADA DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO GELNE, 18. Salvador: **Programas e resumos do GELNE**, 2000.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. A voz inversa em Sateré-Mawé: In: ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO DE LÍNGUAS INDÍGENAS, 1. Belém: **Atas I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL**, Editora da UFPA, 2001.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. Língua Sateré-Mawé: Relato de um projeto de pesquisa-ação. In: COSTA, Consuelo de Paiva Godinho (org.). **Pensando as Línguas Indígenas na Bahia**. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2011.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo (coord.). Estrutura actancial em mawé. In: **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**. Brasília: 2011. No prelo.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo (coord.). Estrutura actancial em Sateré-Mawé. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2. **Programas e resumos**. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 2001.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo. Os demonstrativos em Sateré-Mawé. In: RODRIGUES, Aryon D. & CABRAL, Camara Arruda Suely, Ana. (orgs.). **Novos estudos sobre línguas indígenas**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2005.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo (coord.). As posposições em Sateré-Mawé. **Revista ReVEL**. Edição especial n.3, 2009. ISSN 1678-8931. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/16/artigos/revel_especial_3_as_posposicoes_em_sater_e.pdf>. Acesso em: março de 2010.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo (coord.). A orientação e o aspecto verbal em Sateré-Mawé. **Revista de Estudos Linguísticos**. Belo Horizonte, v.18, n.1, p. 165-186, 2010. Disponível em: <<http://relin.letras.ufmg.br/revista/upload/Relin18-08-DulceFranceschini.pdf>>. Acesso em: março de 2010.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo (coord.). Os valores da voz média em Sateré-Mawé. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS E CULTURA TUPI, 1. **Línguas e Culturas Tupi**. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2007.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo (coord.). **Línguas indígenas e português: contato ou conflito de línguas? Reflexões acerca da situação dos Mawé**. Uberlândia, 2010. Não publicado.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo (coord.). **Satere-Mawe pusu aã kukaã**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo (coord.). **Wahemeikowo tuerüt aheko**. Barcelona Espanha: Càtedra Unesco de Llengües i Educació, 2007.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo (coord.). **Sateré-Mawé miwan pakup**. João Pessoa; Parintins (AM): Editora da Universidade Federal da Paraíba, Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas, 2008.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo (coord.). **Wantym sa'awy etiat**. Brasília: MEC, 2000.

FRANCESCHINI, Dulce do Carmo (coord.). **Warana sa'awy etiat**. Brasília: MEC, 2000.

HAGÈGE, Claude. **La structure des langues**. Paris: 1982.

ILARI, Rodolfo. **Perspectiva funcional da frase portuguesa**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992 .

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Povos Indígenas no Brasil: Troncos e famílias**, 1997. Disponível em < <http://piib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/linguas/troncos-e-familias>>. Acesso 15 de dezembro de 2010.

LAZARD, Gilbert. **L'actance**. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

LORENZ, Sônia da Silva. **Os filhos do guaraná**. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 1992.

MAGALHÃES, Marina Maria Silva. **Sobre a morfologia e a sintaxe da língua Guajá (família Tupí-Guarani)**. Brasília: 2007 (tese).

MARTINET, André. **Elementos de linguística geral**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

MELLO, Heloísa Augusta Brito de. **O falar bilíngue**. Goiânia: UFG, 1999.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000, p. 285-331.

PAYNE, T. E. **Describing morphosyntax: a guide for field linguists**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p. 282-295.

PEREIRA, Nunes. **Os índios Maués**. Manaus: Editora Valer e Governo do Estado do Amazonas, 2003.

PERINI, Mário A. **Princípios de linguística descritiva**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PERINI, Mário A. **Estudos de gramática descritiva: as valências verbais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

POTTIER, Bernard. **Sémantique général**. Paris: Universitaires de France, 1992, p. 204-223.

PRAÇA, Walkíria Neiva. **Morfossintaxe da língua Tapirapé**. Brasília: 2007 (tese).

QUEIXALÓS, F. & RENAULT, O. (orgs). **As línguas amazônicas hoje**. São Paulo, 2000.

RODRIGUES, Aryon D. **Línguas brasileiras: Para o conhecimento das Línguas Indígenas**. São Paulo: Loyola, 2002.

RODRIGUES, Aryon D. Panorama das Línguas Indígenas da Amazônia. In: Queixalós & O. Renault. (orgs). **As línguas amazônicas hoje**. São Paulo, 2000.

RODRIGUES, Aryon D. A originalidade das línguas indígenas Brasileiras. **Conferência realizada na UNB** em 8 de julho, Brasília, 1999. Disponível em: <<http://biblio.etnolinguistica.org/aryon>>. Acesso em: 10 de maio 2009.

RODRIGUES, Aryon D. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. **Revista Ciência e Cultura, São Paulo, v. 57, n. 2, 2005**. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 julho 2010.

SEKI, Lucy. **Gramática do Kamaiurá: Tupi-Guarany do Alto Xingu**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2000, p. 329-341.

SILVA, Raynice Geraldine Pereira da. **Estudo morfossintático da Língua Sateré-Mawé**. Campinas, SP, 2010 (tese).

SPOLADORE, Fernanda Ferreira. **A interrogação em Sateré-Mawé**. Uberlândia, MG: Editora da UFU, 2011 (Dissertação de mestrado).

TEXEIRA, Pery. (org.). **Sateré-Mawé: retrato de um povo indígena**. Manaus: UNICEF, 2005.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1994.

TOURATIER, C. & ZAREMBA, C. (orgs.). **La négation**. Publications de L'Université de Provence, 2007.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Universidade de Murdoch, Austrália, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>>. Acesso em: Dezembro 2010.

VIEIRA, Marcia Maria Damaso. A negação sentencial em línguas da família tupi-guaraní. In: RODRIGUES, Aryon D. & CABRAL, Ana Suely Câmara Arruda (orgs.). **Línguas e culturas tupi**. Campinas: Editora Curt Nimuendajú; Brasília: LALI/UNB, 2007.

WERNER, Kelly C. Granzotto. **Estudo da enunciação e a formação do professor de línguas**. Disponível em < http://www.ufsm.br/lec/02_04/Kelly.htm >. Acesso maio de 2009.

ANEXOS

ANEXO A: Encontro Educação para Saúde, São Bento/Rio Andirá, 2011.



ANEXO B: segunda viagem a campo, Andirá, 2011.



Estudo e reflexão sobre a Língua Sateré-Mawé, Simão, 2011.



Após estudo e reflexão sobre a Língua Sateré-Mawé, Simão, 2011.



Após estudo e reflexão sobre a Língua Sateré-Mawé, Simão, 2011.



Aula de Tecelagem para crianças, Musuempo, 2011.